

4. Arqueologia romana da Alcáçova

4.1. Síntese dos trabalhos arqueológicos realizados

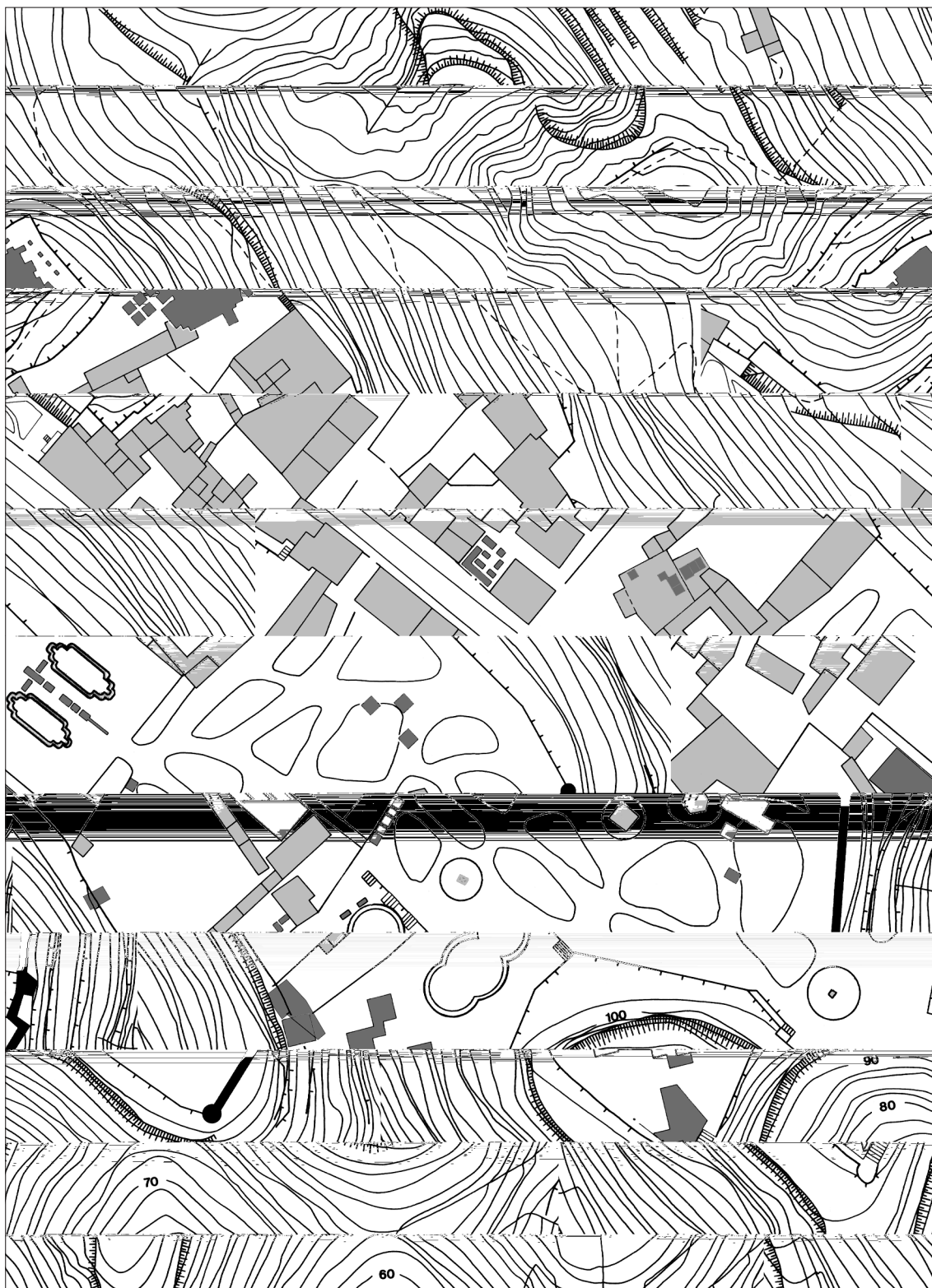
Os trabalhos arqueológicos na Alcáçova de Santarém iniciaram-se em 1979, com a abertura de uma sondagem por parte da associação local de defesa do Património (Associação para o Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém). Prosseguiram de 1983 a 1991 com um Projecto de Investigação da responsabilidade de Ana Margarida Arruda. Data deste período a abertura de uma série de quadrados, em áreas previamente seleccionadas, quer na área do Horto, quer no Jardim propriamente dito (Cortes 1 a 9), seguindo-se a metodologia de Wheeler-Ferdière, com o sistema de *banquettes*.

Dada a necessidade de justificar a inadequação da alteração proposta para o pavimento da Igreja de Santa Maria de Alcáçova, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi necessário proceder a escavações de carácter preventivo, no interior do edifício. Estes trabalhos decorreram entre 1992 e 93, sob minha responsabilidade, enquanto Arqueóloga Municipal. A partir de 1994/95, tem início a colaboração com Ana Margarida Arruda, na direcção das intervenções na Alcáçova. Desde esta data os trabalhos deixam de ser realizados em áreas previamente seleccionadas e com o objectivo de dar resposta a determinadas questões científicas, passando a ser ditados, essencialmente, pela necessidade de realização de obras de carácter público ou privado, que tiveram lugar na Alcáçova. Assim, são destes anos as intervenções no templo romano de *Scallabis* e a re-escavação das cisternas romanas, junto da muralha da Alcáçova virada à Estrada de Alfange.

Desde 1998 que decorre na Unidade de Arqueologia da Faculdade de Letras o projecto de Investigação plurianual: “A ocupação da Alcáçova de Santarém desde a Idade do Ferro até à Época Romana” (PALCAS), financiado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA), em que passou a ser possível tratar, inventariar e informatizar, com carácter sistemático, grande parte dos materiais das escavações anteriormente realizadas. Os anos de 1999 e 2000 são marcados por uma intervenção, também de carácter preventivo, mas desta vez seguindo uma metodologia diferente das anteriormente adoptadas. Tratou-se de uma intervenção em área aberta, segundo a metodologia de registo e de escavação proposta por Barker-Harris, que se revelou ser a mais adequada para a compreensão da complexa estratigrafia da Alcáçova. Mais de dois terços da *sigillata* que tratamos é justamente, proveniente desta área.

Todos os trabalhos arqueológicos que decorreram até ao momento contaram com colaboração da Câmara Municipal de Santarém que, através dos seus diversos Departamentos sempre lhes prestou o melhor apoio. Nas diversas fases do projecto de investigação, contou-se também com a colaboração do já referido IPA, do Instituto de Emprego e Formação Profissional, do Instituto Português da Juventude, do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, da Fundação Calouste Gulbenkian e da UNIARQ – Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

A síntese sobre os dados arqueológicos da Alcáçova de Santarém foi, recentemente, elaborada por Ana Margarida Arruda, sobretudo no que diz respeito aos níveis arqueológicos da Idade do Ferro (Arruda, 2000, 2002). Não se volta por isso a descrever a metodologia



☁ - espaço ajardinado

■ - espaço edificado

■ - área escavada.

0 10 20 30 40 50M

FIG. 4 – Planta do Planalto da Alcáçova de Santarém com a totalidade das áreas escavadas (segundo Arruda, 2002, p. 139, modificado).

adoptada nas diferentes fases do trabalho de campo, procurando-se sintetizar os dados já conhecidos. Completam-se, aqui, as informações, com particular destaque para os dados estratigráficos do período romano. Por outro lado, nunca é demais recordar os principais elementos caracterizadores da estratigrafia observada em Santarém. Verifica-se que, nas diversas áreas que foram escavadas, os níveis antigos, sidéricos e romanos, se encontram bastante afectados pelas ocupações posteriores. Efectivamente, a intensa ocupação islâmica da Alcáçova é testemunhada por um abundante espólio cerâmico, e por inúmeras fossas ou silos que foram escavados nos níveis arqueológicos anteriores, atingindo mesmo, em muitos casos, a rocha de base, que também perfuram. Estas perturbações destruíram ou contaminaram seriamente grande parte das unidades estratigráficas de época antiga, dificultando a sua correcta apreciação e leitura. Para além das movimentações de terras efectuadas em época islâmica, as construções posteriores a este período, nomeadamente de habitações e sobretudo de estruturas de armazenamento e captação de água (cisternas e poços), constituíram também causa de importantes revolvimentos de terras.

A apresentação da estratigrafia do período romano faz-se num primeiro momento, através da descrição das unidades estratigráficas existentes, a que se segue a interpretação das realidades observadas e sua datação. A cronologia absoluta destes estratos obteve-se pela conjugação das informações das cerâmicas, possível, para as campanhas anteriores a 1999, através de consultas à base de dados informatizada que reúne o Inventário Geral da Alcáçova. A base para a obtenção de datação para as Unidades Estratigráficas [UE] de 1999 foi, naturalmente, para além da sua posição estratigráfica, a cronologia da *terra sigillata*, não tendo sido possível confrontar os dados obtidos, com todos os outros elementos datantes.

A **figura 4** mostra a Alcáçova de Santarém com as diferentes áreas escavadas. Para efeitos de estudo pode dividir-se, tal como o fez Ana Margarida Arruda (2000), o conjunto de cortes e sondagens escavados desde 1983, adicionando-se a informação relativa à intervenção arqueológica que teve lugar no interior da Igreja de Santa Maria de Alcáçova e os dados recentes das escavações que tiveram lugar em 1999 e 2000. São as seguintes as áreas escavadas:

1. Área do horto do Jardim;
2. Escavações no Jardim;
3. Escavações na Igreja de Santa Maria de Alcáçova;
4. Escavação do Templo;
5. Escavação no Largo da Alcáçova;
6. Escavações de 1998 na Av. 5 de Outubro n° 9;
7. Escavações de 1999 e 2000 na área dos antigos viveiros.

4.2. Definição da estratigrafia. Período Romano

4.2.1. Área do horto do Jardim

A intervenção arqueológica nesta área teve lugar nas campanhas de 1983 a 1987, tendo-se escavado diversas quadrículas que se distribuíam pelos cortes 1 - quadrados E15, F15, E16, F16, G16, G17, H17, G18 e H18; corte 2 – quadrados J7, H8, I8, J8, K8, I9, J9, K9, I10, J10, K10, I11 e J 11; corte 3 – quadrados A17, B17, A18 e B18 e escavação de áreas contíguas às cisternas em 1995; e corte 4 – quadrados J13, K13, I14 e J14.

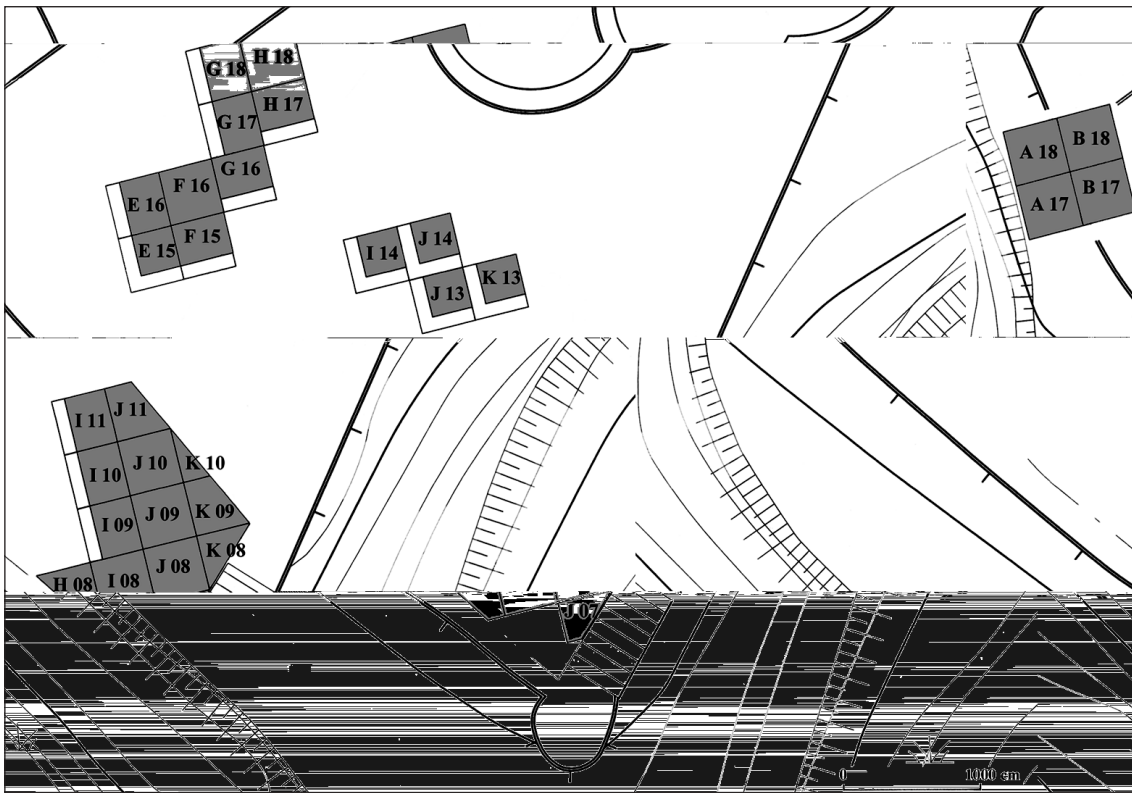


FIG. 5 – Localização, na planta da Alcáçova de Santarém, das áreas escavadas no Horto do Jardim – Cortes 1, 2, 3 e 4.

4.2.1.1. Corte 1

No **corte 1** “a ocupação romana imperial estava apenas parcialmente conservada em E15 e F15, tendo esta sido responsável pela destruição dos níveis anteriores, neste caso romanos republicanos e dos pertencentes à Idade do Ferro” (Arruda, 2000, p. 6-87). Em E15, esta ocu-

pação correspondia ao nível 3 e circunscrevia-se a uma área muito restrita e de difícil caracterização. Em F15 registou-se a seguinte estratigrafia:

Nível 1

Formado por entulhos de terras cinzentas, idêntico, quanto à constituição, à textura e à formação aos verificados em E16 e F16.

Nível 2

Potência de 1,20 m junto à banquete oeste. Era constituído por sucessivas camadas de entulhos de cor castanha mais clara com cerâmicas diversas.

Estruturas A e B dois muros medievais, que depois de registados foram desmontados.

Níveis 2A e 2B

Situados no mesmo plano que o nível 3, restringem-se aos cantos noroeste e sudeste e correspondem a camadas arqueológicas caracterizadas por terras acinzentadas com abundantes materiais de construção (telhas) e cerâmicas medievais ou modernas.

Nível 3

Era formado pelas terras que se situavam entre estes dois muros e caracterizava-se por uma terra amarelada ou castanha clara onde se encontraram restos de construções romanas (fragmentos de *opus signinum*) e abundante espólio cerâmico também deste período.

Nível 3 A

É um pavimento constituído por seixos angulosos e muitos fragmentos de cerâmica (comum, cerâmica da Idade do Ferro e *terra sigillata*) e argila, que corresponde ao suporte de um pavimento de *opus signinum*. Este pavimento circunscrevia-se à área sudoeste da quadrícula.

Nível 4

Constituído por terras onde existia abundante cerâmica romana de construção (*tegulae e imbrices*) alguma ainda ligada por uma argamassa amarelada. A parte inferior deste nível (cerca de 10 cm) era composta por um nível de terras muito heterogéneo quanto à sua consistência e coloração. Não continha espólio arqueológico.

Nível 5

Consistia numa camada de terra de cor castanha escura, muito homogénea que continha também poucos materiais arqueológicos bastante fragmentados.

Os dados relativos aos materiais arqueológicos mostram que no nível 3 são abundantes e diversificadas as cerâmicas romanas. No que diz respeito à *terra sigillata*, esta é maioritariamente de proveniência sudgálica e itálica, existindo algumas peças com forma identificada, além de um fragmento de *sigillata* hispânica da forma Drag. 15/17 (século II) e outro de *sigillata* clara D – um fundo de uma forma Hayes 59 ou 61- portanto datado de meados do século IV. Contrariando a aparência, a interpretação destes dados não é simples nem linear. A diversidade cronológica das cerâmicas finas aqui presentes aponta para uma unidade estratigráfica muito pouco homogénea. Julgo que se está na presença da destruição de níveis de *habitat* romanos, de meados do século I, documentados pela

abundante *sigillata* sudgálica, existindo duas hipóteses para a cronologia do momento em que se deu esta destruição. Se considerarmos a cerâmica mais recente (*sigillata* clara D), esta ter-se-á verificado em meados/finais do século IV. Por outro lado, deve realçar-se que a existência de níveis de enchimento de fossas islâmicas a nordeste e a sudeste (níveis 2 A e 2B) pode e explicar a presença deste único fragmento de *sigillata* clara D, devendo então recuar-se a cronologia da referida destruição para o século II, agora com base no fragmento de *sigillata* hispânica.

Para o nível 3 A, propõe-se a cronologia de meados do século I, dada a existência de *terra sigillata* itálica e sudgálica da forma Drag. 24/25.

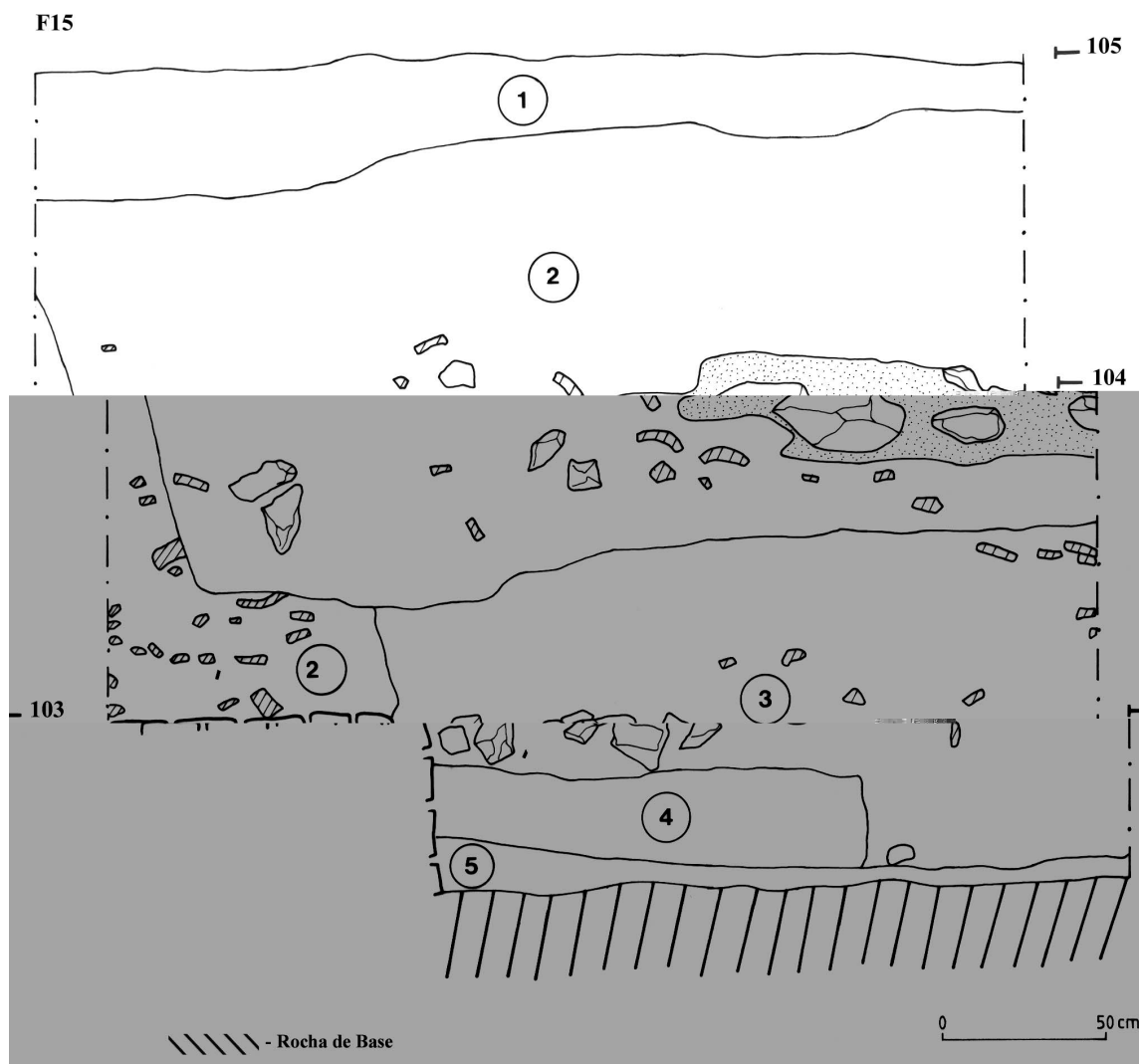


FIG. 6 – Perfil norte do Quadrado F15 do Corte I.

Em E16 e F16, a construção de um poço cisterna medieval levou à total destruição dos níveis anteriores tendo-se observado apenas dois níveis arqueológicos com entulhos medievais, modernos e contemporâneos (Arruda, 2002, p. 146).

O quadrado G 16 estava muito afectado pela construção de um silo em época islâmica, tendo-se apenas conservado níveis de época romana alto imperial nos cantos do quadrado. No conjunto da estratigrafia observou-se:

- *Nível 1*
Terras castanhas escuras com materiais modernos.
- *Nível 2*
Camadas de enchimento do silo islâmico.
- *Nível 3*
“com cerca de 20 cm de terras amarelas compactas” (Arruda, 2000, p. 6-89).
- *Nível 4*
“de terras castanhas claras muito compactas, que possuía 60/70 cm de espessura e cujo material recuperado permitiu datar do início do reinado de Augusto” (Arruda, 2002, p. 147).
- *Níveis 5 e 6*
Idade do Ferro.
- *Nível 7*
Estéril.

Do nível 3, provém diversa *sigillata* itálica, concretamente uma forma Consp. 1.1, sud-gálica e hispânica.

No nível 4 recolheu-se um denário de *Carisius* além de abundante cerâmica da Idade do Ferro como a cerâmica cinzenta e romana como por exemplo ânforas da Classe 32 e Dressel 1, além de um único fragmento de *terra sigillata* hispânica. Tudo aponta para que este nível se enquadre no início do reinado de Augusto, sendo difícil interpretar a sua formação. Esta deve estar relacionada com um momento de destruição/entulhamento que teve lugar num momento ainda difícil de determinar.

A sequência estratigráfica em G17 era idêntica à anteriormente descrita, igualmente afectada por um silo, diferenciando-se apenas por estarem ausentes quaisquer níveis do período romano, embora restassem ainda vestígios da Idade do Ferro.

No quadrado G18, os níveis sidéricos foram dos que mais informação forneceram sobre a ocupação sidérica de toda a Alcáçova (Arruda, 2002, p. 147).

Importa referir com mais detalhe a estratigrafia do quadrado H17, já que aqui, estavam novamente conservadas camadas da época romana imperial. Em síntese, a estratigrafia era a seguinte (Arruda, 2002, p. 148):

- *Nível 1*
Composto por diversos entulhos e cerâmicas modernas e contemporâneas.
- *Nível 2*
Enchimento de fossa islâmica, com abundante cerâmica e fauna mamalógica assim como carvões e cinzas.
- *Nível 3*
Circunscrito à área nordeste do quadrado, era constituído por terras amareladas compactas com cerâmicas romanas.

- Estrutura A**
 Muro identificado apenas na sua face externa, desenvolvia-se para a área não escavada.

- Níveis 4, 5 e 6**
 Correspondiam a diversas camadas da Idade do Ferro.

- Nível 7**
 Nível geológico estéril.

São escassos os materiais romanos do nível 3, que também ele ocupava uma área reduzida. Trata-se sobretudo de ânforas, quer de produção indeterminada da Bética costeira, quer da Classe 32 e também um fragmento de uma asa de tipo indeterminado de produção do Guadalquivir, além de cerâmica comum romana e da Idade do Ferro. Apesar de serem relativamente escassos, os materiais existentes no nível 3 apontam para uma cronologia do período tardo-republicano. Este nível encontrava-se associado a um muro (estrutura A) igualmente da mesma época.

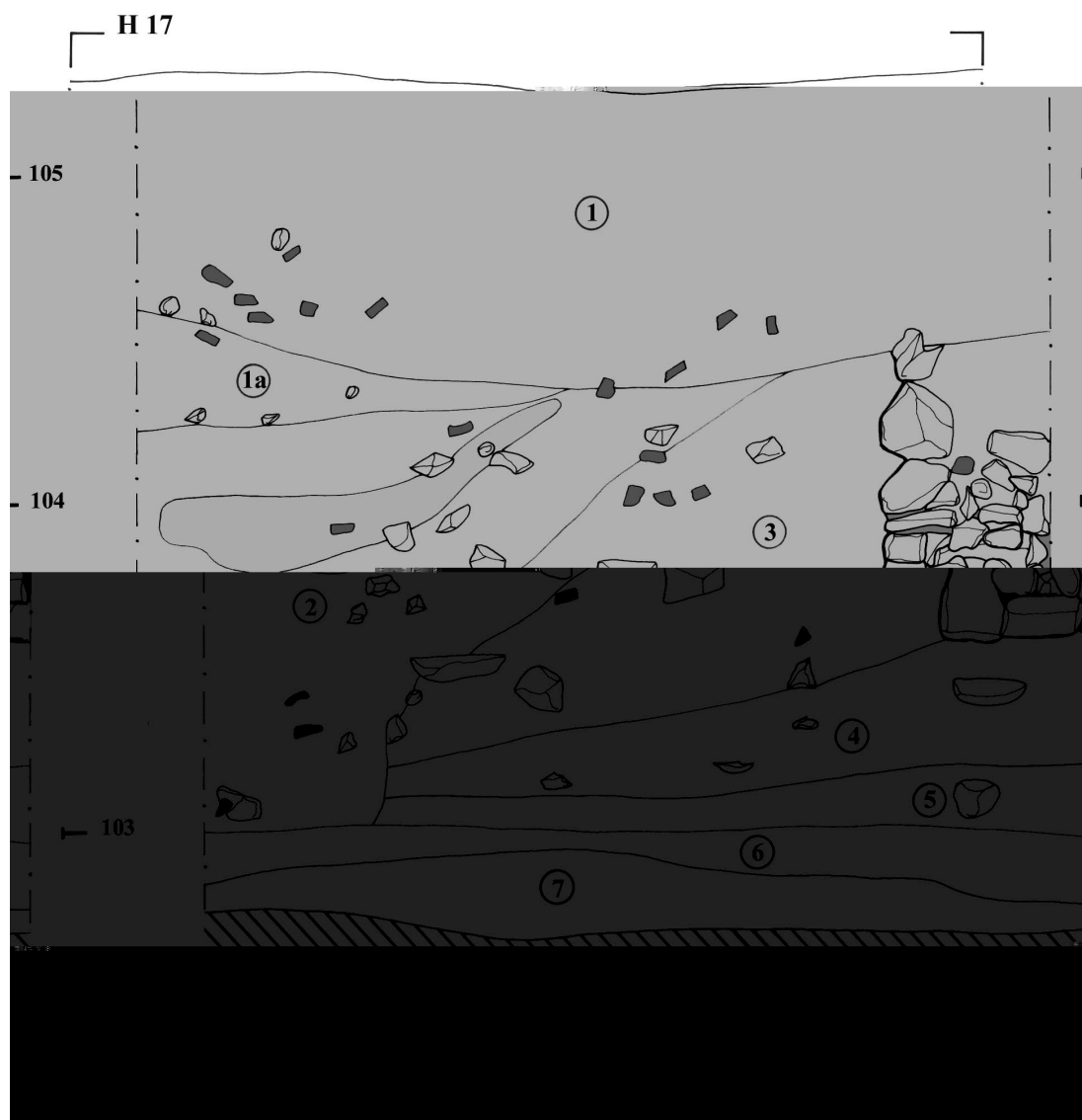


FIG. 7 – Perfil norte do Quadrado H17 do Corte I (segundo Arruda, 2000, p. 6-97).

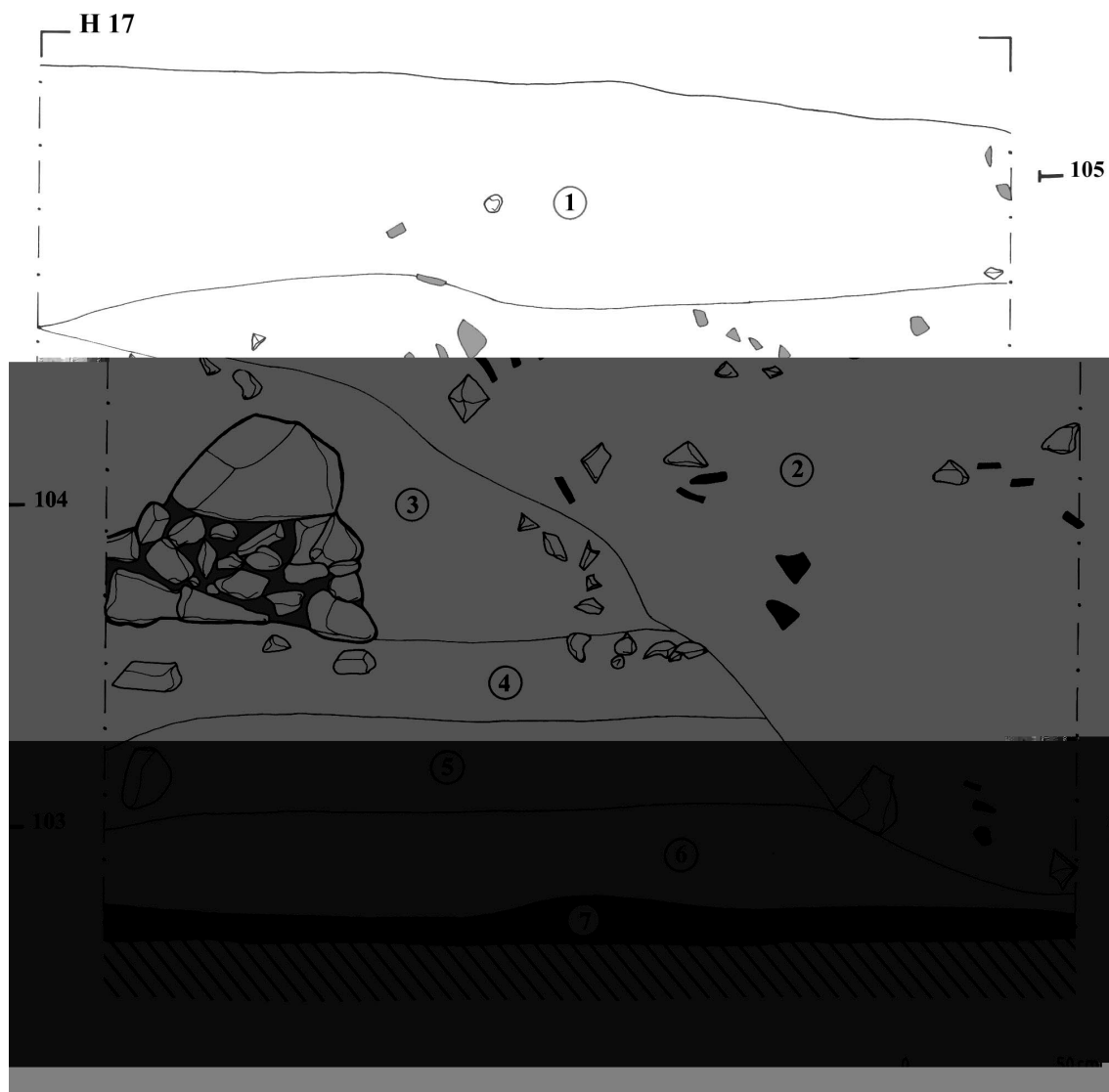


FIG. 8 – Perfil este do Quadrado H17 do Corte I (segundo Arruda, 2000, p. 6-98).

No quadrado H18 detectou-se uma sequência estratigráfica semelhante à do quadrado H17 (Arruda, 2002, p. 148):

- Nível 1**
 Idêntico ao do quadrado H17.
- Nível 2**
 Enchimento de um silo localizado no centro do quadrado.
- Nível 3**
 Conservado apenas lateralmente, a sudoeste, com cerâmicas da época romana.
- Nível 4**
Idem, conservado numa faixa paralela à banquetee oeste.

- Nível 5
 Nível com cerâmicas da Idade do Ferro.

- Nível 6
 Idem.

- Nível 7
 Idem.

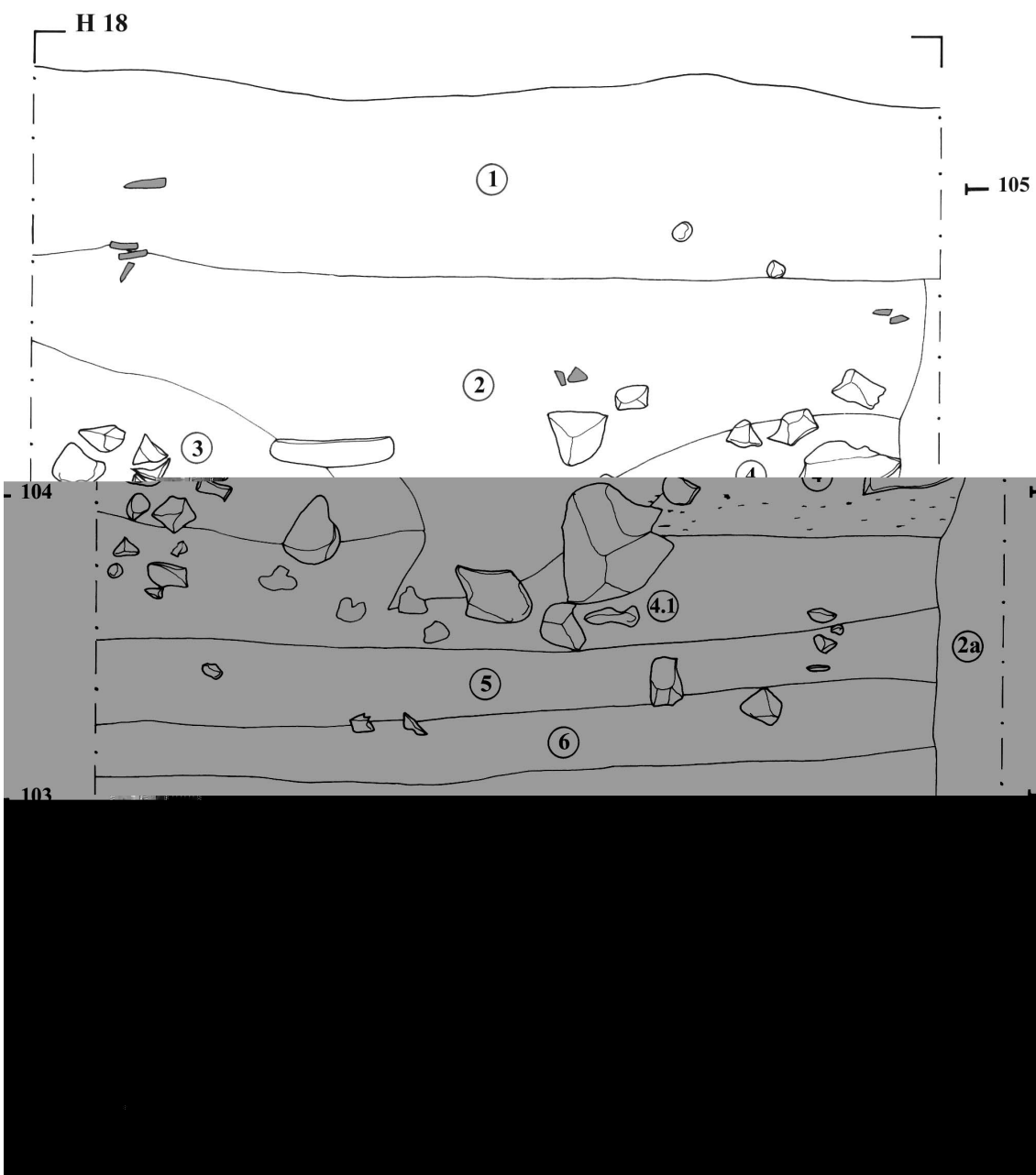


FIG. 9 – Perfil sul do Quadrado H18 do Corte I (segundo Arruda, 2000, p. 6-99).

O abundante espólio do nível 3, onde não ocorre qualquer fragmento de *terra sigillata*, é constituído essencialmente por ânforas da Classe 32, Oberaden 83 e/ou outras formas “ovóides” antigas do Guadalquivir, Dressel 2-4, Dressel 1, Classe 15 e Classe 16, além de um fragmento de paredes finas, e dois de cerâmica campaniense *B-óide*, e uma quantidade significativa de peças de cerâmica comum da Idade do Ferro e de cerâmica cinzenta. A cronologia das ânforas, juntamente com os restantes materiais, parece apontar para o período tardo-republicano.

O nível 4 inclui *terra sigillata* de tipo itálico e sudgálica, sendo o fragmento mais recente o correspondente à forma Drag. 30 de *terra sigillata* hispânica datada de meados do século I até aos inícios do século II. Este nível continha ainda abundante cerâmica cinzenta romana e da Idade do Ferro, além de fragmentos de ânforas da Classe 32 e Dressel 1. A cerâmica medieval que se inclui neste nível deve pertencer ao enchimento da fossa que atingiu a quase totalidade do quadrado. Julgo que este nível corresponde a uma destruição/entulhamento, produzidos nos inícios do século II, com inúmeros materiais anteriores.

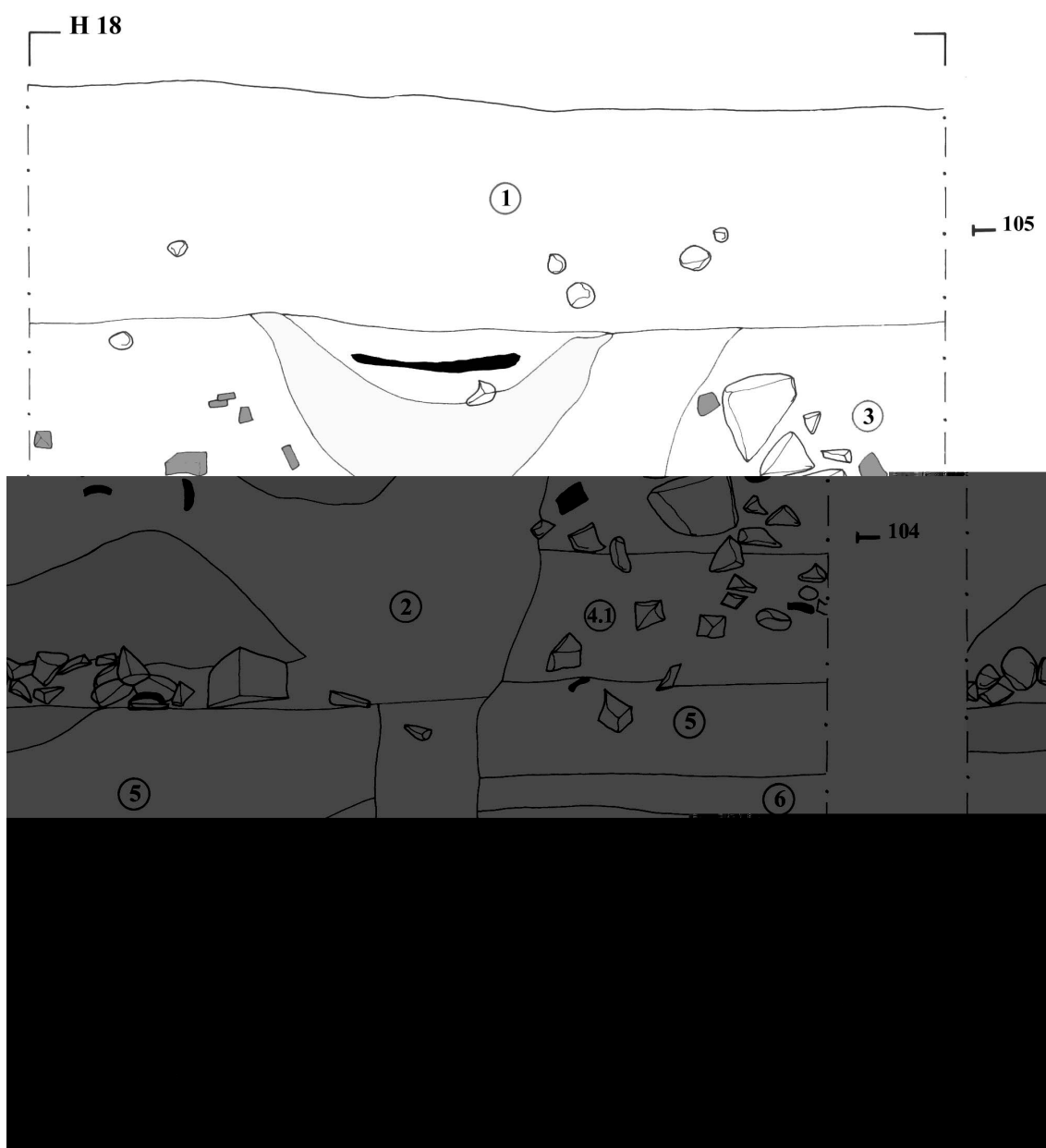


FIG. 10 – Perfil este do Quadrado H18 do Corte I (segundo Arruda, 2000, p. 6-100).

4.2.1.2. Corte 2

Numa área restrita do **corte 2**, concretamente na quadrícula **J9** registou-se, sob uma série de níveis arqueológicos datados do período islâmico e posteriores, uma camada de terra romana conservada (nível 5), que se sobrepunha a um “pavimento de *opus signinum*, construído directamente sobre o solo calcário, onde estavam escavadas as fossas” (Arruda, 2002, p. 146).

Todos os restantes quadrados desta área estavam profundamente afectados pela abertura de fossas ou silos, que atingiram nesta área uma intensidade particular (Viegas e Arruda, 1999, p. 105-186).

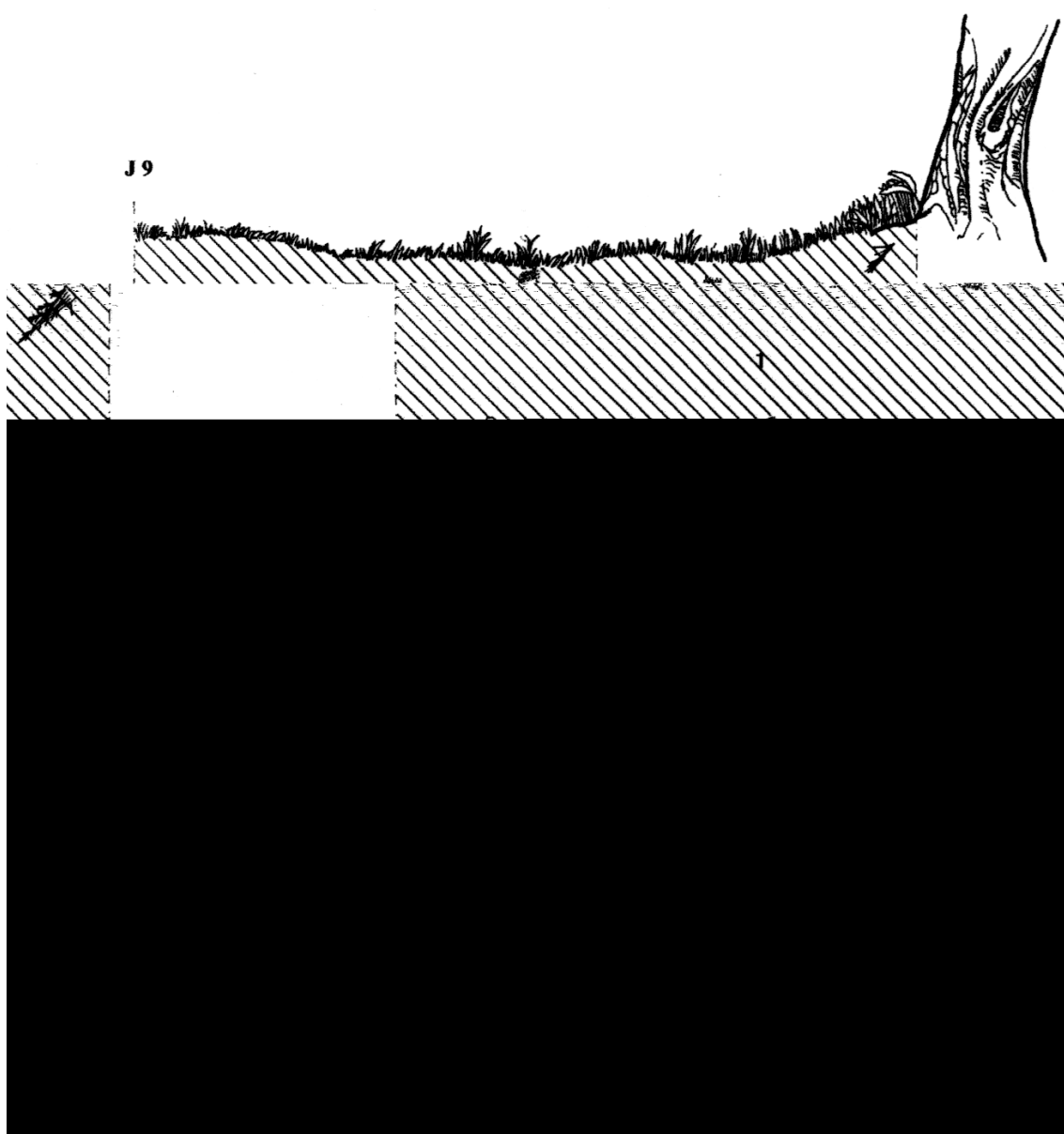


FIG. 11 – Perfil este do Quadrado HJ9 do Corte 2.

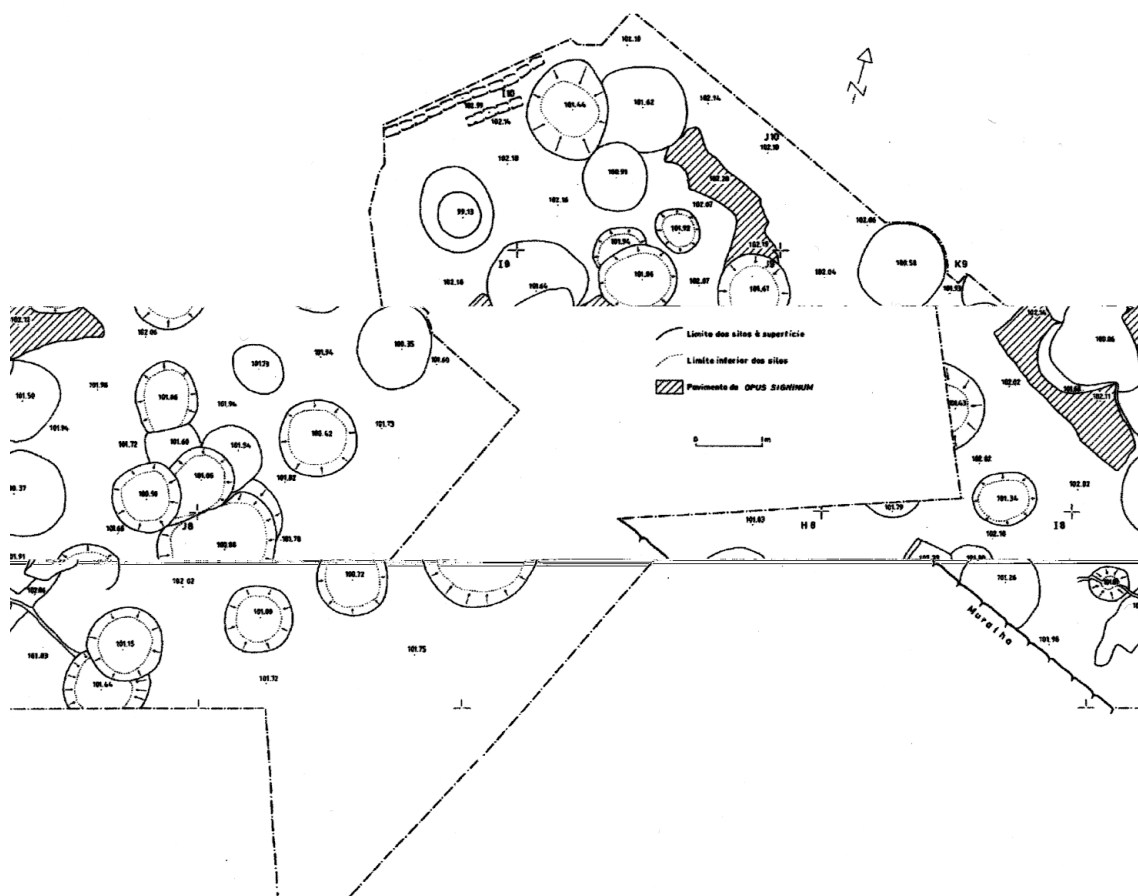


FIG. 12 – Planta do final dos trabalhos do Corte 2, sendo visível a totalidade dos silos/fossas construídos na rocha de base (Viegas e Arruda, 1999).

4.2.1.3. Corte 3 e áreas contíguas à cisterna romana

Incluímos na descrição desta área, não só os dados relativos às campanhas em que se escavaram as áreas A 17, A 18, B 17 e B 18, mas também das escavações posteriores, realizadas em 1995, na sequência das obras levadas a efeito pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

A estratigrafia observada no corte 3 demonstra que a totalidade dos níveis arqueológicos consistia numa série de níveis de entulhamento e destruição da cisterna romana (Arruda, 2002, p. 149).

Em 1995, procedeu-se a uma intervenção de emergência (conduzida por Catarina Coelho), no local onde anteriormente tinha sido identificada a cisterna e, bastante mais para norte, em toda a faixa de terreno que tinha sido afectada pela remoção de terras, efectuadas no âmbito da obra de reconstrução do troço da muralha virada à estrada de Alfange, da responsabilidade da DGEMN. Escavou-se, no Sector 1, correspondente ao topo norte desta área, parte de um tanque romano, revestido a *opus signinum*. As suas paredes foram construídas com pedras de várias dimensões ligadas por uma argamassa de cor amarelada, e encostam directamente à rocha base, calcária. As condições de escavação possibilitaram apenas a intervenção em parte dos níveis de enchimento deste tanque (T1) e áreas adjacentes, verificando-se que uma das suas paredes se encontrava parcialmente destruída.

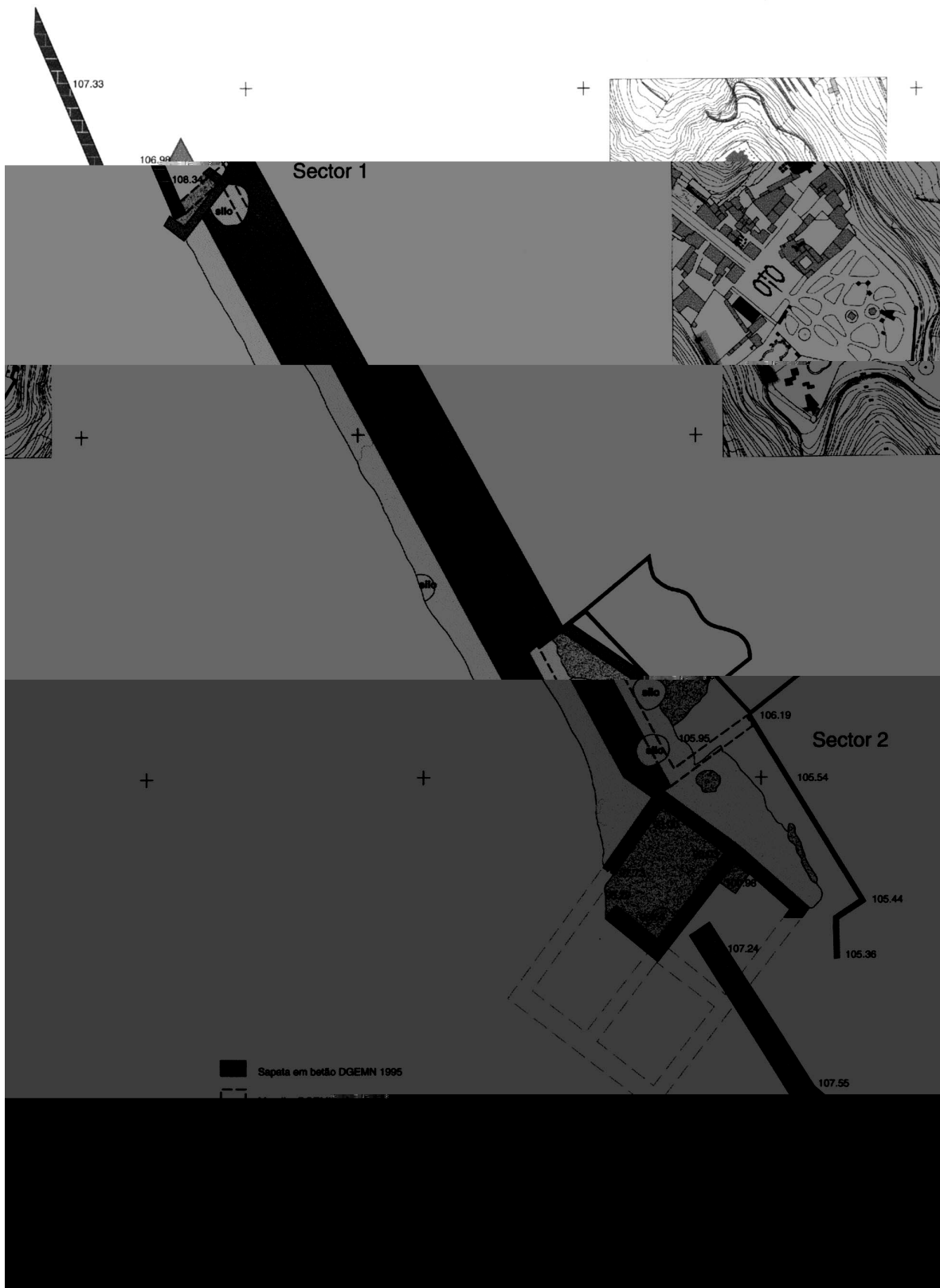


FIG. 13 – Sectores intervencionados no troço da muralha virado à Estrada de Alfange.

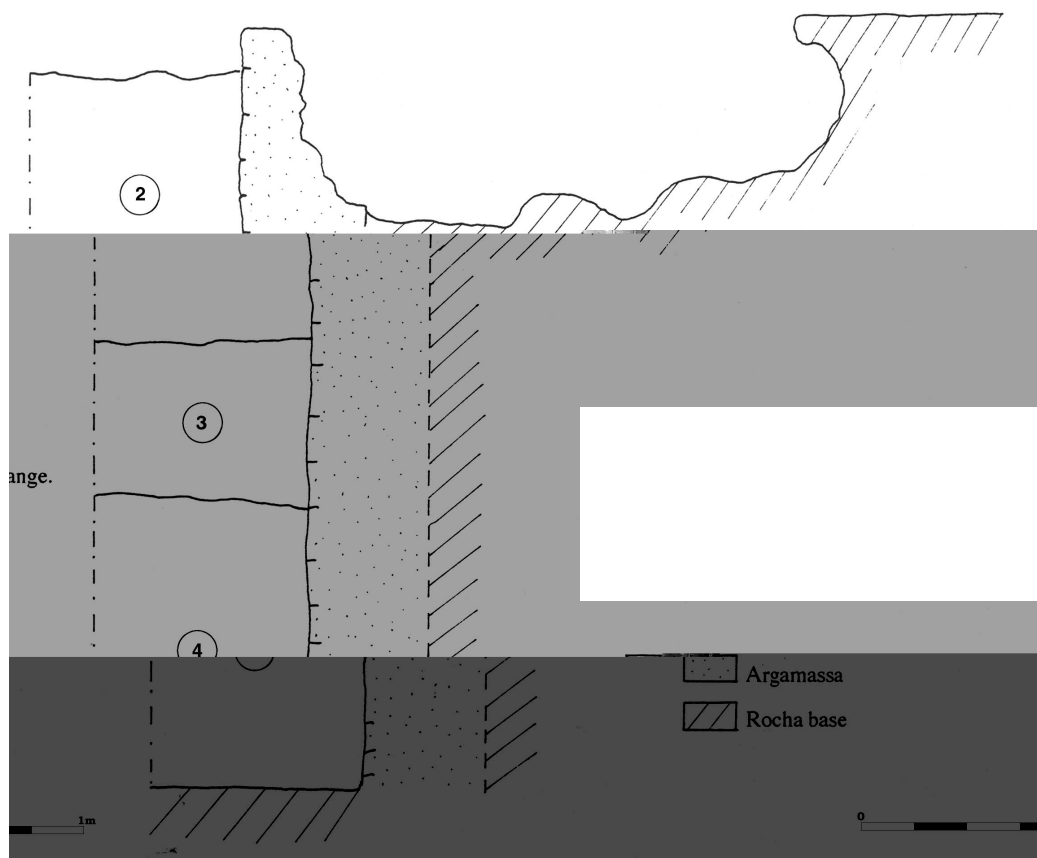


FIG. 14 – Troço da muralha virado à Estrada de Alfange. Corte do Tanque I do Sector I.

Parte do tanque encontrava-se sob o que ainda restava do troço de muralha medieval existente nesta área, e a estratigrafia observada no seu interior, até à profundidade de 1,15 m, foi a seguinte:

- Nível 1**
Terras castanhas escuras, húmidas revolvidas pelas trabalhos no local.
- Nível 2**
Terras castanho mais amareladas mais escuras.
- Nível 2 A**
Continuação da camada anterior que se encontrava húmida. Surge diversa fauna e alguns materiais de construção (pedras).
- Nível 2 B**
Camada de terras idênticas às anteriores localizada no canto superior do tanque, terra seca e compacta de coloração mais amarelada. Trata-se do canto mais abrigado das águas pluviais.
- Nível 2 C**
Possível intrusão de terras castanhas mais escuras do corte no nível de terra castanha escura.

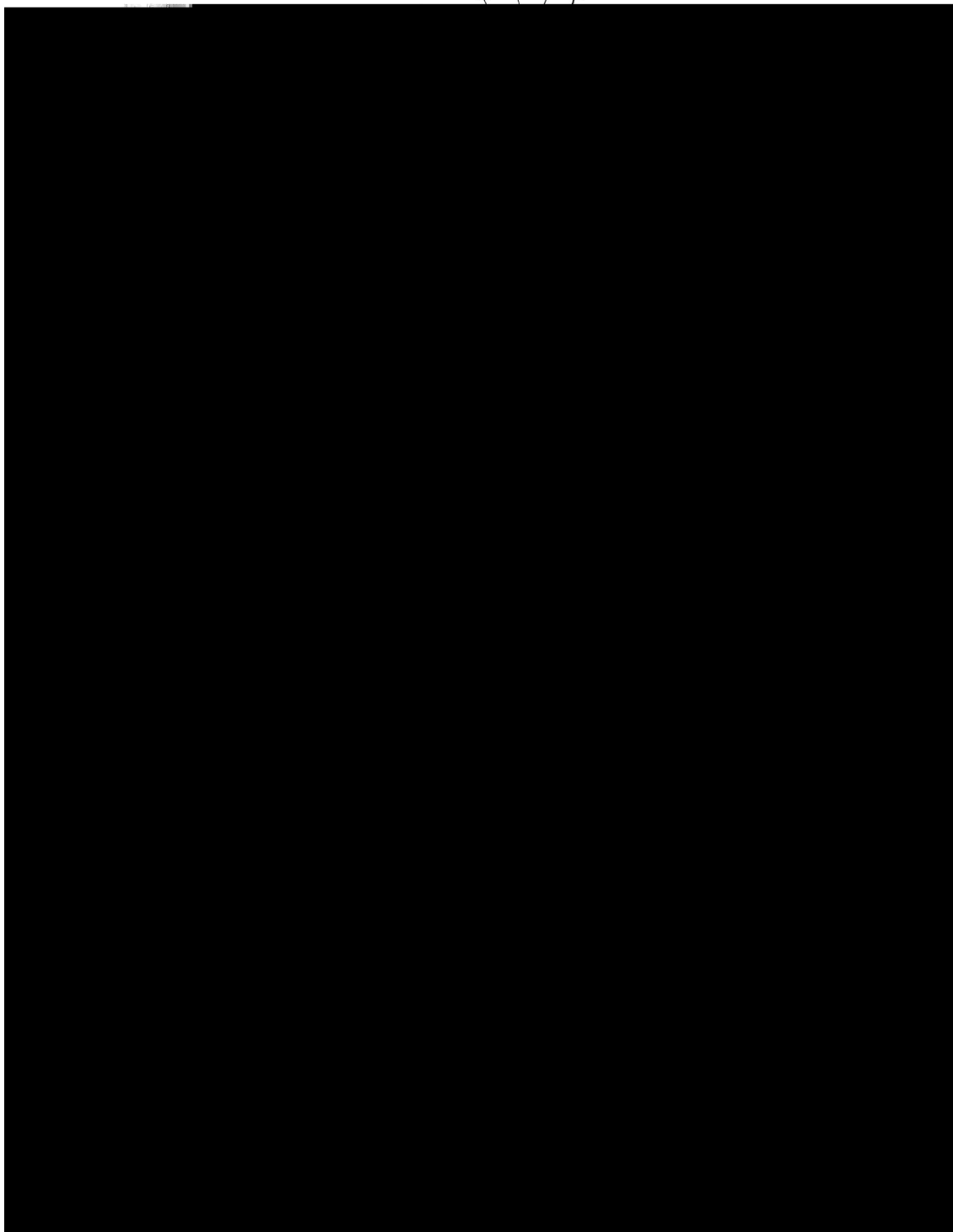


FIG. 15 – Troço da muralha virado à Estrada de Alfange. Planta geral da área escavada do Sector 1.

- *Nível 3*
Terras secas amarelo esverdeadas.

- *Nível 4*
Junto à barreira e ao corte.

- *Nível 4 A*
Terras castanho escuras com cinzas e grande quantidade de cerâmica juntamente com fragmentos de *opus signinum*.

- *Nível 5*
Abaixo do muro de argamassa com muita pedra solta.

Os níveis de enchimento deste tanque apresentam uma quantidade significativa de cerâmicas romanas e da Idade do Ferro que devem ser objecto de análise mais detalhada, sobretudo no que diz respeito à presença de *terra sigillata*.

Apesar da distinção que foi efectuada aquando da escavação, dada a necessidade de distinguir terras que podiam constituir eventuais escorrimentos da barreira junto à muralha medieval (contaminações), todos os níveis mostram o mesmo tipo de materiais, de época romana e anteriores. O período de chuvas em que se fez a intervenção dificultou também a análise da estratigrafia, pois transformava facilmente a coloração das diferentes camadas, de acordo com a maior ou menor humidade do terreno. Hoje, admite-se que estes diferentes níveis devem corresponder a um único momento cronológico, no qual se produziu o entulhamento deste tanque, cuja função permanece, em grande medida, por explicar. A sua relação com o conjunto de cisternas, a Sul, não é óbvia. No entanto, utilização de sistemas construtivos idênticos, como a construção abaixo do nível de rocha calcária, permite propor, a título de hipótese, que este tanque possa estar relacionado com um conjunto de dispositivos destinados ao abastecimento de água a essas mesmas cisternas.

Analisando em conjunto os materiais do interior do tanque, verifica-se a existência de quantidade significativa de *sigillata* de tipo itálico de forma indeterminada, mas também o prato de bordo pendente, Consp. 12, datada de 15-9 a.C., o cálice Consp. R.2.2. decorado com uma linha de óvulos com lingueta, e a taça Consp. 22 de meados do reinado de Augusto ao reinado de Tibério. Não existe *sigillata* sudgálica, e a hispânica é constituída unicamente por formas indeterminadas. As paredes finas, a cerâmica campaniense *B-óide*, a cerâmica comum e as ânforas da Classe 7-II, Classe 32, e de forma indeterminada de produção itálica, bética e lusitana, fazem igualmente parte do inventário de materiais que entulharam este tanque. Alguns fragmentos de ânfora encontravam-se em conexão, o que possibilitou a sua reconstituição. Além do espólio romano, estavam também presentes diversos tipos de cerâmicas da Idade do Ferro como a cerâmica comum, a cinzenta, e a de engobe vermelho. Tudo aponta, portanto, para a formação desta unidade estratigráfica, que corresponde ao fim da utilização deste tanque, em um determinado momento do século II, como o sugere a presença de *terra sigillata* hispânica.

O Sector 2 corresponde a uma área de cerca de 4 x 6,80 m, situada entre as cisternas romanas e o topo sul da muralha construída pela DGEMN. A intervenção neste local, muito afectada pelas referidas obras e pela presença de silos islâmicos permitiu observar uma sequência estratigráfica, onde se escavaram níveis conservados e um pavimento do período romano.

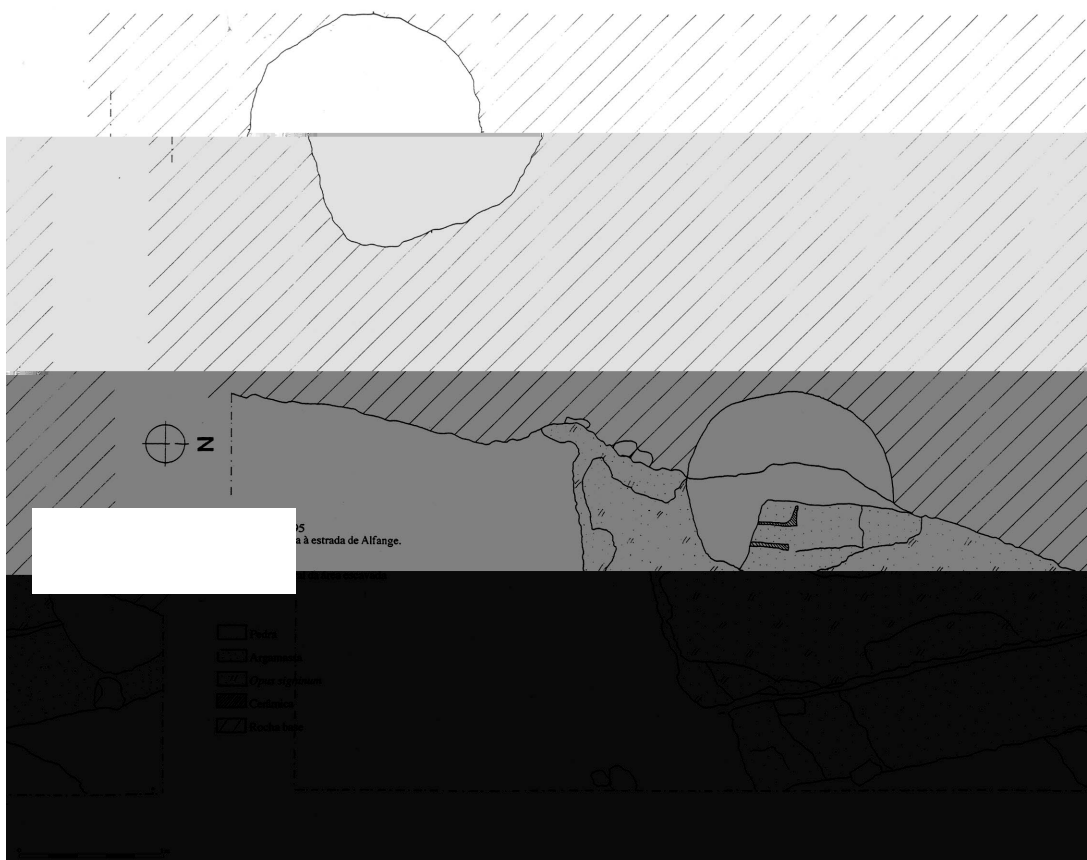


FIG. 16 – Troço da muralha virada à Estrada de Alfange. Planta geral da área escavada do Sector 2.

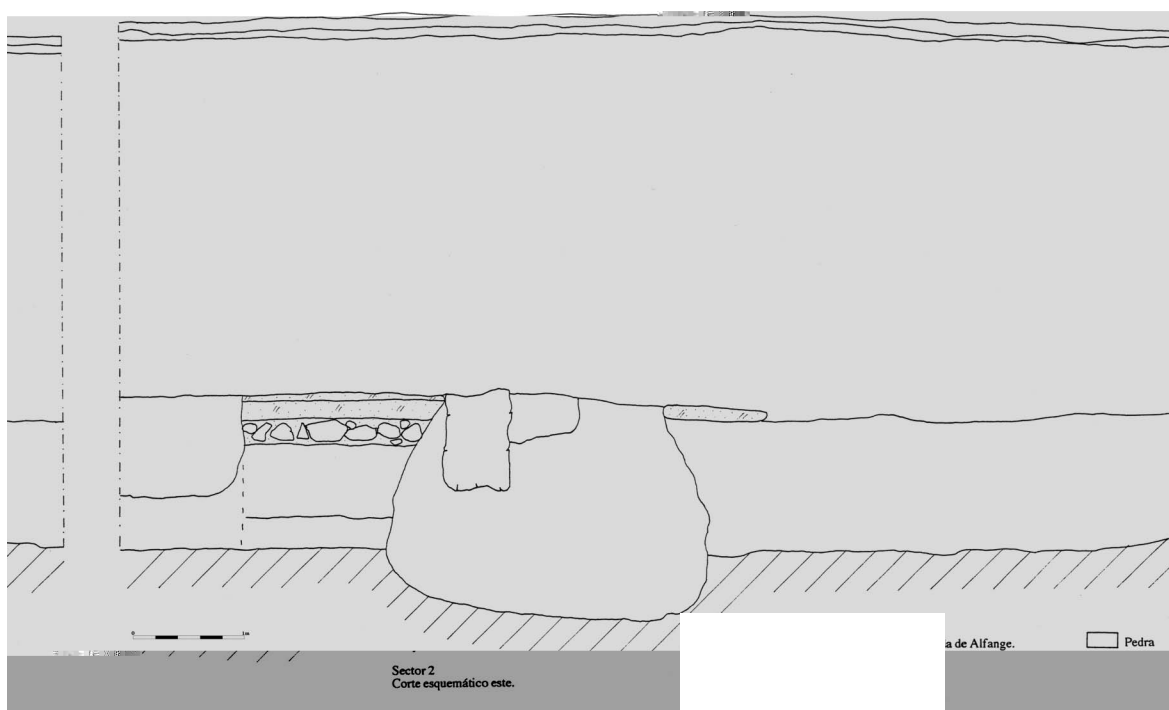


FIG. 17 – Troço da muralha virada à Estrada de Alfange. Corte esquemático este, da área escavada no Sector 2.

- *Nível 0*
Camada de terras castanho escuras muito misturadas (materiais heterogêneos) consequência do revolvimento efectuado pela retroescavadora.
- *Nível 1*
Idêntico ao nível 1, ainda com materiais medievais e modernos.
- *Nível 1B*
Terras castanho amareladas com cerâmica e fauna mamalógica.
- *Nível 1 C*
Idêntica à anterior, com alguma argamassa desagregada.
- *Nível 2 A*
Abaixo do pavimento, terras castanhas amareladas escuras com bastante material medieval e moderno.
- *Nível 2 B*
Área junto ao corte com terras castanhas claras soltas e secas com bastante cerâmica e bastantes materiais de construção (telhas e pedras). Cobrem o muro 1.
- *Muro 1*
Muro tardio, medieval ou moderno, construído sobre o pavimento de *opus signinum* e sobre o enchimento do silo.
- *Nível 5/ pavimento*
Pavimento em *opus signinum*.
- *Muro 2*
Muro romano associado ao pavimento de *opus signinum*.
- *Nível 3*
Camada sobre o pavimento de *opus signinum*.
- *Nível 3A*
Terras associadas ao pavimento com materiais medievais e romanos misturados.
- *Nível 4*
Terras de enchimento de silo que foi aberto no pavimento romano
- *Nível 3 B*
Encostado à camada sobre o pavimento, mas no local onde este se encontrava destruído.
- *Nível 6/ pavimento*
Pavimento de *opus signinum* sob o 5.

Nível 2B apresenta *sigillata* hispânica e clara A da forma Hayes 14/17 datado de meados do século II a meados do século seguinte. O nível 3 B tinha *terra sigillata* sudgálica e sigil-

lata clara A da mesma forma que o nível anterior. Dado tratar-se de uma área que esteve sujeita a grandes revolvimentos provocados pelas obras é arriscado considerar que os níveis sobre o pavimento são o nível de abandono destas estruturas. Se assim for, então estas estruturas (pavimento e parede) foram destruídas no período compreendido entre meados do século II e meados da centúria seguinte.

4.2.1.4. Corte 4

A estratigrafia do **Corte 4**, constituído pelos quadrados J13, K13, I14, J14 e K14, estava, igualmente, muito afectada pela abertura de silos idênticos aos verificados no Corte 1. Ainda assim, foi possível identificar uma série de “níveis de habitação anteriores, neste caso romanos” alguns deles associados a paredes, o que terá levado à destruição dos níveis sidé-ricos (Arruda, 2002, p. 149).

A escavação do quadrado **K14** permitiu delimitar “uma parede romana que atravessava o quadrado no sentido noroeste/sudeste” que atingia 1,20m de altura, junto à banquete Sul (Arruda, 2002, p. 149).

Em **J14**, verificou-se a continuação da mesma estrutura e foi observada a seguinte estratigrafia:

Nível 1

Era constituído por terra de grão fino castanha escura com algumas bolsas de coloração diferente, com cerâmicas contemporâneas.

Nível 2

Compunha-se de terras mais soltas de coloração castanho acinzentado com abundantes pedras de pequenas dimensões, cerâmica de construção (telhas) e argamassa em decomposição. A cerâmica é maioritariamente Alto Medieval.

Nível 3

Corresponde a um nível de terra castanha escura acinzentada com grande quantidade de pedra e telha. Cerâmica medieval e romana assim como restos de fauna mamalógica.

Nível 4

Nível de terra de coloração um pouco mais clara que se caracteriza por continuar a ter grande quantidade de telha, apesar de ter menos pedra.

Nível 4 A

Corresponde à continuação do nível anterior, na área sul, constituída por grande quantidade de telha e terra bastante solta.

Nível 5

Área norte do quadrado com terra mais arenosa e compacta com cerâmica romana e medieval.

Nível 5 A

Correspondente à área a norte do muro, mantém, genericamente as mesmas características que anteriormente.

- Nível 5 B**
Idem. Corresponde à área a sul do muro.

- Nível 5 D**
Idem. Corresponde a uma faixa paralela à banquete oeste.

- Nível 6**
 Nível formado por terras de tonalidade amarelada com pedras de grandes dimensões, provenientes de um derrube, e cerâmica romana.

- Nível 7**
 Constituído por terras castanhas escuras que corresponde a uma área de lareira situado a noroeste.

- Estrutura A (romana)**
 Corresponde a um muro romano detectado sob o nível 4 A, que surge inicialmente apenas no canto sudeste mas que se prolonga no sentido noroeste, dividindo o quadrado. A sua base foi aberta na rocha calcária.

- Silo**
 Localizado no canto noroeste, apresenta uma abertura circular com cerca de 1,20 m de diâmetro.

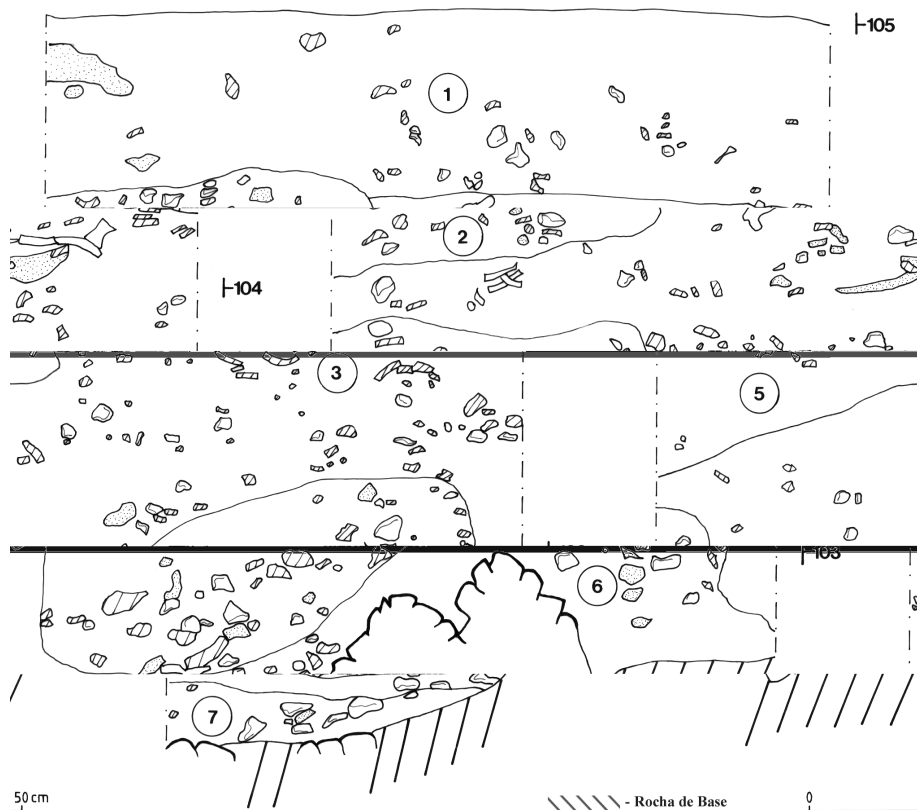


FIG. 18 – Perfil oeste do Quadrado J14 do Corte 4.

Uma análise mais atenta dos materiais provenientes deste quadrado permite verificar que, de uma maneira geral, todas as unidades estratigráficas registam grande quantidade de cerâmicas em que se misturam materiais desde a época Medieval até à Idade do Ferro. Apenas o nível 6 parece constituir um depósito com materiais exclusivamente do período romano. É composto por materiais muito diversificados como cerâmica comum romana, *terra sigillata* (itálica, sudgálica e hispânica), lucernas, ânforas do tipo Dressel 1, Dressel 7-11, além de campaniense B. Este nível, que parece ser de derrube, deve ter-se formado no século II.

“Em J13, os silos viriam a afectar, junto ao canto Sudeste do quadrado, as duas condutas de água romanas aí identificadas” (Arruda, 2002, p. 149). Descreve-se mais detalhadamente a estratigrafia observada:

- *Nível 1*
Caracteriza-se por terras e entulhos actuais.
- *Nível 2*
Nível de terra amarelada arenosa.
- *Nível 3*
Tem características idênticas ao anterior com grande quantidade de materiais de construção, nomeadamente pedras e telhas, possivelmente provenientes de níveis de derrube. Abundante espólio medieval.
- *Nível 4*
Restringe-se à área sudeste.
- *Nível 5*
Limita-se ao centro do quadrado e é constituído por uma terra bastante compacta e de cor castanha clara, bastante pedra.
- *Nível 5 A*
Corresponde ao lado norte do quadrado.
- *Nível 6*
É constituído por terras revolvidas com entulhos que pressupõe a existência de um silo a noroeste (A), escavado em níveis romanos.
- *Silo A*
Situa-se a noroeste do quadrado.
- *Nível 7*
Trata-se do enchimento de outro silo (B), constituído por entulhos.
- *Silo B*
Situa-se no canto sudeste.
- *Nível 8*
Sob o nível 5, é constituído por terras mais acastanhadas com escassos materiais arqueológicos.

- *Conduta A*
Situa-se a noroeste do quadrado.

- *Nível 9*
Corresponde ao enchimento da conduta.

- *Nível 10*
Terra compacta de cor clara, (sob um aglomerado de pedras que parte de nordeste para sudeste), com abundante tijoleira e cerâmica romana (*terra sigillata*, paredes finas e lucernas) e cerâmica da Idade do Ferro.

- *Nível 11*
Nível de enchimento do silo B, idêntico ao nível 7, a partir do momento em que foi possível delimitar o silo.

- *Nível 12*
Nova camada de enchimento do silo B.

- *Nível 10 A*
Corresponde à continuação dos níveis preservados que se encontram a meio do quadrado, registando-se material predominantemente de tradição da Idade do Ferro. Desmontagem de um conjunto de pedras soltas.

- *Conduta B*
Canalização a nordeste.

O nível 5 apresenta um conjunto de materiais do período romano constituído por *terra sigillata* sudgálica, hispânica e clara D (formas indeterminadas) e ânforas de produção itálica e bética. A *sigillata* do nível 10 tem origem sobretudo na península itálica (Consp. 18 ou 20) e no Sul da Gália (Drag. 27, Drag. 15/17 e Drag. 24/25), existindo apenas um fragmento indeterminado de *sigillata* hispânica. O restante material romano é constituído por ânforas, cerâmica de paredes finas, além de bastante cerâmica comum. A cerâmica comum medieval recolhida neste contexto deve ser proveniente dos níveis de enchimento dos silos situados a sul deste quadrado. A camada 10 A inclui um fragmento de *terra sigillata* itálica das formas mais antigas deste fabrico, a forma Consp. 1.1. Além deste exemplar, possui ainda abundante material anfórico da Classe 32, Dressel 1 e Dressel 7/11, assim como cerâmica da Idade do Ferro, cerâmica comum romana, paredes finas e campaniense *B-óide*. Justifica-se, do mesmo modo que anteriormente, com escavação das terras de contacto com o silo, a presença de alguns fragmentos de cerâmica comum medieval num contexto preservado do período romano. Ambos os níveis não correspondem a contextos de deposição primária, constituindo certamente níveis de entulhamento formados durante a época romana imperial, designadamente no período entre meados e finais do século I d.C.

No quadrado K13, observou-se uma sequência estratigráfica que também continha níveis preservados da época romana.

- *nível 1*
Terra acinzentada de deposição recente.

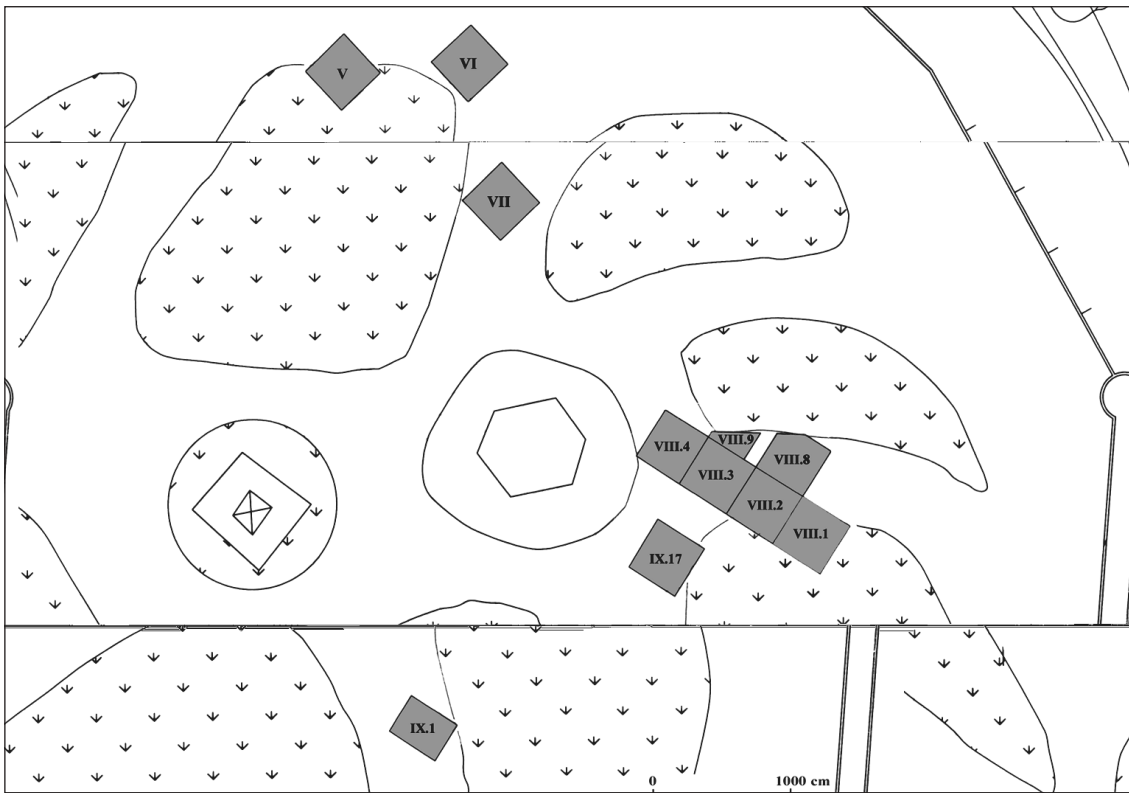


FIG. 20 – Planta com a localização das áreas escavadas no Jardim (segundo Arruda, 2000, p. 6-103).

- Nível 2**
 Terra castanha amarelada com muita pedra e telhas com cerâmica medieval.

- Nível 3**
 Terra castanha escura mais compacta com bastante cerâmica medieval e romana, fauna mamalógica e malacológica.

- *Nível 3A*
Corresponde à área nordeste onde se encontra uma terra arenosa com cinzas e um aglomerado de pedras juntamente com outros materiais de construção como telhas.
- *Nível 4*
Corresponde à continuação do nível anterior diminuindo a quantidade de entulho. Este nível continuou até à rocha, na metade norte do quadrado definida pela estrutura A, mantendo as mesmas características.
- *Nível 5*
Nível romano preservado de terra amarela compacta com escasso material (*terra sigillata*).
- *Estrutura A*
Parede romana com 1 m de altura que se prolonga para K13.
- *Nível 6*
Terra negra arenosa e fina a leste da estrutura A.
- *Nível 7*
Aglomerado de pedras a este da estrutura A, com cerâmica da Idade do Ferro.

O nível 5 apresenta grande quantidade de materiais romanos, sobretudo *terra sigillata* hispânica e sudgálica e um fragmento de asa de ânfora de produção lusitana. O nível 6 possui uma quantidade considerável de *sigillata* sudgálica e hispânica, além de um fragmento de ânfora Dressel 7-II. Tal como se tem vindo a verificar nos restantes quadrados, julgo que se está perante níveis de deposição secundária do período romano imperial, possivelmente formados no decurso do século II (*terra sigillata* hispânica sem forma determinada).

4.2.2. Escavações no Jardim

No jardim foram escavados vários quadrados: o Sector B e os cortes 5, 6, 7, 8.1, 8.2, 8.3, 8.4, 8.8, 8.9 e o 9.1 e 9.17.

4.2.2.1. Sector B

Neste sector, e como foi mencionado por A. M. Arruda (2002, p. 149) foram identificados uma série de níveis que correspondem à seguinte descrição:

- *Nível 0*
Saibro da pavimentação do Jardim.
- *Nível 1*
Terras castanhas acinzentadas de grão muito fino.
- *Nível 2*
Argamassas brancas e telhas.

- *Nível 3*
Terra arenosa sobre o pavimento.
- *Nível 4*
Terra castanha com materiais de construção, sob o pavimento.
- *Nível 5*
Terras castanho amareladas, com abundante espólio romano imperial.
- *Nível 6*
Corresponde a uma área restrita do quadrado e constitui uma intrusão medieval.
- *Nível 7*
Situado sob o nível 5, correspondia ao período tardo republicano.

Efectivamente, no nível 5 encontraram-se inúmeros fragmentos de *terra sigillata* itálica (formas Consp. 22, Consp. 14 e Consp. 30) além de *sigillata* sudgálica e apenas um fragmento de *sigillata* Clara D. Além deste espólio, eram abundantes as ânforas Dressel 7-II, Dressel I e da Classe 15, além de alguma cerâmica comum, cerâmica campaniense e de paredes finas. Interessa igualmente referir que o nível 7 “ofereceu abundante espólio do período tardo-republicano (ânforas Dressel I, Haltern 70, Maña C2, cerâmica campaniense A, B e B-óide, cerâmica de paredes finas e comum)” (Arruda, 2002, p. 149). Estão registados como pertencentes a este nível, quatro fragmentos de *sigillata*, maioritariamente africana tardia, que correspondem, certamente, a intrusões da camada superior (nível 6).

4.2.2.2. Corte 5

Neste quadrado, apesar da existência de níveis e estruturas medievais, estes não destruíram completamente os depósitos do período romano. Sob estes, documentaram-se mesmo importantes níveis da Idade do Ferro.

A estratigrafia deste quadrado tem a seguinte ordem, sintetizada do estabelecido por A. M. Arruda (2000):

- *Nível 0*
Superfície do pavimento do Jardim.
- *Nível 1*
Terra solta com abundantes materiais de construção.
- *Nível 2*
Constituído por terras de entulhos nas quais assentam estruturas do período medieval.
- *Nível 3*
Tal como 2, corresponde a um nível de intrusão nas camadas do período romano.
- *Nível 4*
Compõe-se de terras amarelas compactas com materiais do período romano republicano.

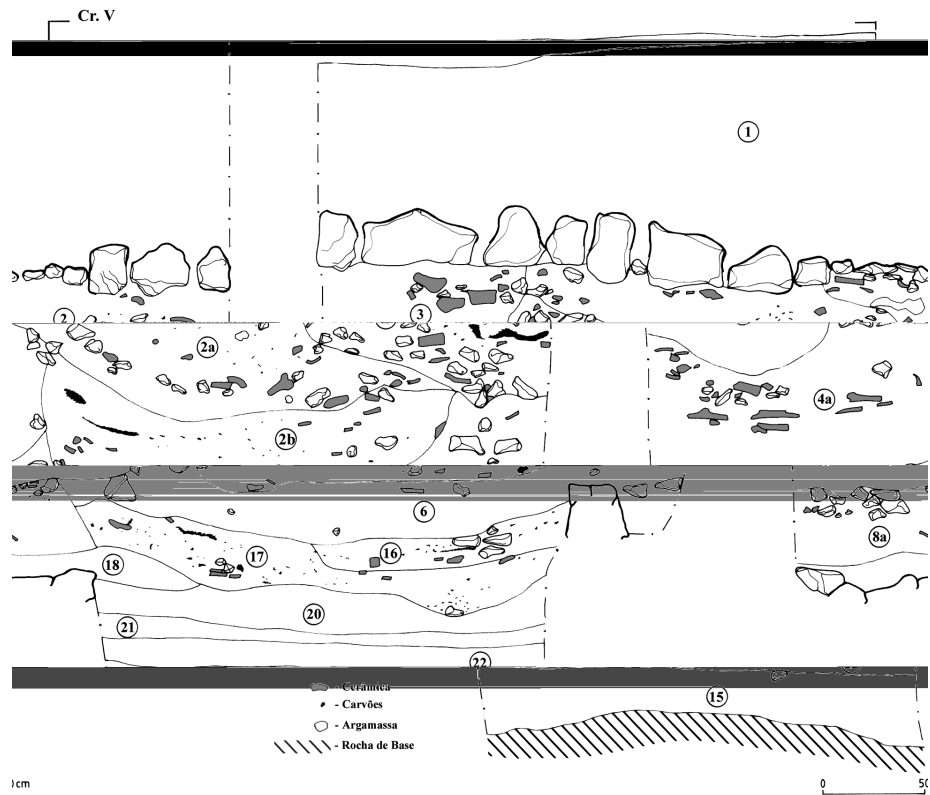


FIG. 21 – Perfil sul do Corte 5, realizado pelo limite de escavação das estruturas medievais nele visíveis (segundo Arruda, 2000, p. 6-106).

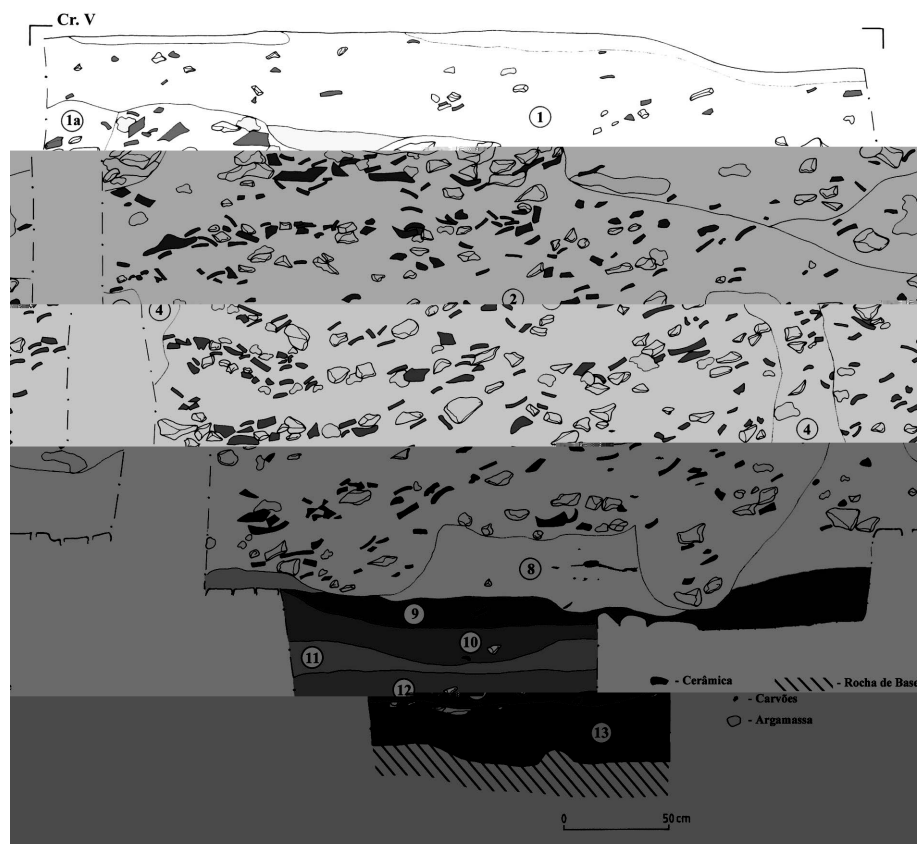


FIG. 22 – Perfil norte do Corte 5 (segundo Arruda, 2002, p. 150).

Nível 4a

Enchimento de fossa romana republicana.

Camadas 5 a 22

Correspondem a sete níveis de outros tantos momentos de ocupação da Alcáçova durante o período da Idade do Ferro. (Arruda, 2002, p. 151).

Apenas se registam dois fragmentos de *terra sigillata* de proveniência itálica, neste nível 4, verificando-se igualmente a presença de ânforas da Classe 32, Classe 15 e Dressel 1. Trata-se, mais uma vez, de um nível de deposição secundária correspondente a entulhamentos ou nivelamentos efectuados durante o período tardo-republicano/início do império.

4.2.2.3. Corte 6

Este corte “que atingiu uma profundidade máxima de 2,70 m, era composto, quase na totalidade, por níveis de entulho” (Arruda, 2002, p. 151). A estratigrafia observada permitiu verificar a existência de um conjunto de níveis medievais com grande quantidade de materiais de construção como telhas, pedras e argamassa em decomposição. Ao centro da área existia a abertura de um silo islâmico, com o respectivo enchimento.

4.2.2.4. Corte 7

Neste local, as camadas de entulhos medievais são também significativas, mas, apesar disso, foi possível escavar níveis da Idade do Ferro e romanos conservados (Arruda, 2002, p. 151). Foi a seguinte a estratigrafia observada:

Nível 0

Corresponde ao pavimento do jardim e a terra amarelada.

Nível 1

Constituído por terra castanha acinzentada muito solta, com cinzas e argamassa e abundante cerâmica medieval.

Nível 2

Parte de um pavimento do século XIX que consiste numa mistura de pedras de pequenas dimensões e de fraca consistência. Conserva-se numa pequena faixa do quadrado.

Nível 3

Terra castanha escura, solta e com menor quantidade de pedra e materiais medievais.

Nível 4

Corresponde a uma terra amarela de grão médio que se inicia no canto noroeste e se prolonga por todo o quadrado. Possui cerâmica romana.

- *Estrutura 1*
Corresponde a uma parede, paralela à banquete sul, formada por pedras de diversas dimensões, tijolo e argamassa (*opus mixtum*).

- *Estrutura 2*
Perpendicular à anterior.

- *Nível 4 A*
A cerca de 2m de profundidade, no mesmo plano que o nível 4 e 3, o nível 4 A é constituído por uma terra negra composta por entulhos mas mais compacta.

- *Nível 5*
Situa-se junto à estrutura 1 e consiste numa terra amarela com cerâmica romana, mas em menor quantidade.

- *Estrutura 3*
Parede com aparelho idêntico à estrutura 2.

- *Nível 4 B*
Situa-se entre a estrutura 2 e a banquete Este e é constituído por terra acastanhada com material romano.

- *Nível 6*
Terra castanha escura encarniçada.

- *Nível 7*
Trata-se de uma área restrita a noroeste da estrutura 3, que constitui um nível da Idade do Ferro, formado por terra negra com grande quantidade de cinzas.

- *Nível 5 A*
Situa-se a oeste da estrutura 2, sendo limitado a norte e a sul pelas estruturas 3 e 1 respectivamente. Trata-se de uma terra acastanhada com as mesmas características que o nível 4 B.

- *Nível 7 a*
Sob o nível 4 B, corresponde a terras com cerâmica da Idade do Ferro.

A análise do abundante espólio cerâmico recolhido no nível 4 indica que pertence ao período romano imperial. Encontrou-se abundante *terra sigillata*, sendo metade de proveniência sudgálica, com algumas formas identificadas (Drag. 27 e Drag. 24/25) e duas marcas, e distribuindo-se a outra metade pela *sigillata* originária da península itálica e da Hispânia. Não estamos, no entanto, perante um nível homogêneo, nem do ponto de vista dos materiais nem da sua cronologia. Efectivamente, são abundantes neste nível 4, e mesmo numericamente mais representativas, as cerâmicas romanas do período republicano como: cerâmica campaniense A, B e *B-óide*, cerâmica de paredes finas, etc. O material anfórico abrange também um amplo quadro cronológico, Dressel 1, Classe 32, Classe 67, Dressel 7-II, Dressel 12, portanto tardo-republicano e alto imperial. Tal como se pode verificar, este nível não constitui um depósito primário. Julgo poder dizer que se formou nos finais do século I, inícios do século II pela destruição de

níveis anteriores do período republicano. A destruição dos níveis republicanos pode estar relacionada com a construção das estruturas 1, 2 e 3. Regista-se a presença de vidro do século IV-V.

O nível 4A apenas regista dois fragmentos de *terra sigillata* itálica de forma indeterminada, sendo esta inexistente no nível 4B. Neste último, abundam as cerâmicas cinzentas da Idade do Ferro e cerâmica comum romana, assim como algumas ânforas e cerâmica de paredes finas.

O nível 5 apresenta *sigillata* itálica (o prato de bordo pendente Consp. 12 e o cálice Consp. R. 2.3) e hispânica de forma indeterminada, mas são novamente as cerâmicas do período republicano as mais abundantes, não tanto pela presença de cerâmica campaniense e de paredes finas, cuja frequência neste nível é mais reduzida, mas pelos tipos de ânforas representados (Classe 15, Classe 32, Dressel 1, Classe 67 e outras produções béticas antigas). De registar ainda a presença de cerâmica comum romana e cinzenta da Idade do Ferro. No nível 5A ocorrem escassos materiais do período romano. Em 5B ocorre apenas um fragmento de *terra sigillata* hispânica, um fragmento de ânfora Dressel 1, entre bastante cerâmica comum romana.

Os materiais encontrados no nível 6 parecem corresponder igualmente ao período romano, o que é testemunhado pela presença de *terra sigillata* sudgálica além de abundante cerâmica romana republicana: fragmentos de ânforas (Dressel 1, Haltern 70, Oberaden 83), e cerâmica comum romana e da Idade do Ferro. O nível 7 possui três fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro. Quanto ao nível 7A, reúne igualmente um conjunto de espólio característico da Idade do Ferro.

4.2.2.5. O corte 8

Este corte foi dividido nos quadrados 8.1, 8.2, 8.3, 8.4, 8.8 e 8.9, tendo sido descoberto nesta área uma cisterna do século XVI com cobertura em abóboda de tijolo maciço e que se implanta em profundidade, na rocha de base. A sua construção provocou a remoção de um conjunto significativo de níveis arqueológicos. Apesar disso, foi possível escavar níveis do período romano nos quadrados 8.1, 8.3 e 8.4 (Arruda, 2002, p. 151).

A estratigrafia do quadrado 8.1 era a seguinte:

Nível 0

Terra castanha com entulhos e cerâmica medieval e moderna.

Nível 1

Materiais de construção (argamassa amarelada, pedra, tijoleira, telha e cerâmica fragmentada. Corresponde ao nível 1 do Corte 8.8).

Nível 2

Corresponde à área inferior da cisterna com abundantes fragmentos de cerâmica, telhas e tijoleira, bem como pedras de pequenas dimensões.

Nível 3

Corresponde à metade este do quadrado, sob o nível 1 e é constituído por terra amarelada arenosa com material medieval e moderno.

Pavimento 1

Surge sobre o nível 3 e é construído com argamassa e tijoleiras.

- *Nível 4*
Com menor quantidade de pedra e cerâmica.
- *Nível 5*
Terra de textura arenosa de grão fino de cor avermelhada, compacta, com carvões, pequenas pedras e fragmentos cerâmicos medievais e romanos.
- *Estruturas 1 a 5*
Formam uma série de muros relacionados com a cisterna moderna e com as condutas de água que a alimentavam.
- *Nível 7*
Escavação da área entre a parede sul da cisterna e a banquetes sul, caracteriza-se por terra textura fina e tonalidade escura, que rodeia uma estrutura com materiais do período romano.
- *Nível 6*
Sob o nível 5, a nordeste é muito fino e é definido superiormente por uma linha de telhas e fragmentos de cerâmica.
- *Nível 8*
Terra compacta de tonalidade amarelada.
- *Nível 9*
Bolsa de cinzas e raízes queimadas.
- *Nível 10*
Terras escuras e soltas com materiais de construção e cerâmica medieval.
- *Nível 11*
Nível com cerâmicas medievais.
- *Nível 12*
Nível romano.
- *Nível 13*
Nível romano augustano.
- *Nível 14*
Nível romano republicano.

O nível 7 possui *terra sigillata* sudgálica, itálica (forma Consp. 12) e hispânica (forma Drag. 29/30 com decoração metopada). Além disso, esta camada detém ainda outros materiais do período romano como ânforas da Classe 15, cerâmica comum e vidro (século IV-V d.C.). O nível 8 é formado por uma quantidade considerável de *terra sigillata* alto imperial (itálica, sudgálica e hispânica), estando também presentes materiais mais tardios como *sigillata* clara C e D e uma jarriinha islâmica, certamente proveniente de uma contaminação de níveis posteriores. Relativamente ao nível 9, apresenta um conjunto de *sigillata* onde dominam as produções tardias

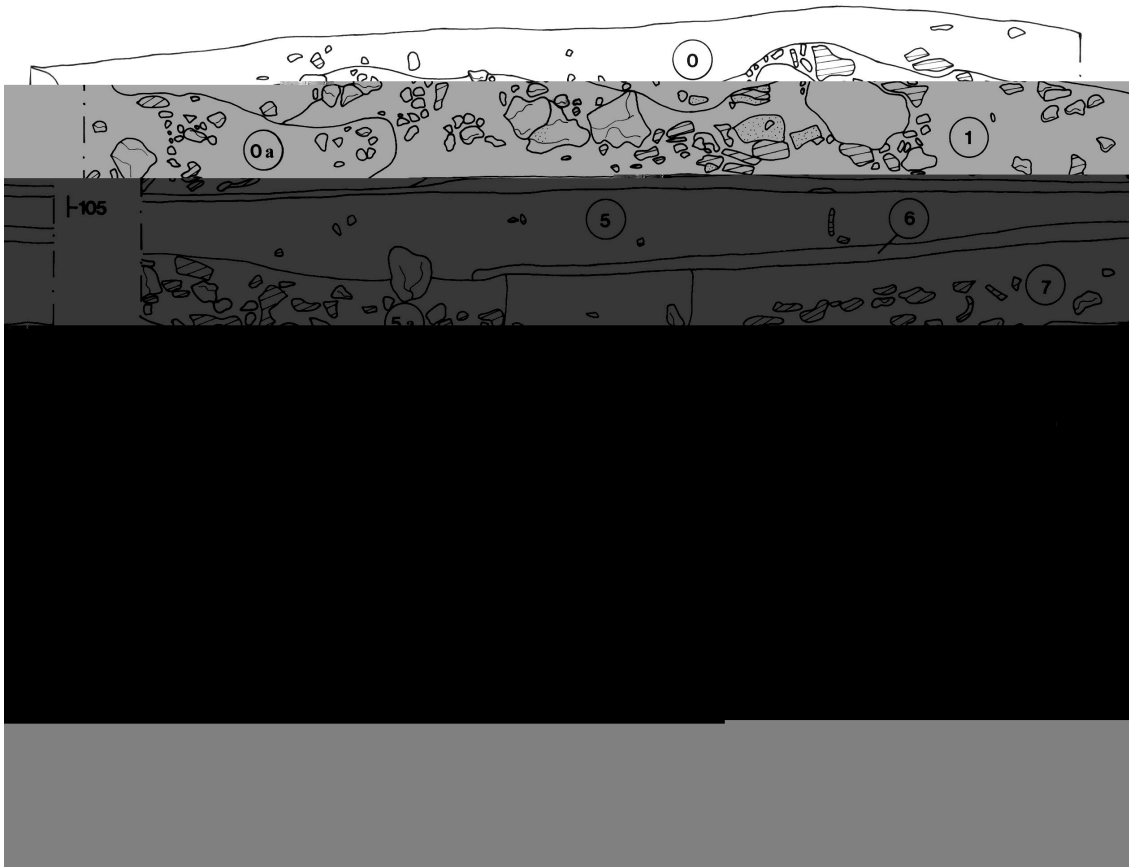


FIG. 23 – Perfil oeste do quadrado 8.

africanas (clara C e D das formas Hayes 61 A e Hayes 45 A), embora esteja igualmente presente *sigillata* itálica e hispânica. Quanto aos restantes materiais, eles dizem respeito às ânforas Dressel 14 e Dressel 7-II, além de uma forma greco-itálica e outra Oberaden 83.

O nível 10 mantém um predomínio de cerâmicas romanas tardias, como *sigillata* clara C e D (forma Hayes 76 de meados do século V), além de uma forma de *sigillata* hispânica tardia decorada (possivelmente da forma Drag. 37, datada entre o século III e o V). As cerâmicas comuns romanas, de paredes finas, as ânforas das formas Dressel 7/II, da Classe 15 e da Classe 32 fazem parte do conjunto de materiais que este nível encerra.

No nível 12 existem apenas quatro fragmentos de *sigillata* sobretudo de produção tardia (meados do século IV), além de abundante cerâmica comum e ânforas das formas Dressel 1 e Dressel 20.

No nível 13 existe um conjunto significativo de *terra sigillata* itálica – apenas um fragmento de *sigillata* hispânica – estando presentes as formas Consp. 12, Consp. 18, Consp. 22 ou 23 e Consp. 30, sendo um conjunto datável genericamente do final do principado de Augusto início de Tibério. Além da *terra sigillata* é abundante o restante espólio romano. As ânforas são maioritariamente da Classe 32, estando igualmente representadas as da Classe 15, ânforas Dressel 7/II e Dressel 1 assim como fragmentos de produções indeterminadas da zona da Bética costeira. Além de cerâmica comum encontra-se igualmente alguma cerâmica de paredes finas. Pode considerar-se este nível do final do período de Augusto.

O nível 14 parece corresponder a um nível conservado do período romano republicano. As cerâmicas aí recolhidas são maioritariamente deste período com especial destaque para as ânforas da Classe 32 (com 16 exemplares), além de ânforas Classe 67, Classe 15 e Dressel 1.

Também fazem parte desta UE, cerâmica cinzenta comum romana e cerâmica de paredes finas. A existência de cinco fragmentos de *terra sigillata* pode significar uma intrusão do nível 13. Este nível situa-se sob uma estrutura, da qual apenas é visível uma face, junto ao corte oeste, e permite datar este muro do final do período romano republicano.

No **corte 8.3** a estratigrafia era essencialmente constituída por um conjunto de níveis de entulhos medievais e modernos.

No **corte 8.8** registaram-se níveis do período romano, integrado na estratigrafia que se descreve do seguinte modo:

- *Nível 0*
Corresponde ao pavimento actual do Jardim.

- *Nível 1*
Níveis de terras acinzentadas e entulhos medievais.

- *Nível 2*
Terra mais solta, pedras de pequena e média dimensão e outros materiais de construção (blocos de argamassa, estuque, tijolos, etc.).

- *Nível 3 (pavimento 1)*
Define-se paralelamente à banquetete noroeste e corresponde a uma camada de argamassa esbranquiçada particularmente compacta, e constitui o pavimento 1. À mesma cota, no canto leste do quadrado define-se outro fragmento do que resta deste mesmo pavimento.

- *Nível 4*
Terras castanhas soltas que contém, além de materiais de construção, cerâmica medieval.

- *Nível 5*
Junto a vestígios de um possível piso, trata-se de um nível sem entulho com cerâmica medieval comum e vidrada.

- *Estrutura 1*
Situa-se junto ao corte sudoeste e no seu topo possui uma canalização em tijoleira e argamassa.

- *Nível 6*
Nível com areão e diversos materiais de construção.

- *Nível 7*
Nível com materiais de construção e cerâmica.

- *Pavimento 2*
Sob o nível 6, pavimento em argamassa amarelada bem nivelado e relativamente bem conservado.

- *Pavimento 3*
Trata-se de um piso de características idênticas ao pavimento 2, mas a noroeste da estrutura 2.

Estrutura 2

Muro com orientação sudoeste-nordeste que divide o quadrado em duas áreas distintas, e que constitui o prolongamento das estruturas do corte 8.2.

Nível 8

Sob o pavimento 3, nível de terras castanhas escuras e materiais de construção com cerâmica romana e medieval.

Pavimento opus

Corresponde a o que resta do prolongamento de um pavimento em *opus signinum* que se encontrava no corte 8.2 entre a parede externa da cisterna e a banquette NE.

Nível 9

Constituído por terras castanhas e abundante material de construção medieval e romano, além de restos faunísticos e cerâmica medieval. Parece constituir um derrube relacionado com a estrutura 3.

Pavimento 4

Pavimento a sudeste da estrutura 1.

Nível 10

Terra compacta de tonalidade amarelada com cerâmica romana.

Estrutura 3

Parede apenas perceptível no perfil noroeste.

Estrutura 4

Encontra-se parcialmente sob o perfil nordeste e é uma parede romana construída em *opus quadratum* estando parcialmente destruída junto ao canto Este.

Nível 11

Terra castanha amarelada de textura mais grosseira sob o nível 10.

Nível 12

Introduz-se no nível 11, uma área com terra de grão muito fino, com carvões e cinzas visíveis na banquette nordeste, que constitui uma fogueira romana.

Nível 13

Sob os níveis 11 e a estrutura de combustão (nível 12).

Estrutura 5

Construída em argamassa amarelada e pedra, situa-se sob o pavimento de *opus signinum* no canto oeste do quadrado.

Nível 14

Sob o pavimento 2, apresenta diversos materiais de construção, restos faunísticos e cerâmica comum medieval e faiança do século XVI-XVII.

- *Nível 15*
Nível com abundantes materiais de construção.

- *Nível 16*
Trata-se de um nível de enchimento da vala aberta para a construção da estrutura 1.

- *Nível 17*
Ocupa uma faixa paralela à estrutura 4 composta por terras castanhas amareladas devido à argamassa em decomposição. Corresponde ao nível 11.

- *Nível 18*
Ocupa o restante da área sudeste, contendo ainda materiais medievais. Corresponde ao nível 10.

- *Nível 19*
Romano.

- *Nível 20-23*
Romano republicano.

O nível 10 possui apenas três fragmentos de *terra sigillata* (itálica e clara C) além de uma ânfora do Guadalquivir de forma indeterminada. O nível 11 também apresenta materiais romanos heterogêneos como *sigillata* itálica e africana tardia, além de fragmentos de ânforas da Classe 15 e Oberaden 83 e de cerâmica comum romana. O nível 12 apenas possui um fragmento de fundo de ânfora romana de produção lusitana. Quanto ao nível 13 apenas regista um fragmento de ânfora de produção bética costeira da forma Dressel 7-II, além de um fundo de uma ânfora lusitana. Os níveis romanos deste quadrado concluem-se com o nível 16 que corresponde ao enchimento da vala aberta para a construção da parede, e apenas possui várias ânforas (produção bética e possivelmente da Tarraconense), entre as quais um exemplar da Classe 15 e cerâmica comum romana. O nível 17 possui *terra sigillata* sudgálica da forma Drag. 18/31; hispânica das formas Drag. 27 e Drag. 35/36 e *sigillata* clara A da forma Hayes 14/17, além de *sigillata* itálica de forma indeterminada o que fornece uma cronologia desde o final do período de Augusto/Tibério até à segunda metade do século II/século III. Os restantes materiais romanos são constituídos por cerâmica comum, de paredes finas e ânforas. O nível 19 apresenta materiais do período romano como *terra sigillata* (itálica, hispânica e clara D) além de ânforas da Classe 67, Dressel 12, e béticas costeiras indeterminadas, vidro da forma Isings 50/90 do século I-IV e Isings 104 da segunda metade do século III (Antunes, 2000) e cerâmica comum.

O nível 20 não apresenta materiais romanos imperiais como a *terra sigillata*, registando cerâmica campaniense, de paredes finas e uma ânfora da classe 32, podendo, pois, tratar-se de um nível republicano. A cerâmica romana imperial está também ausente do nível 21, onde ocorre apenas um fragmento de paredes finas. Já o mesmo não se pode dizer do nível 22 que detém um fragmento de ânfora indeterminada de produção lusitana certamente imperial. O nível 23, por seu turno, mantém um conjunto de materiais característicos do período republicano constituídos por cerâmica comum, ânforas das formas Dressel 1, Classe 32, Oberaden 83 (?), além de alguns fragmentos de cerâmica cinzenta normalmente atribuída à Idade do Ferro.

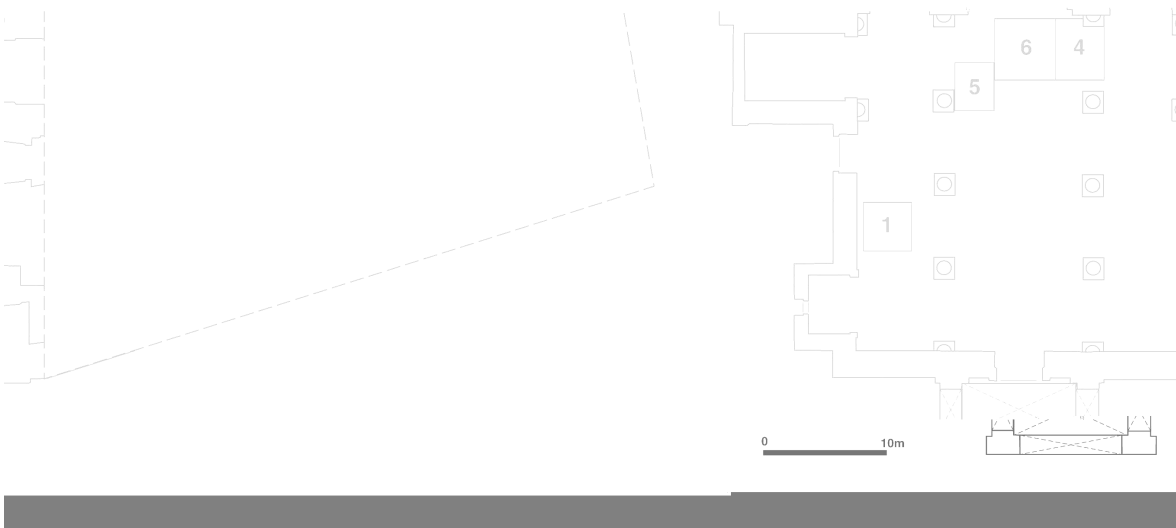


FIG. 24 – Planta das áreas escavadas na Igreja de Santa Maria da Alcáçova.

4.2.2.6. O corte 9

Os cortes 9.1 e 9.17 foram igualmente implantados na área dos jardins, nos seus arruamentos. Em ambos os casos detectou-se a existência de silos que removeram os níveis anteriores (Arruda, 2002, p. 152).

4.2.3. As escavações na Igreja de Santa Maria de Alcáçova

Na sequência das obras de recuperação da Igreja de Santa Maria de Alcáçova, a cargo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, estava prevista a construção do pavimento da Igreja. De imediato, a Divisão dos Núcleos Históricos da Câmara Municipal de Santarém chamou a atenção dos responsáveis para a necessidade de se proceder à realização de uma intervenção arqueológica. Essa intervenção foi levada a efeito sob minha responsabilidade, enquanto arqueóloga da autarquia.

O objectivo essencial era verificar qual a potência estratigráfica existente neste local. Os trabalhos demonstraram a presença de níveis arqueológicos desde a superfície actual do solo da igreja, estando aqui os níveis romanos e sidéricos conservados bastante afectados pela abertura de fossas realizadas para a colocação de enterramentos. Ainda assim, foi possível identificar uma construção romana com os níveis do mesmo período associados, e níveis da Idade do Ferro. Neste local, os níveis do período romano foram afectados até uma profundidade considerável não por silos islâmicos ou construções modernas, mas pelas fossas abertas para a colocação dos enterramentos.

Interessa particularmente referir as sondagens relacionadas directamente com o edifício romano detectado. Assim as sondagens 2, 3 e 7, que se localizavam na capela-mor da Igreja, correspondem ao interior da estrutura construída em boa alvenaria de pedra e argamassa. A área escavada foi muito reduzida, mas permitiu a identificação de uma série de níveis conservados do período romano, associados aos momentos da sua construção/utilização. Efectivamente, escavaram-se níveis sucessivos de terras, de diversas tonalidades e texturas, mas de consistência quase sempre compacta, por vezes misturadas com restos de materiais de construção, que interpreto como correspondendo a diferentes momentos da edificação da estrutura. Os materiais recolhidos nestes níveis permitem que se possa propor uma datação romana imperial, cuja cronologia é difícil precisar.

As sondagens 4 e 6 situavam-se na face exterior da parede deste edifício e permitem confirmar estes dados. Não existe qualquer fossa aberta para a construção desta estrutura, tendo os níveis pré-existentes, da Idade do Ferro sido removidos para permitir a sua implantação na rocha base calcária. Este facto explica a grande quantidade de cerâmicas sidéricas, que se encontram neste local.

4.2.4. Escavação do Templo

A escavação do templo foi realizada com o objectivo de salvaguardar, através do registo arqueológico, um conjunto de dados arqueológicos que seriam afectados pela construção de uma piscina. No local da intervenção preventiva, Largo da Alcáçova 3-5, foi também realizado o acompanhamento da demolição de diversas construções no imóvel que viria a ser transformado numa unidade de Turismo de Habitação.

As escavações tiveram carácter de emergência, a partir do momento em que se dete-
tou a estrutura do *podium* do templo romano, obrigando à realização da intervenção
enquanto decorriam as obras de construção civil nas restantes áreas deste imóvel. Este facto
condicionou o faseamento e a metodologia seguida, pois foi necessário reduzir a área a inter-
vencionar.

Para efeitos de descrição e interpretação da estratigrafia podem considerar-se várias
áreas de escavação, que decorreram desde os finais de 1994 até 1996: os cinco quadrados

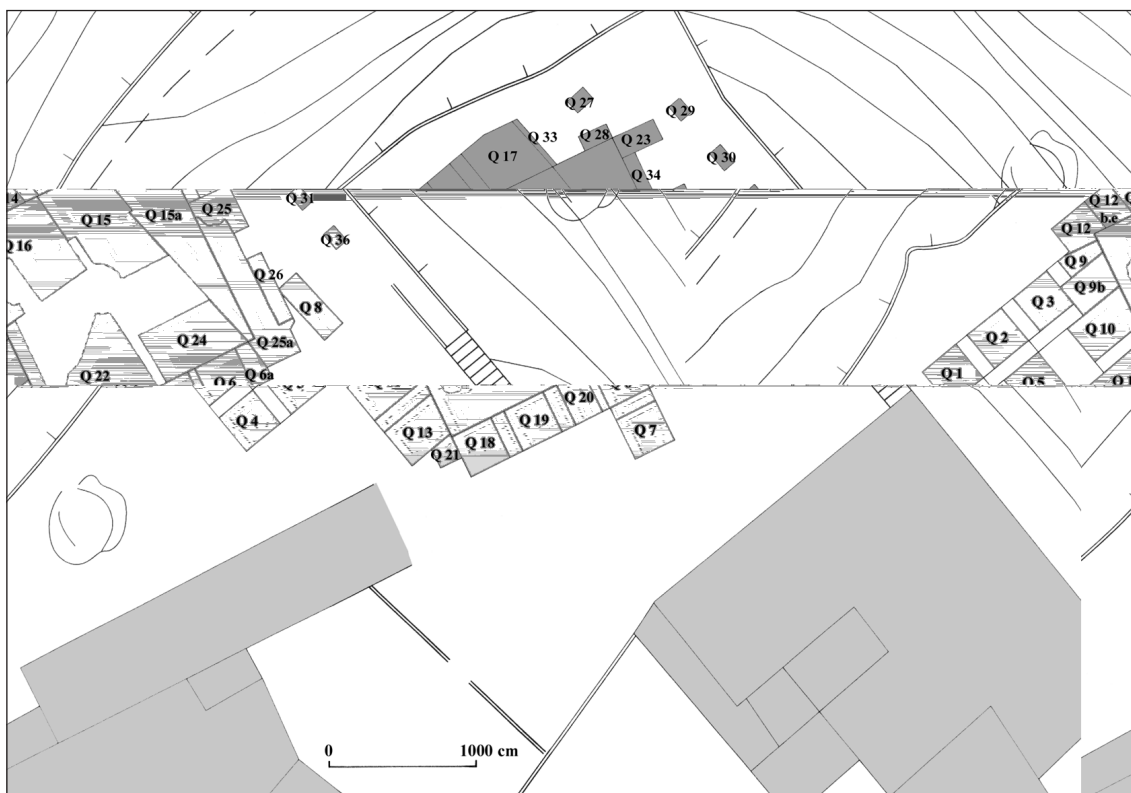
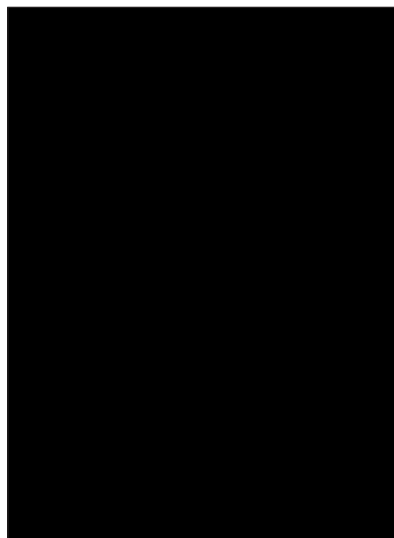


FIG. 25 – Planta do planalto da Alcáçova de Santarém com a localização do templo e das áreas intervencionadas (segundo Arruda, 2000, p. 6-III).

da área da piscina, área da fachada Sul do *podium*, área da fachada Oeste do *podium*, área da fachada Norte do *podium*, área da fachada Este do *podium* e ainda os quadrados referentes à limpeza do topo do *podium*. Baseia-se a análise da estratigrafia na descrição efectuada por Ana Margarida Arruda para a Idade do Ferro (Arruda, 2002, p. 152 e ss.).

4.2.4.1. Área da piscina.

Foram escavados, nesta área, cinco quadrados, salientando-se aqui os que apresentavam uma sequência estratigráfica em que estavam presentes os níveis do período romano. No **Q 1**, praticamente não existiam níveis do período romano conservados, sendo estes constituídos, essencialmente, por níveis de entulhamento muito afectados pelos revolvimentos posteriores. No **Q 2**, concretamente no seu canto sudeste, detectaram-se níveis da Idade do Ferro, mas os do período romano estavam totalmente ausentes. Quanto ao **Q 3**, também não se conservaram quaisquer unidades estratigráficas do período romano, embora existisse uma sequência de níveis da Idade do Ferro conservados.

No **Q 4**, estavam presentes níveis romanos, cuja sequência importa analisar com maior detalhe:

- *Nível 1*
Nível de entulho com abundantes materiais de construção.
- *Nível 2*
Idêntico ao anterior com materiais do período romano e medievais.
- *Nível 3*
Circunscreve-se ao canto sudeste do quadrado, apresenta tonalidade mais escura e maior quantidade de materiais de construção e cerâmicas medievais.
- *Nível 4*
Corresponde à área noroeste ainda com terras revolvidas e materiais medievais.
- *Nível 5*
- *Nível 6*
Área central do quadrado onde se definiu um muro que partia do perfil sul. Materiais medievais.
- *Estrutura 1*
Muro construído com fiadas de pedras ligadas por calcário e argila. Romano, de cronologia difícil de determinar. Desenvolve-se no sentido sul-norte, encontrando-se destruído no seu extremo norte, prolonga-se para a área não escavada a sul.
- *Nível 7*
Nível preservado romano sob o 6.
- *Nível 8*
A este do muro.

- Nível 9
 Junto à banquete este e com terras de coloração mais amarelada.

- Nível 10
 A oeste do muro (correspondia ao nível 9).

- Nível 11
 A norte do quadrado (continuação das camadas de revolvimento medieval).

- Nível 12
 Terras de preenchimento da vala de fundação do muro com materiais romanos.

- Nível 13
 A oeste da parede sem espólio associado.

- Nível 14
 Sobreposto à rocha e estéril do ponto de vista arqueológico.

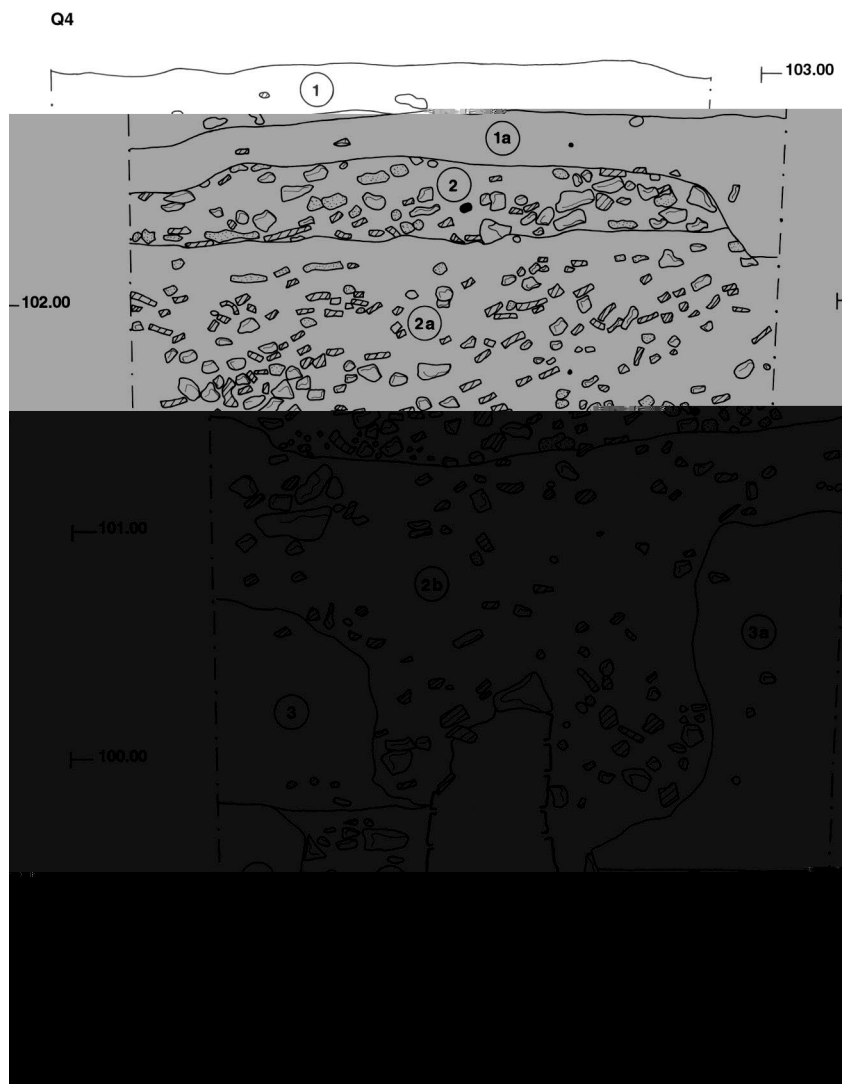


FIG. 26 – Perfil sul do Quadrado 4.

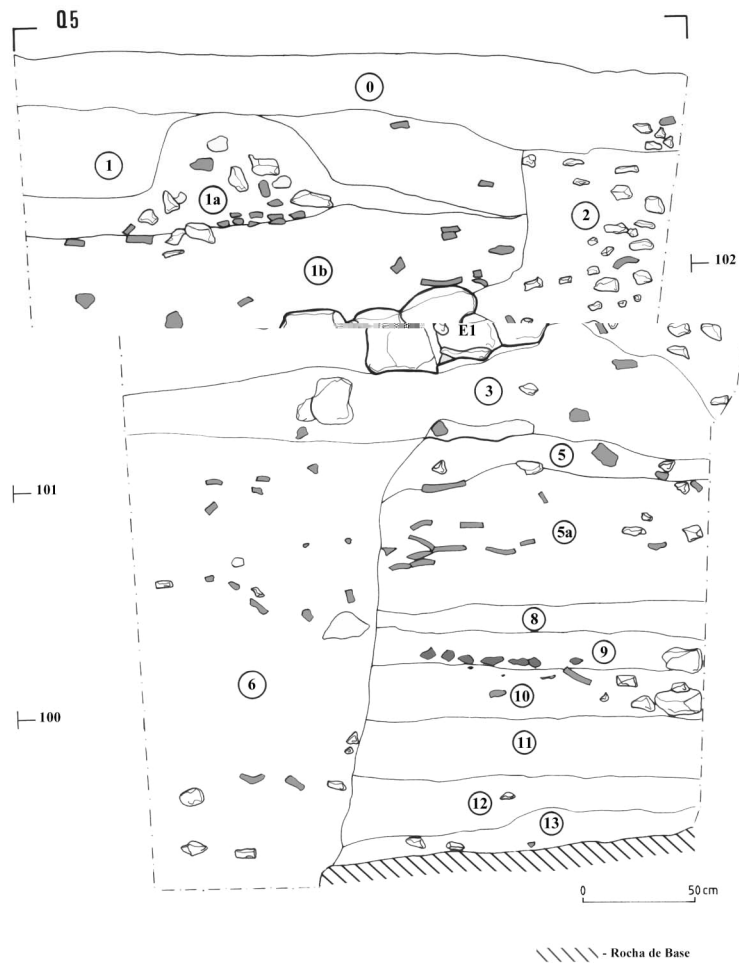


FIG. 27 – Perfil norte do Quadrado 5 (segundo Arruda, 2002, p. 155).

Nível 15

Sob o 12, constituía a base da parede formada por fiadas de pedras médias.

Nível 16

Idêntico a 15, localizando-se a norte da continuação da base do muro.

Não são muito úteis as informações dos materiais arqueológicos recolhidos nos níveis romanos preservados, pois constituem, na maior parte dos casos, fragmentos de cerâmica comum indeterminados, que não permitem obter uma cronologia mais clara. No entanto, recolheu-se, no nível 10, um bocal de uma ânfora do tipo Dressel 7-11 que tem uma cronologia do último quartel do século I a.C. a meados da centúria seguinte. A existência de cerâmica comum cinzenta de tradição da Idade do Ferro, faz pensar que podem tratar-se de níveis datáveis do período romano republicano/inícios do período imperial.

O Q 5 também possibilitou a escavação de apenas um nível romano imperial e de uma sequência de níveis da Idade do Ferro (Arruda, 2002, p. 155). Aqui, após a remoção de uma série de níveis de entulhos medievais e modernos, atingiu-se, numa área restrita do quadrado, no canto Noroeste, uma série de níveis preservados.

■ *Níveis 0 a 4*

Níveis medievais e modernos com entulhos e revolvimentos.

■ *Nível 5*

Topo das terras correspondentes aos níveis conservados. Nível do período romano imperial.

■ *Nível 5 a*

Primeiro nível da Idade do Ferro.

■ *Nível 6*

Níveis de enchimento de fossa medieval.

■ *Nível 8 a 13*

Conjunto de níveis da Idade do Ferro.

No nível 5, recolheram-se abundantes materiais romanos republicanos e da Idade do Ferro, além de cerâmica comum romana. Entre os materiais romanos mais recentes encontram-se duas formas de *terra sigillata* itálica das formas Consp. 4.6, normalmente datada de Tibério-Cláudio, e Consp. 18.2 datada, habitualmente, entre os finais do século I a.C. e o reinado de Tibério que permitem precisar a cronologia da formação deste nível do período romano. Penso que se trata, pois, de um nível formado no período romano imperial, muito possivelmente no reinado de Tibério, que produziu a destruição e que incorpora por isso abundantes materiais romanos republicanos e mesmo pré-romanos.

4.2.4.2. *Quadrados da fachada sul do podium*

Após a identificação da estrutura do *podium*, iniciou-se uma nova fase de escavações que tinha como objectivo procurar elementos que permitissem estabelecer a cronologia da construção monumental e que ajudassem a compreender a sua integração no urbanismo antigo de *Scalabis*. A escavação teve lugar enquanto decorriam já as obras de remodelação da unidade hoteleira.

Os quadrados da fachada Sul revelaram a existência de restos de estruturas datadas do período romano republicano, de cronologia imediatamente anterior à construção do templo, não se registando quaisquer níveis da Idade do Ferro (Arruda, 2002, p. 156). Toda a área ficou marcada/afectada pela construção, em época medieval/moderna, de um muro de cerca de 1 m largura, que corre quase paralelo à fachada do templo e se sobrepõe às estruturas romanas.

O Q 6 revelou a seguinte estratigrafia:

■ *Nível 0*

Pavimento actual da área frente à casa em processo de remodelação.

■ *Nível 1 a 3*

Conjunto de níveis de entulhos medievais e modernos com abundantes materiais de construção.

■ *Nível 4*

Nível romano, sob o nível 3.

Estrutura A

Muro de 1,80 m largura que se prolonga pelas diversos quadrados desta fachada do *podium*.

Nível 5

Bolsa de terra amarelada romana junto ao muro (estrutura A).

O único nível romano conservado neste quadrado é o **nível 5** de onde provém um fragmento de ânfora romana de forma indeterminada, proveniente da Bética costeira além de um almofariz, de perfil completo, também de proveniência bética, mas da área do Guadalquivir.

O **Q 7**, no prolongamento da banquete do **Q 6**, apresentava uma sequência estratigráfica idêntica ao **Q 6**.

Nível 0 a 3

Conjunto de níveis de entulhos com abundantes materiais de construção.

Estrutura B

Restos de um muro do qual apenas resta uma fiada de pedras.

Silos 1

Situado no canto sudeste.

Silo 2

No canto sudoeste. Nível de terra amarela romana.

No **Q 8** apenas se escavaram terras de níveis de entulhos medievais e modernos. Não se detectaram quaisquer níveis preservados do período romano ou da Idade do Ferro.

4.2.4.3. Quadrados da fachada oeste do podium

O **Q 9** e **Q 9B**, no canto nordeste do *podium* do templo, começou por revelar um conjunto de níveis de entulhos com abundantes materiais de construção (sobretudo de argamassa) do período medieval e moderno. Sob estes detectaram-se estruturas modernas (muro e pavimento em tijoleira). A escavação do **Q 9** terminou neste nível dada a exiguidade do espaço disponível. No **Q 9B** os níveis romanos conservados estavam associados a um conjunto de construções situadas junto à base do templo.

Os níveis preservados parecem pertencer ao período romano republicano, o nível **19** apresenta cerâmica comum romana, cerâmica cinzenta que imita formas de campaniense, além de materiais da Idade do Ferro. O nível **21** contém essencialmente cerâmica atribuível à Idade do Ferro (cinzenta, manual e manual polida). Quanto ao nível **24**, também é formado por materiais característicos sobretudo da Idade do Ferro, ocorrendo apenas um fragmento de um almofariz do período romano.

Os **Q 10** e **10A** ofereceram, após a série de níveis de entulhos do período medieval e moderno, o mesmo pavimento de tijoleira e muros modernos anteriormente detectados no **Q 9** e **Q 3**. Os níveis de terras castanhas com materiais de construção medievais e modernos mantiveram-se sob o pavimento de tijoleira. Apenas junto a uma das sapatas das paredes modernas, se puderam detectar níveis romanos preservados. O silo medieval existente junto ao perfil oeste foi, certamente, o responsável pela remoção dos níveis antigos.

Localizada na área anteriormente ocupada por uma garagem, os níveis de superfície dos Q II, (Q II banquete sul) e II A eram constituídos por uma calçada construída com pedras de média dimensão. Sob este existia um conjunto de níveis de terras castanhas do período medieval e moderno. Nestes distinguiram-se algumas camadas com maior concentração de determinados materiais de construção.

Estes quadrados situados no extremo sul da fachada Oeste do *podium* possuíam níveis romanos conservados, assim como estruturas romanas anteriores à construção do templo e que foram destruídas para a sua construção.

A leitura conjugada da estratigrafia dos Q II, Q II banquete sul e Q II A, juntamente com os dados do inventário, permite verificar que o nível 2 corresponde a um nível remexido, sob a camada 1 de entulhos medievais. O nível 3 também deve ser ainda uma camada de entulhos medievais que destruíram níveis romanos conservados e por isso possui cerâmica romana. O nível 4 é um nível romano conservado que apresenta uma quantidade significativa de cerâmica comum, alguma de tradição da Idade do Ferro, e ainda outra da Idade do Ferro propriamente dita, como cerâmica de engobe vermelho e pintada em bandas. Do período romano, destaca-se o conjunto de ânforas Dressel 1 (2 ex.), Classes 25, 32 e Dressel 7-II, com cronologia do século I a.C.) Não existem quaisquer fragmentos de cerâmicas finas neste nível, estando totalmente ausente a *terra sigillata*. Por tudo o que referi, parece-me estarmos na presença de uma camada que cobre o conjunto de estruturas aqui identificadas e se deve situar no final do período republicano. O nível 5 apresenta, do ponto de vista da cultura material, espólio idêntico ao do nível 4. As ânforas são do tipo Dressel 1, Classe 15 e Dressel 7-II, além da cerâmica comum romana e da Idade do Ferro. Apresenta, contudo cerâmica medieval podendo esta camada ser a continuação das camadas de revolvimento medievais que se prolongam em profundidade em determinadas áreas do quadrado. O nível 6 apresentava exclusivamente cerâmica da Idade do Ferro (comum, manual e cinzenta) e comum romana. São escassos os materiais da camada 7 e são constituídos por cerâmica romana e da Idade do Ferro. Nível 8 e 9 não têm materiais seleccionados para o inventário – pois devem tratar-se de fragmentos de cerâmica comum incaracterísticos. Já a camada 10 forneceu abundante espólio constituído por cerâmica da Idade do Ferro (comum e cinzenta), cerâmica comum romana, cerâmica de paredes finas e um fragmento de parede de uma peça de campaniense A. Trata-se novamente de camadas do período romano tardo-republicano, desta vez associadas às estruturas encontradas. Estas, correspondem a dois muros, que correm paralelos um ao outro, construídos com pedras afeiçoadas e de maiores dimensões nas suas faces e pedras médias no seu interior. Entre os dois muros corre uma canalização, melhor conservada a Norte, formada por um conjunto de tijoleiras que cobriam o canal de drenagem (construído com pedras e argamassa).

A escavação da banquete sul permitiu a diferenciação de uma série de níveis arqueológicos, alguns deles também conservados e que estavam associados às referidas estruturas.

A escavação do Q 13, situado junto ao extremo sul da fachada oeste do templo, ficou marcada por um conjunto de níveis de estruturas e níveis de terras e entulhos medievais e modernos. Parte dos revolvimentos detectados estavam relacionados com a existência de um silo islâmico cuja abertura e respectivo enchimento se localizavam junto ao corte sul do quadrado. Eram por isso escassos os níveis conservados, que se restringiam a uma camada de terras sobre a rocha de base calcária em ambos os lados do silo islâmico.

No nível 5, encontra-se, além de cerâmica incaracterística, um fundo de um prato com marca *in planta pedis* de *sigillata* itálica datável portanto do reinado de Tibério.

O nível 15 é composto por uma quantidade considerável de ânforas dos tipos Dressel 1 e da Classe 32, além de ânforas de forma indeterminada béticas costeiras e cerâmica comum e de paredes finas. Este é um dos níveis conservados, que constitui um dos suportes para a data-

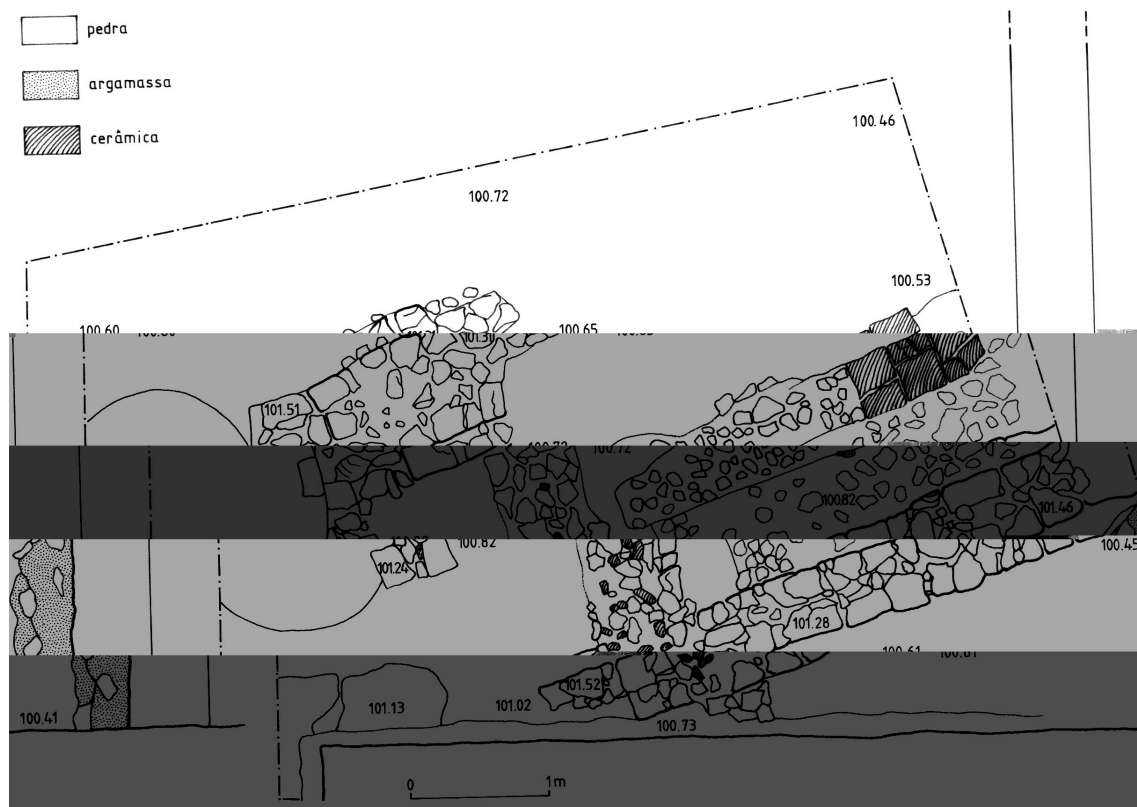


FIG. 28 – Plantas das estruturas romanas detectadas nos Quadrados 11 e 13.

ção proposta para o templo romano de *Scallabis* (Arruda e Viegas, 1999). O nível 16 também detinha ânforas romanas entre as quais uma greco-italica e outras de forma indeterminada, mas certamente produções béticas costeiras. A cerâmica comum romana também está presente, encontrando-se igualmente um fragmento de *terra sigillata* itálica de forma indeterminada. No nível 18, encontramos um fragmento de *sigillata* hispânica sem forma. No nível 19, foi apenas inventariado um fragmento de campaniense A, sendo a cerâmica de paredes finas pertencente ao nível 21. Quanto ao nível 22, verifica-se um predomínio da cerâmica campaniense B e *B-óide*, além de cerâmica comum romana. No nível 23 está presente cerâmica da Idade do Ferro, ânforas da Classe 32 assim como um exemplar de cerâmica campaniense *B-óide*.

4.2.4.4. Quadrados da fachada Norte do podium

Os quadrados desta área ocuparam a totalidade do terreno entre a muralha medieval e a fachada Norte do templo. A existência de estruturas de casas modernas que aproveitaram exactamente este espaço entre a muralha e o muro exterior do templo, provocaram a alteração dos níveis arqueológicos correspondentes à ocupação romana. Além disso, as pedras aparelhadas que formavam o revestimento da fachada do templo foram removidas em época relativamente recente, como se pode documentar nos cortes estratigráficos, provocando novas alterações na estratigrafia. A acrescentar à complexidade da estratigrafia que todos estes episódios produziram, deve juntar-se também a presença de silos ou fossas medievais. Apesar disso, foi possível escavar alguns estratos romanos conservados, integrados numa sequência estratigráfica que descrevemos.

O quadrado 14 passou a designar-se por **Q 14/17 O**, a partir da detecção de um pavimento em tijoleira correspondente às estruturas de habitações modernas. A sequência estratigráfica nesta área era a seguinte:

- *Nível 0*
Constituído pelos níveis de superfície de terra solta com pedras abundantes e materiais de construção medievais e modernos.
- *Nível 1 e 2*
Conjunto de níveis de entulho com diversos materiais de construção e cerâmica medieval e moderna.
- *Pavimento 1*
Pavimento de tijoleira das habitações modernas.
- *Estrutura 1*
Muro orientado no sentido norte-sul que parte da muralha medieval até ao templo.
- *Estrutura 2*
Vestígios de um muro do qual apenas resta uma fiada de pedras.
- *Estrutura 3*
Construção de pedra e argamassa construída junto à parede norte do *podium*.
- *Estrutura 4*
Constituída por *tegulae* colocadas na vertical, no topo da qual se encontraram lucernas romanas *in situ*, completas fragmentadas.
- *Nível 3 B*
Abertura de Silo ou fossa/ enchimento de silo com materiais medievais.
- *Nível 4*
Nível preservado romano onde se encontraram as lucernas e demais espólio romano.
- *Nível 6*
Nível de enchimento de silo medieval com terra castanha muito escura com carvões e fauna queimada, além de abundantes raízes e caracóis. Cerâmica medieval e materiais de construção.
- *Nível 4 a*
- *Nível 5*
Terra argilosa amarela com alguns nódulos de calcário e abundantes carvões, 5 A com abundantes nódulos calcários e 5 B de tonalidade castanha mais escura junto ao canto nordeste.
- *Estrutura 5*

- *Nível 7*
Circunscrevia-se ao canto este. Era uma pequena bolsa de terras castanhas acinzentadas escuras com material romano e da Idade do Ferro.
- *Nível 8*
A sul do nível 5 com abundantes carvões e pequenos nódulos de argilas alaranjadas.
- *Nível 9*
Nível que subjazia à estrutura 5. Terra castanha escura.
- *Nível 10*
Toda a área excepto a oeste onde se detecta o nível 8. Terras castanho amareladas.
- *Nível 11*
Nível de preenchimento da vala paralela ao templo com espólio moderno.
- *Nível 12*
Terras negras junto ao corte norte, quase sem material arqueológico.
- *Nível 13*
Terras escuras com argilas vermelhas subjacentes ao nível 8.
- *Nível 14*
Nível de terras junto à rocha.

O nível 4 era um nível romano conservado correspondente à utilização do templo. Foi neste nível que se identificou uma estrutura construída com algumas *tegulae* dispostas verticalmente, sob a qual se encontrou uma lucerna fragmentada completa e ao seu lado outras duas igualmente fragmentadas, mas completas, e todas *in situ*. A restante cerâmica proveniente deste nível é maioritariamente romana republicana e da Idade do Ferro, sendo abundantes os exemplares de ânforas da forma Dressel 1, além de inúmeros fragmento de cerâmica campaniense A e *B-óide*. A cerâmica romana imperial, além das lucernas, é constituída por uma peça quase completa da forma Drag. 27 em *terra sigillata* sudgálica e cerâmica comum. Os dados relativos à cronologia deste nível apontam para um conjunto de sedimentos formados nos séculos II-III, tendo em conta principalmente os tipos das lucernas.

No nível 5 recolheu-se abundante espólio do período romano com destaque para a cerâmica, nomeadamente as ânforas das formas Dressel 1, Dressel 2-4, Classe 15, Classe 67, cerâmica comum e de paredes finas além de exemplares campaniense *B-óide* e de pasta cinzenta. A cerâmica da Idade do Ferro é também abundante neste nível (cerâmica cinzenta, pintada em bandas e manual). O nível 6 corresponde ao enchimento de um silo islâmico, com material medieval e romano, de onde provém, a rara *sigillata* encontrada neste quadrado. O nível 7 apresenta cerâmica campaniense e cerâmica da Idade do Ferro (comum e pintada em bandas) e pode datar-se do período tardo-republicano.

No nível 8, encontrou-se cerâmica manual grosseira de pastas pouco depuradas e fragmentos de engobe vermelho. Quanto ao nível 9 e 10, são constituídos por cerâmica comum romana e cinzenta da Idade do Ferro, o mesmo se verificando com os níveis 13 e 14. O nível 11 corresponde à continuação da vala de violação junto ao templo.

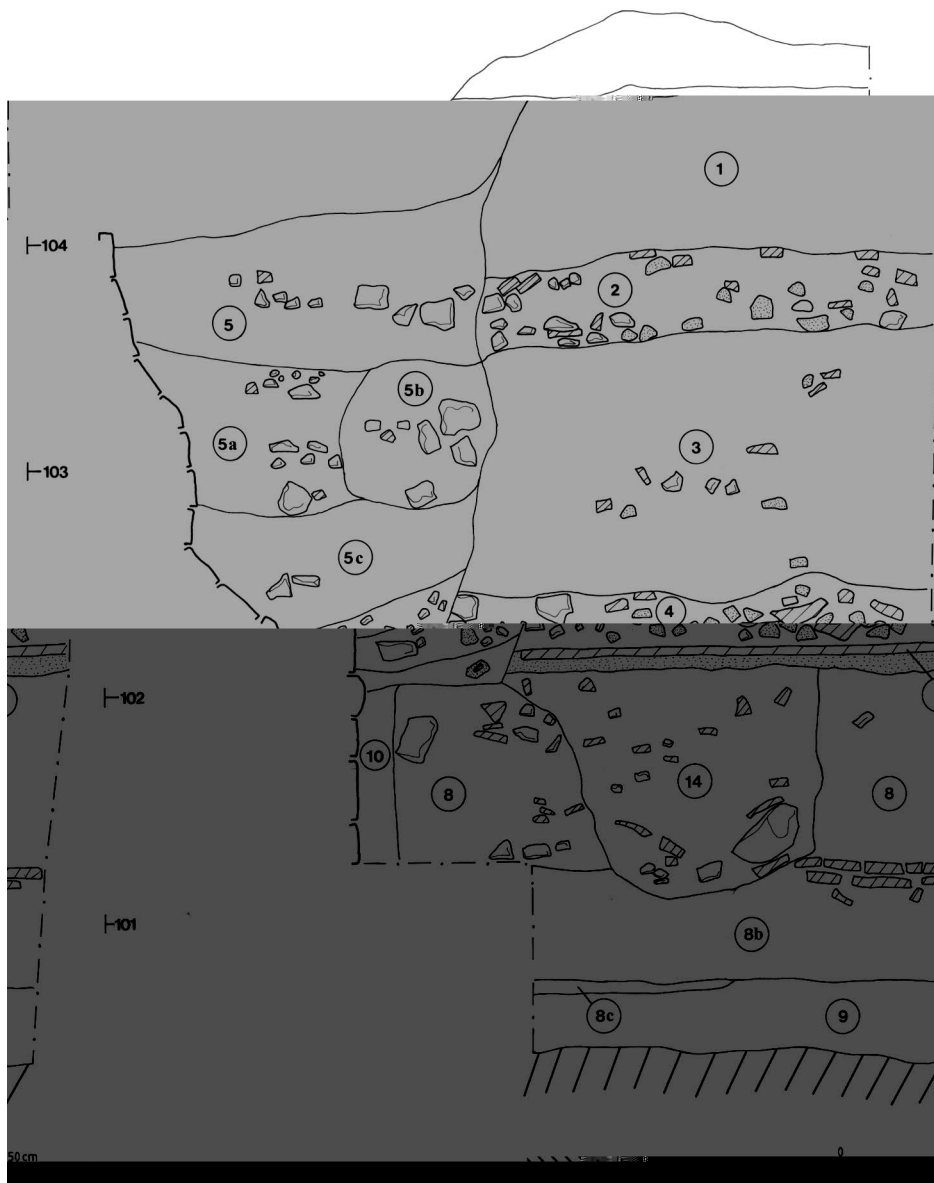


FIG. 29 – Perfil oeste do Quadrado 14-17 oeste.

O Quadrado inicialmente designado por Q 17, passou a designar-se como Q 14/17 E, a partir do pavimento de tijoleira correspondente a habitações modernas. A estratigrafia desta área foi a seguinte:

- Nível 0
 Nível superficial de terras com argamassas.

- Nível 1
 Níveis de terras com diferentes concentrações de materiais de construção.

- Nível 2
 Idem.

- *Pavimento 1*
Pavimento em tijoleira correspondente a habitações modernas. Idêntico ao identificado no Q 12 e Q 14/17 O.

- *Nível 3*
Pavimento de terra batida que abrange quase a totalidade da área.

- *Nível 4*
Piso constituído por um empedrado correspondente a uma ocupação (antiga ?) anterior à que corresponde ao muro que separa as duas áreas e naturalmente anterior ao piso de tijoleira.

- *Nível 4a*
Metade sul do quadrado ao nível do empedrado é formada por um piso de cal hidráulica.

- *Nível 5*
Corresponde ao nível 4 do Q 14/17 O, de terra castanha esverdeada, verde azeitona com material romano.
Nível de enchimento de uma fossa medieval de abertura circular que se localiza sensivelmente ao centro da área de escavação com terra castanha acinzentada e cerâmica islâmica (almorávidas e almóadas).

- *Nível 6*
Enchimento de vala de violação que corre junto à fachada norte do *podium* com materiais de construção.

- *Nível 7*
Níveis romanos conservados de terra amarelada bastante compacta que se circunscrevem ao topo norte do quadrado.

- *Nível 8*
Nível correspondente a uma combustão marcada pela presença de uma elevada quantidade de carvões e cinzas. Localiza-se no canto nordeste do Quadrado.

- *Estrutura 9*
Corresponde a uma estrutura, possivelmente de um muro anterior.

- *Nível 7 e 7/10*
Níveis correspondentes à continuação da escavação das terras romanas conservadas.

- *Nível 11*
Silo no canto sudoeste do quadrado, junto ao muro e à fachada do templo.

- *Nível 13*
Sob o nível 7 e sob o muro (estrutura 9) que foi desmontado.

■ *Nível 14*

Nível conservado romano de terras e com concentração de pedras sem que se possa distinguir, no entanto, qualquer muro. É idêntico ao nível 13 mas encontra-se a sul da fossa (nível 5).

■ *Nível 15*

Enchimento de fossa com terras com remeximentos existente no canto sudeste do quadrado.

■ *Nível 16*

Terras amarelas com nódulos de argila que se restringem à área central e sul do quadrado.

■ *Nível 17*

Idem. Correspondente à área norte.

■ *Nível 18*

Terras castanhas escuras imediatamente sobre a rocha e que se estende por toda a área escavada.

Os níveis romanos conservados parecem iniciar-se com segurança a partir do nível 7. As cerâmicas romanas e da Idade do Ferro estão bem representadas no nível 13, onde se encontra cerâmica campaniense, paredes finas, cerâmica comum romana, um exemplar de uma ânfora Dressel 2-4 e *terra sigillata* itálica de forma indeterminada. Entre a cerâmica da Idade do Ferro estão exemplares de cerâmica cinzenta e pintada em bandas. O nível 14 apresenta igualmente *sigillata* itálica das formas Consp. 14.2.2 e 22.1, datada do período entre a última década do século I a.C. e 14 d.C. Este nível ofereceu ainda abundante cerâmica de paredes finas (doze exemplares) além de um fragmento de lucerna, duas ânforas da Classe 15 e Classe 32 e cerâmica comum romana, e deve poder datar-se do final da República e dos início de Augusto. Entre a cerâmica da Idade do Ferro existe cerâmica cinzenta e de engobe vermelho. O nível 15 é composto por cerâmica da Idade do Ferro (cinzenta) e romana republicana e imperial (Campaniense A e *B-óide*, paredes finas e cerâmica comum) registando-se um exemplar de fundo de cerâmica focense tardia com decoração estampada datado da segunda metade do século IV e do século V. No nível 17 regista-se a presença de um conjunto de cerâmica bastante diversificado composto por ânforas da forma Dressel 2-4 de produção bética costeira, cerâmica campaniense *B-óide*, um exemplar de paredes finas e cerâmica cinzenta da Idade do Ferro, além de um fragmento de *terra sigillata* hispânica.

Julgo que se devem considerar os dois fragmentos de *sigillata* focense, como intrusões nos níveis que documentam a utilização do templo romano de *Scallabis*. No conjunto, este espólio apresenta uma cronologia desde o período romano tardo-republicano/inícios do reinado de Augusto, até ao século III, como se pode documentar pelo conjunto de lucernas recuperadas.

O Q 12 e respectiva banquete situa-se no canto noroeste do *podium*. Tal como nos quadrados adjacentes (Q 3, Q 9, Q 14 e Q 17), verificou-se a presença, também neste local, do pavimento em tijoleira correspondente às habitações modernas que aqui existiram. A escavação deste quadrado permitiu documentar a vala de violação produzida certamente já em época contemporânea para retirar as pedras aparelhadas que revestiam a fachada do templo. Apesar destas contaminações, foi possível individualizar camadas de terras antigas cuja sequência se descreve:

- *Nível 0*
Nível de terra vegetal actual.
- *Nível 1*
Corresponde a um conjunto de níveis de entulhos e terras com abundantes materiais de construção.
- *Nível 1b e 1c*
Continuação dos entulhos.
- *Nível 1a, 1c, 1d*
Conjunto de camadas de entulho correspondentes ao enchimento da vala de violação aberta para a remoção das pedras aparelhadas do revestimento do *podium* do templo.
- *Nível 2 /Pavimento*
Pavimento em tijoleira idêntico ao do Q 3, Q 9, Q 14 e Q 17 correspondente a uma série de habitações modernas que envolveram o templo romano.
- *Nível 3*
Continuação dos níveis de entulho sob o pavimento.
- *Nível 4*
Formado por quantidade apreciável de argamassa.
- *Nível 5*
Constituído por terras amareladas misturada com pedras.
- *Nível 6*
Nível com material romano, mas revolvido.
- *Nível 7*
Nível conservado do período romano de terras castanhas amareladas.
- *Nível 8*
Corresponde a argamassas que não formavam nenhuma estrutura e que foram desmontadas sem revelar nenhum material.
- *Nível 9*
Terra castanha escura do lado oeste do quadrado com materiais mais recentes.
- *Nível 10*
Continuação das terras romanas.
- *Nível 11*
Nível arbitrário para a continuação dos níveis de enchimento da vala de fundação do muro a sul e da vala de violação junto à base do templo.

- Nível 12
 Nível de terras conservadas castanhas escuras no canto nordeste da área.

- Nível 13
 Terras com materiais da Idade do Ferro.

- Nível 14
 Vala de fundação sem materiais.

- Nível 15
 Terras castanho escuras.

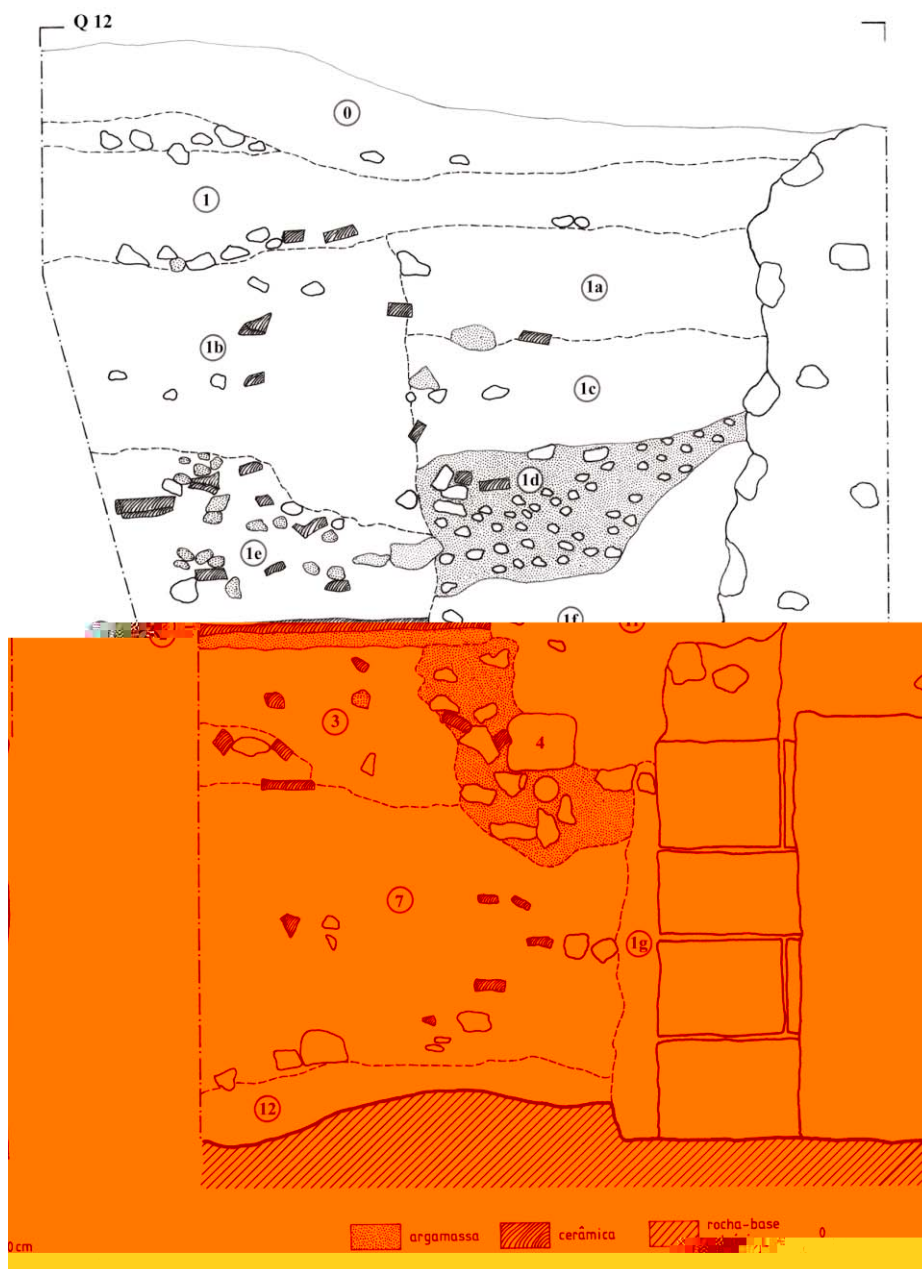


FIG. 30 – Perfil este do Quadrado 12 (segundo Arruda, 2000, p. 6-126).

O nível 7 possui abundante cerâmica romana. Entre a cerâmica romana encontra-se *sigillata* itálica da forma Consp. 22 ou 23 e Consp. 34, com cronologia de 15 a.C. a 37 d.C., cerâmica de paredes finas, lucerna, e ânforas do tipo Dressel 1, da Classe 15, além de peças indeterminadas de produção bética costeira e raros fragmentos de produção lusitana. A cerâmica da Idade do Ferro é relativamente rara neste nível estando apenas representada por um fragmento de cerâmica de engobe vermelho e cerâmica cinzenta além de cerâmica comum. O nível 10 corresponde à continuação da terras conservadas, mas apresenta cerâmica maioritariamente da Idade do Ferro: cerâmica pintada em bandas, cerâmica de engobe vermelho, manual polida e cerâmica comum. A cerâmica romana é bastante heterogênea com terra *sigillata* itálica de forma indeterminada, campaniense B, cerâmica comum e apenas uma ânfora da Classe 32. Os restantes níveis conservados, como o nível 12 e 13 devem pertencer à Idade do Ferro, pois apenas apresentam materiais deste período.

Parte dos níveis do Q 12 pertencem à área correspondente à banquete **Este**, de onde provém um importante conjunto de materiais. Daí que se deva proceder à descrição da sua estratigrafia, fazendo corresponder os níveis, tanto quanto possível com os do Q 12.

■ *Nível 0 a 2*

Idênticos aos do Q 12.

■ *Nível 3*

Nível de enchimento correspondente a uma vala relacionada com a construção de um muro com material recente e abundante material romano. Terra castanha escura com materiais e construção.

■ *Nível 4*

■ *Nível 5*

Enchimento da vala de violação junto ao templo.

■ *Estrutura A*

Muro de pedra e argamassa perpendicular à fachada do templo.

■ *Estrutura B*

Canalização romana construída com tijolos.

■ *Nível 5*

Enchimento de vala com material moderno.

■ *Muro B*

Muro romano.

■ *Nível 6*

Terra sob o muro romano.

■ *Nível 7*

Idêntico ao nível 6, material romano.

■ *Nível 8*

Nível de terras castanhas mais escuras.

■ *Nível/Estrutura 9*

Estrutura de pedra e argamassa associados a materiais modernos.

■ *Nível 10*

Nível sob o muro romano de pedra e argamassa, contendo cerâmica romana e fauna mamalógica e malacológica.

■ *Nível 11*

Idade do Ferro.

■ *Nível 12*

Continuação do nível anterior.

■ *Nível 13*

Continuação para norte do enchimento da vala de violação 5.

O nível 6 possuía abundante espólio romano constituído por inúmeras peças de *sigillata* sudgálica de forma indeterminada e de *terra sigillata* itálica das formas Consp. 22, Consp. 32 e o cálice Consp. R. 4 (primeira metade do século I). São igualmente abundantes os fragmentos de lucerna datáveis do século I-II e a cerâmica de paredes finas ou comum. Existe apenas um fragmento de cerâmica de engobe vermelho pompeiano e três fragmentos de cerâmica campaniense A, B e *B-óide*, ânforas Dressel 1 e da Classe 15. Além do espólio romano, este nível incorpora igualmente uma quantidade significativa de cerâmica anterior da Idade do Ferro.

No nível 7 mantém-se a *sigillata* sudgálica de forma indeterminada e itálica, das formas Consp. 22.1 e Consp. 22 ou 23, datadas de meados do reinado de Augusto e Tibério. Existe igualmente cerâmica comum romana e um fragmento de cerâmica campaniense A. Os níveis 6 e 7 correspondem a uma mesma realidade estratigráfica pois não existe qualquer diferença em relação às características da terra ou materiais. A existência de *sigillata* itálica e sudgálica e a ausência de quaisquer fragmentos de *terra sigillata* hispânica levam-me a considerar estes níveis como sendo claramente do século I (de Tibério a Vespasiano), data que não parece ser contrariada pelo restante espólio encontrado. Deste modo, esta cronologia constitui um *terminus post quem* para a construção da parede romana que assenta nestas camadas.

O nível 8 possui *sigillata* itálica de forma indeterminada e um exemplar da ânfora Dressel 1, sendo constituído igualmente por cerâmica da Idade do Ferro nomeadamente de engobe vermelho. É também itálica a totalidade da *sigillata* pertencente ao nível 10, sendo uma das peças da forma Consp. 22.1 datada de meados do reinado de Augusto até ao final do reinado de Tibério. O espólio deste nível é também formado por cerâmica comum romana, ânforas de forma indeterminada e alguma cerâmica da Idade do Ferro. Os níveis 11 e 12 são constituídos exclusivamente por cerâmica comum romana, entre a qual se destaca a presença de um almofariz de origem bética e de cerâmica cinzenta da Idade do Ferro.

4.2.4.5. Quadrados da fachada Este do podium

Esta fachada foi a que mais sofreu com a construção, no final do século passado, de um picadeiro, tendo-se apenas conservado as fundações do edifício romano. Foram escavados quadrados junto à base do templo: Q 23, 25 e 26 e as áreas correspondentes às bases dos pilares do edifício projectado para este local Q 27-36. Tal como nas restantes áreas escavaram-se amplos níveis de entulhos e revolvimentos medievais, tendo, no entanto, sido possível identificar ainda uma série de níveis romanos, alguns deles relacionados com a base do templo e estruturas do mesmo período.

O Q 23 situa-se no canto nordeste do *podium*, e apesar de quase toda a sua área se encontrar afectada por revolvimentos modernos e medievais, escavaram-se alguns níveis antigos.

Nível 0

Terras claras e pouco compactas com entulhos e espólio medieval e moderno.

Nível 1

Terras mais escuras e húmidas com materiais de construção e espólio romano, medieval e moderno.

Nível 2

Circunscribe-se ao lado este da área e é constituída por terras amareladas com abundante espólio romano assim como fauna mamalógica e malacológica.

Nível 3

Terra imediatamente sobre a rocha base, na área oeste do Q apresenta as mesmas características que o nível 1.

A análise do material do nível 2 permite verificar tratar-se de um nível imperial. Encontra-se *sigillata* itálica, de forma indeterminada, e ânforas Dressel 1 e cerâmica de paredes finas, mas que incorpora inúmeros materiais de períodos anteriores como cerâmica campaniense *B-óide*. A cerâmica comum e cerâmica cinzenta romana também fazem parte do espólio aqui identificado, assim como abundante cerâmica da Idade do Ferro.

Na fachada Este, documentou-se a existência de uma estrutura solidária com a fachada do *podium*, que julgamos poder tratar-se da base da escadaria de acesso ao templo. O Q 25 situava-se no local onde esta estrutura estava mais destruída.

Nível 1

Gravilhas finas com terra argilosa avermelhada.

Nível 2

Terras castanhas escuras com materiais romanos e modernos.

Nível 3 e 3A

Pedras médias de calcário, quase sem terra.

Estrutura A

Muro junto ao corte norte.

Nível 4

Junto ao corte norte, nível de terras castanhas escuras.

No **Q 26**, encontrou-se um muro com orientação perpendicular à fachada do templo, estando os níveis arqueológicos existentes nesta área, relacionados com a sua destruição, pois são uma sequência de camadas de terras com materiais de construção e espólio do período romano e medieval. Apesar de não se encontrarem aqui níveis conservados, tudo indica que esta estrutura pertencerá ao período romano e que terá servido de reforço da estrutura do templo.

4.2.5. Escavação de 1997

Os trabalhos arqueológicos realizados em 1997 tiveram um carácter preventivo. O objectivo principal era salvaguardar, através do registo arqueológico, toda a área a afectar pela instalação de condutas de esgoto. As áreas que foram objecto de intervenção seguiram, por isso, o traçado previsto para esta instalação, desde as instalações sanitárias no interior do Jardim, até ao início da Rua 5 de Outubro, passando pelo Largo da Alcáçova. Além destes condicionamentos, os quadrados tiveram também em conta um conjunto de fios eléctricos e canalizações de água existentes no local. Os dados relativos a esta intervenção, sobretudo no que diz respeito aos níveis sidéricos, foram reunidos por Ana Margarida Arruda (Arruda, 2000, p. 6-129 a 6-158 e 2002, p. 159 e ss.).

4.2.5.1. Escavações na área do Jardim

Na área correspondente ao troço da vala que ligava as instalações sanitárias até à porta do Jardim foram escavados os Quadrados 1 a 8. A intervenção nestes Quadrados revelou realidades muito distintas. Como habitualmente, as fossas ou silos medievais foram responsáveis pela destruição de parte dos níveis do período romano e anteriores. Apesar disso foram escavadas algumas áreas com níveis romanos e da Idade do Ferro.

O **Q 1** apresentava, do topo até à rocha base, um conjunto de níveis de entulhos formados por terras e materiais de construção, juntamente com cerâmica sidérica, romana e medieval. Não se registaram quaisquer níveis preservados.

Em parte da área do **Q 2**, quase à superfície, surgiram níveis romanos preservados, associados a um muro e à base de uma coluna construída com tijolos de quadrante. Na metade Oeste do Quadrado, após uma série de níveis de entulhos medievais, registou-se a presença de níveis da Idade do Ferro.

Nível 0

Níveis superficiais correspondentes ao pavimento do Jardim.

Nível 1

Terras com bastante material de construção correspondentes ao enchimento de uma fossa medieval.

Nível 2

Nível conservado constituído por terras amareladas bastante compacta que se circunscreve à área nordeste do Q. Possui abundante cerâmica romana e fauna mamalógica.

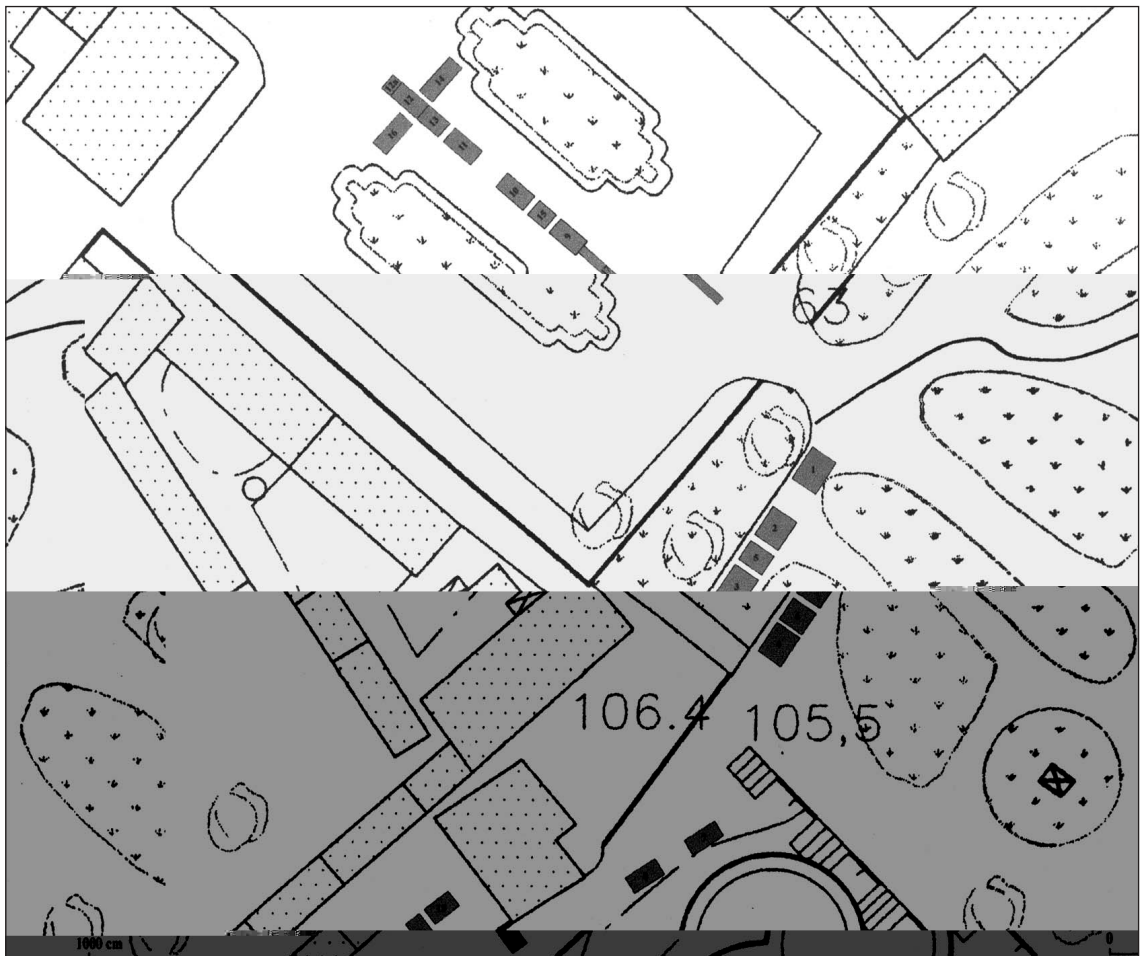
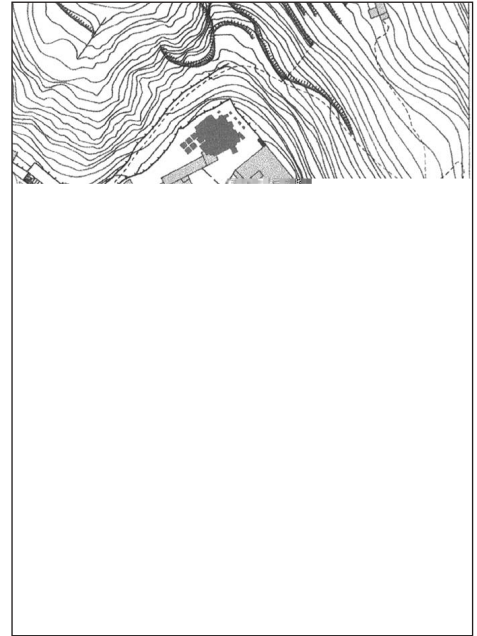


FIG. 31 – Planta das áreas intervencionadas em 1997 (segundo Arruda, 2000, p. 6-130).

Estrutura 1

Sob o nível 1 e 2, corresponde a um muro construído com blocos de pedra e argamassa que tem orientação norte-sul e se localiza paralelamente ao corte este do quadrado.

Base de coluna

Sob o nível 2, construída com tijolos de quadrante.

Nível 3

Nível de revolvimento composta por terra acinzentada solta com materiais desde o período romano ao moderno localizada no canto noroeste.

Nível 4

Nível de revolvimento idêntico ao nível 1.

Nível 5

Na base da estrutura romana e da coluna, é composto por materiais exclusivamente da Idade do Ferro.

Nível 6

Idêntico ao nível 5, apresenta nódulos de adobe.

Nível 7 a 9

Diferentes áreas no quadrado idêntico ao nível 6.

Nível 10

Terras castanhas escuras que se sobrepunham à rocha.

O nível 2 possui abundante espólio romano, constituído por cerâmica muito heterogénea do ponto de vista da sua cronologia. Efectivamente, é vasto o conjunto de cerâmica comum romana e da Idade do Ferro, sendo abundante e diversificada a *sigillata* aqui recolhida. Trata-se de exemplares de quase todos os fabricos de *sigillata* imperial (itálica, sudgálica e hispânica), além das produções tardias africanas que, como constituem os materiais mais recentes, permitem datar este nível. Existem diversos exemplares de *sigillata* Clara D entre os quais as formas Hayes 58 A e B e Hayes 76, esta última datada do primeiro ao terceiro quartel do século V.

Sob o nível 2, detectaram-se estruturas, um muro e a base de uma coluna construída em tijolos de quadrante. Tudo leva a crer que estas estruturas tenham contribuído para a destruição dos níveis anteriores onde assentam – o nível 5. De facto, a análise do espólio deste unidade estratigráfica revela que é constituída, exclusivamente, por cerâmicas sidéricas (cerâmica manual polida, cinzenta, de engobe castanho e pintada em bandas). Os restantes níveis correspondiam à Idade do Ferro.

O enchimento da fossa medieval (nível 1), que afectou parte importante deste Quadrado rompeu os níveis preservados até à rocha base.

No Q 3, também se escavaram níveis conservados do período romano e da Idade do Ferro, desta vez na totalidade da área disponível do Quadrado (Arruda, 2002, p. 160-161).

- *Nível 0*
Corresponde ao pavimento actual do Jardim e aos níveis de terras recentes onde se detectaram valas com tubagens de electrificação e fornecimento de água.
- *Nível 1*
Corresponde ao primeiro nível de terras romanas conservadas.
- *Nível 2*
Continuação do enchimento de valas com tubagens.
- *Nível 3*
Terras castanho amareladas do período romano idêntica ao nível 1.
- *Nível 4*
Corresponde ao derrube da estrutura que se encontra inserida no corte oeste. Apresenta quantidade significativa de materiais de construção (pedra e *tegula*) e cerâmica romana imperial, vidro, metais e fauna mamalógica e malacológica.
- *Nível 5*
Corresponde ainda ao referido derrube e às terras imediatamente sob ele. Possui características idênticas ao nível 4.
- *Nível 6*
Terras amarelo alaranjadas sob o derrube romano inicialmente circunscrito apenas a uma parte de área do Quadrado.
- *Nível 7*
Idêntico ao nível 6, quando se estende por todo o quadrado. Apresentam materiais exclusivamente da Idade do Ferro.
- *Nível 8*
Bolsa de terras castanhas mais escuras romanas junto ao corte oeste.
- *Nível 9 a 12*
Conjunto de níveis da Idade do Ferro.

O nível 1, que corresponde à primeira camada romana, possui uma série de fragmentos de forma indeterminada de *sigillata* originária do Sul da Gália e da Hispânia e da forma Consp. 31.1, proveniente da península itálica (14-20 d.C.). O nível 2 é revolido, mas o nível 3 constitui a continuação dos níveis conservados na área a Sul do quadrado. Apresenta por isso o mesmo tipo de espólio, desta vez com um conjunto de peças de *sigillata* itálica com forma determinada: Consp. 20.1 e 20.4, além de dois exemplares de pratos Drag. 15/17 de *terra sigillata* hispânica e uma ânfora de produção Lusitana, do tipo Almagro 51. O nível 4 parece constituir um nível de derrube, pois apresenta quantidade assinalável de materiais de construção, como pedras e *tegulae*. Neste nível, como nos anteriores registou-se a presença de *sigillata* itálica, sudgálica e hispânica. Nesta última, destaca-se um conjunto apreciável de fragmentos de taças decoradas (Drag. 37) com séries de círculos concêntricos, datados do século II. Existem diversas peças com forma identificada de *sigillata* sudgálica (Drag.

18/31, Drag. 27) e itálica (Consp. 4.6, Consp. 31.1, Consp. 22.6, Consp. 22.1, Consp. 18 ou 20, Consp. 22 ou 23, Consp. 32.2, Consp. R.8.1.1), além de lucernas, cerâmica comum e de paredes finas e ânforas das Classes 3/5, 32 e 67. Quanto ao restante espólio, apresenta abundante cerâmica da Idade do Ferro (comum, ânforas, cinzenta, etc.).

Na remoção deste nível de derrube (nível 5), continuaram a surgir cerâmicas com as mesmas características das anteriormente referidas, sendo portanto abundante a *sigillata* itálica com a forma Consp. 22.6 e Consp. 22 ou 23. É importante referir que o fragmento da forma Consp. 31.1 do nível 5 pertence à mesma peça que o encontrado no nível 1, mostrando que os níveis 1, 3, 4 e 5 devem corresponder a apenas um momento de deposição, que foi artificialmente dividido durante o processo de escavação. O restante espólio é constituído pelo mesmo tipo de materiais que anteriormente descrevi. A leitura e interpretação do conjunto de dados disponíveis leva-me a supor que se trata de um depósito que corresponde a um derrube/destruição produzido no século II, o que é documentado pela presença de *sigillata* hispânica decorada (Drag. 37 A e B), que veio destruir realidades do século I, testemunhadas pelo conjunto de peças de *sigillata* itálica e sudgálica. Importa apenas referir ainda que o nível 8 que correspondia a uma bolsa de terras castanhas escura ainda com materiais romanos, estava situado junto ao corte oeste onde se registava uma estrutura que deve seguir para Oeste e que se encontrava ausente na área do quadrado.

A restante estratigrafia corresponde a diversos níveis sidéricos.

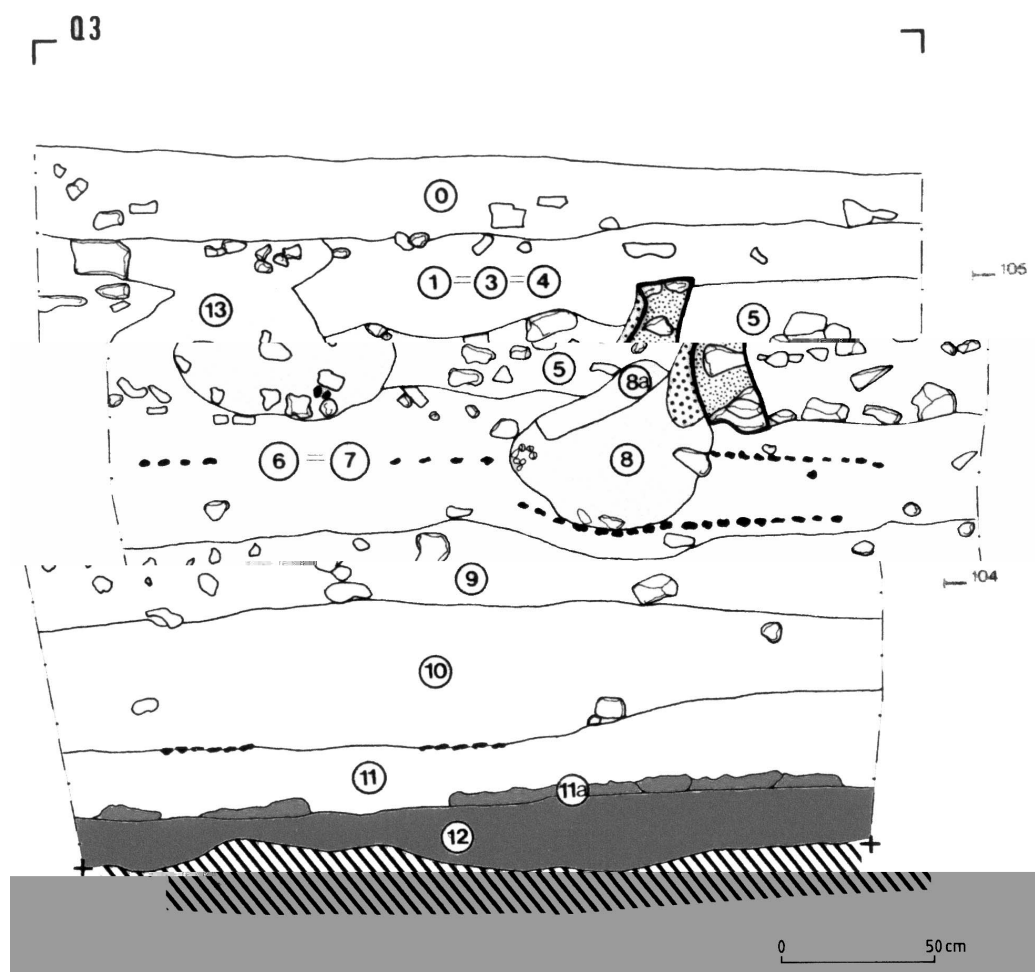


FIG. 32 – Perfil oeste do Quadrado 3 (segundo Arruda, 2000, p. 6-134).

No Q 4, os entulhos medievais destruíram os níveis romanos, tendo-se conservado um importante conjunto de níveis da Idade do Ferro (Arruda, 2002, p. 161-162).

O Q 5 situa-se entre os Q 2 e 3, tendo-se registado a continuação do muro que tinha sido identificado no Q 2, junto ao corte este. Apesar de, sensivelmente ao centro da área, se encontrar um silo medieval, este não afectou a totalidade do quadrado, permitindo a escavação de níveis romanos e da Idade do Ferro.

■ *Nível 0*

Idêntico aos já descritos, corresponde ao pavimento do Jardim.

■ *Estrutura 1*

Corresponde à continuação da parede romana já detectada no Q 2, formada por pedras médias e argamassa.

■ *Nível 1*

Nível conservado do período romano de terra amarelada compacta de grão fino.

■ *Estrutura 2*

Conjunto de pedras possivelmente de um muro perpendicular à estrutura 1.

■ *Nível 2 a e 2 b*

Área com níveis revolvidos quer devido a uma vala de canalizações quer ao enchimento de uma fossa medieval.

■ *Nível 3*

Continuação do enchimento da fossa islâmica.

■ *Nível 4*

Nível conservado romano, sob o nível 1, terra castanha escura avermelhada de grão fino e menos compacta, com espólio da Idade do Ferro.

■ *Nível 5*

Sob a vala de canalizações, espólio romano, materiais de construção e fauna mamalógica.

■ *Nível 6*

Sob o nível 5, apresenta grão fino, uma coloração castanha clara e é compacta.

■ *Nível 7*

Sob o nível 4, camada alaranjada de grão fino e materiais da Idade do Ferro.

■ *Níveis 8*

Continuação da camada 6, mas com menor quantidade de materiais arqueológicos.

■ *Nível 9 a 12*

Diferentes camadas da Idade do Ferro.

Nível 13

Enchimento da vala de fundação da estrutura 1 – muro a este.

Níveis 14 a 18

Conjunto de camadas da Idade do Ferro.

O nível 1 apresenta *terra sigillata* itálica das formas Consp. 20.1, Consp. 36.4 e Consp. 18 ou 20 datadas do final do reinado de Augusto-Tibério, além de cerâmica comum e abundante material da Idade do Ferro entre ânforas, cerâmica cinzenta, pintada em bandas e de engobe castanho. Segue-se o nível 4, que é constituído já exclusivamente por cerâmica da Idade do Ferro, de características idênticas à anteriormente assinalada para o nível 1. O nível 5 é ainda pertencente ao período romano, na área da vala que corre paralela ao corte este. A *sigillata* aqui recolhida é proveniente, na sua totalidade, da península itálica, sendo um dos exemplares da forma Consp. 22.6, portanto do final do reinado de Augusto. O restante material é romano (cerâmica comum, de verniz vermelho pompeiano, ânforas) e da Idade do Ferro. O nível 6 ainda é romano imperial (século I) com *terra sigillata* itálica da forma Consp. 4.6 e *sigillata* sudgálica da forma Drag. 24/25, e cerâmicas da Idade do Ferro.

Particularmente importante é a análise do espólio proveniente do nível 13 que corresponde ao enchimento da vala de fundação da estrutura 1 e que, portanto, permite datá-la. A *terra sigillata* deste nível é maioritariamente itálica, com uma forma Consp. 22 ou 23, datada de meados do reinado do Augusto a finais de Tibério, encontrando-se igualmente parte de um prato de *terra sigillata* sudgálica o que faz avançar a cronologia deste conjunto para o pleno século I. A restante cerâmica não contraria o anteriormente exposto, pois consiste essencialmente em fragmentos de cerâmica comum romana, duas ânforas de produção bética do Guadalquivir de forma indeterminada, mas sobretudo da Idade do Ferro.

O Q 6, entre o Q 3 e 4, apresentava escassos níveis romanos, encontrando-se, tal como o Q 4, bastante afectado pelos revolvimentos medievais (Arruda, 2002, p. 162).

Os Q 7 e 8 seguiam o traçado da futura vala para instalação de esgotos e situavam-se junto às instalações sanitárias existentes no Jardim. O Q 8 estava remexido desde os níveis superficiais até cerca de 2,70 m de profundidade.

No Q 7, encontraram-se níveis conservados romanos associados a uma parede de bom aparelho romano.

Nível 0

Idêntico aos já referidos.

Nível 1, 2 e 3

Terras castanhas escuras acinzentadas bastante compactas, com materiais medievais do século XI e XII.

Estrutura 1

Muro romano que segue junto ao corte este.

Nível 4

Nível romano conservado, de terras castanhas esverdeadas e amareladas que segue um declive no sentido norte-sul. Possui materiais de construção e fragmentos de estuque pintado.

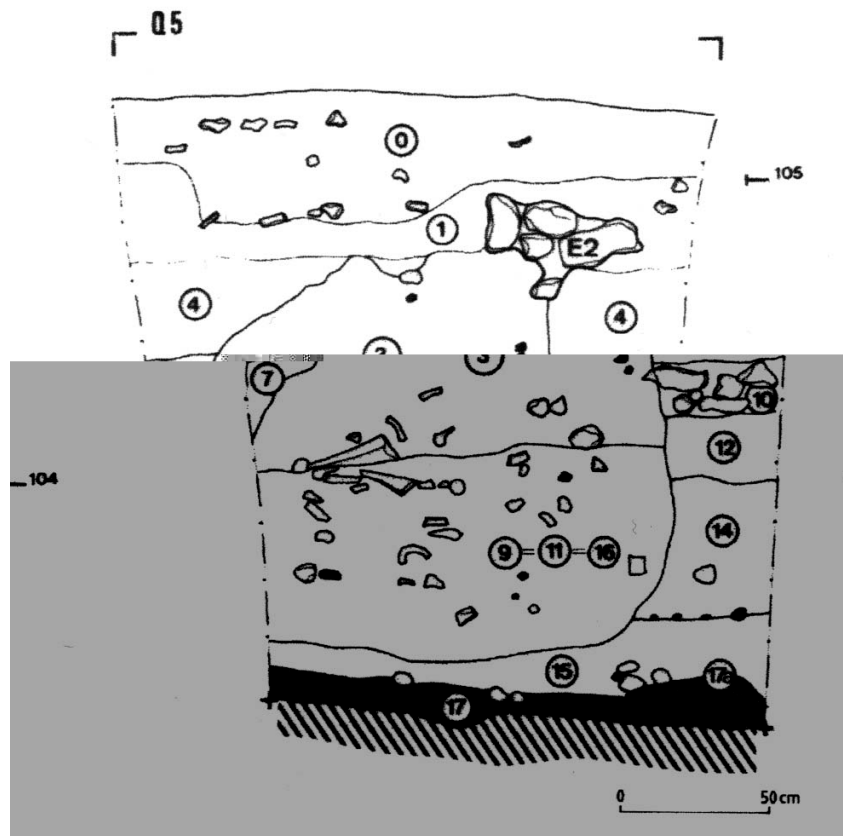


FIG. 33 – Perfil oeste do Quadrado 5 (segundo Arruda, 2000, p. 6-137).

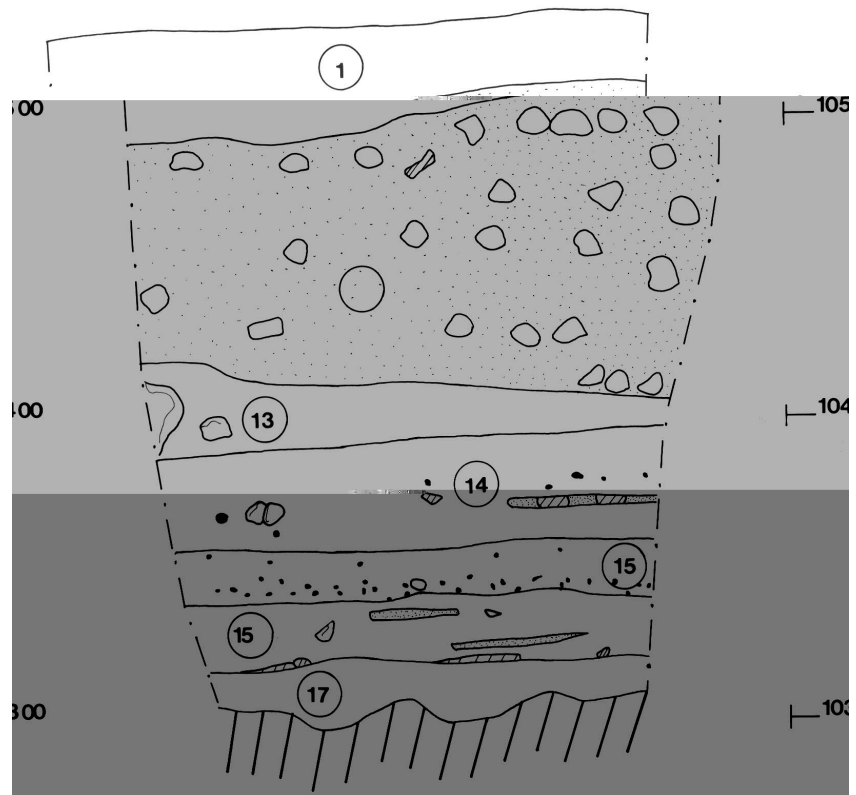


FIG. 34 – Perfil este do Quadrado 5.

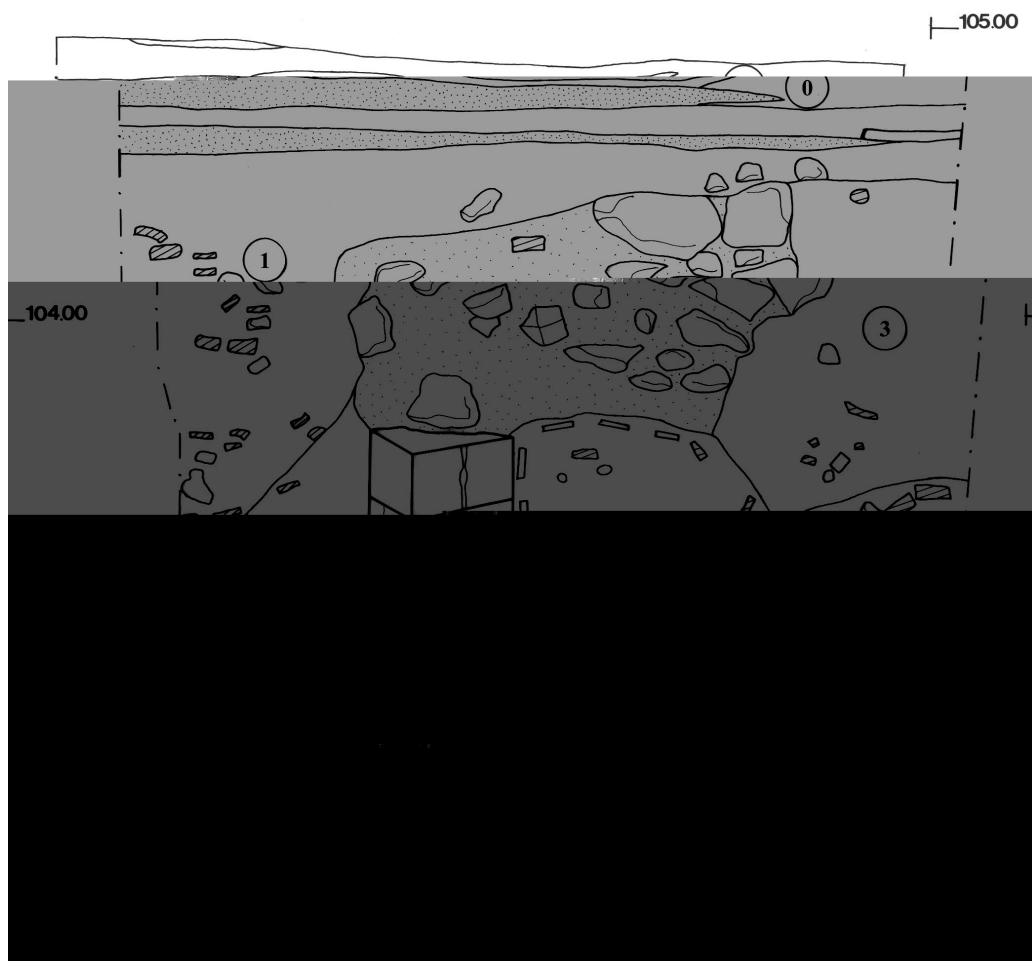


FIG. 35 – Perfil este do Quadrado 7.

Neste quadrado, o nível 4 desperta um particular interesse, pois nele foram encontrados inúmeros fragmentos de estuque pintado provenientes do revestimento do muro romano situado junto ao corte este. Este nível apresenta uma potência considerável, o que justifica também a abundância de materiais encontrados. A *terra sigillata* é constituída maioritariamente pelas produções imperiais (itálica, sudgálica e hispânica) registando-se um único fragmento de *sigillata* clara C, de forma indeterminada, e produção baixo imperial. O espólio deste nível completa-se com um conjunto considerável de cerâmica comum e escassos testemunhos de paredes finas e de campaniense. Este nível deve datar-se do século II considerando-se a *sigillata* clara C uma intrusão proveniente da fossa que atravessa a área escavada.

Na área do Jardim/Viveiro, foram ainda escavados dois quadrados Q 18 e 19 numa área adjacente ao Restaurante das Portas do Sol, tendo revelado uma estratigrafia complexa com uma sucessão de níveis da Idade do Ferro e romanos republicanos.

No Q 18 os níveis 9 e 12 correspondem ainda ao período romano republicano onde foi aberta uma fossa romana tardia, cujos estratos de enchimento correspondem ao nível 11, apresentando escassos quatro fragmentos de *sigillata*, de proveniência hispânica, sudgálica e africana tardia.

No Q 19, regista-se apenas um estrato romano imperial, que cobre os muros romanos republicanos, correspondente ao nível 9, mas no inventário não consta nenhum fragmento de *terra sigillata*.

4.2.5.2. Escavações no Largo da Alcáçova

Alguns dos quadrados do Largo apresentavam, imediatamente sob o enrocamento do pavimento de alcatrão, níveis conservados da Idade do Ferro. Tal como é habitual na Alcáçova, estes não se estendiam por extensas áreas, pois, em alguns casos, tinham sido afectados por fossas medievais e pela construção de habitações modernas.

No Q 9 e Q 10, estavam ausentes os níveis da época romana, registando-se uma potência considerável da Idade do Ferro.

4.2.6. Escavações de 1998 na Av. 5 de Outubro n.º 9

Esta intervenção apenas revelou *terra sigillata* nos seus níveis de entulhamento medievais ou superficiais. Muitos dos níveis conservados aqui escavados pertencem ao período romano, mas são certamente anteriores a 30 a.C., portanto republicanos. Também se encontraram unidades estratigráficas atribuíveis à Idade do Ferro.

4.3. Síntese dos dados da estratigrafia da Alcáçova (1983-1998)

Qualquer síntese sobre a estratigrafia da Alcáçova corre o risco de ser redutora. Os dados disponíveis sobre os trabalhos realizados em toda a área do Jardim não permitem definir claramente um faseamento das realidades observadas. Ainda mais reduzidos são os elementos relativos ao urbanismo, sendo impossível conhecer, actualmente, os diferentes ritmos de construção, remodelação e abandono ou destruição do mesmo. À descontinuidade com que se apresentam as unidades estratigráficas identificadas, junta-se a descontinuidade das próprias áreas escavadas, dificuldade que apenas na campanha de 1999/2000 foi atenuada.

Mesmo assim, existem alguns traços comuns entre os níveis arqueológicos do período romano que se devem destacar. Efectivamente, a análise da terra *sigillata*, conjugada com as informações do restante espólio, permite salientar alguns traços característicos da estratigrafia da Alcáçova, relativamente aos dados das campanhas anteriores a 1999:

1. Parte significativa das unidades estratigráficas aqui registadas dizem respeito a níveis de entulhamento/ destruição ou nivelamento produzidos num momento difícil de determinar com exactidão, no período romano imperial, aos quais não foi possível associar quaisquer construções romanas. Neste caso, estamos, normalmente, perante níveis em que surgem materiais arqueológicos muito heterogéneos. Nesta situação encontram-se, por exemplo o nível 3 de F 15, o nível 3 de G 16, o nível 5 do sector B, a totalidade dos níveis romanos do corte 7. A cronologia da destruição não corresponde sempre ao mesmo período, não sendo por vezes claro o momento da sua constituição. Como se constatou, estas realidades estratigráficas são o que resta dos níveis romanos depois das destruições provocadas pela abertura dos silos ou fossas islâmicos ou da construção de estruturas modernas.

2. Igualmente sem relação com qualquer estrutura, encontra-se um conjunto de níveis também de deposição secundária, cujo momento de formação foi possível datar. Independentemente da sua cronologia, verifica-se que estes níveis provocaram a destruição de outros também romanos, mas mais antigos, ou mesmo da Idade do Ferro, pois

incorporam uma quantidade significativa de espólio destes períodos. O nível 3 de G 16 e nível 3 e 4 de H 18 parecem ter-se formado no século II, cronologia obtida pela presença de *terra sigillata* hispânica. Na área do templo romano, no Q 5, o nível 5 corresponde a um nível do período romano imperial (tardo augustano ou mesmo tiberiano) que provocou a destruição dos estratos da Idade do Ferro que estão imediatamente sob ele.

3. Outra “categoria” de unidades estratigráficas da Alcáçova diz respeito a níveis idênticos aos anteriores, mas desta vez associados a estruturas. Tal como já se referiu, estas estruturas encontram-se bastante destruídas para que seja possível definir a sua função embora se deva tratar de muros de habitações. Quanto ao momento de formação destes níveis de entulhamento/derrube ou destruição, a sua datação difere, podendo situar-se no século II, como sucede no caso do nível 6 de J 14 e no nível 5 e 6 de K13, além do entulhamento no sector da muralha da Alcáçova virada à estrada de Alfange. Quanto aos níveis romanos de J13 parecem estar relacionados com o período entre meados e finais do século I.

4. As sequências estratigráficas do corte 7 e do corte 8.I, como se observou, são mais complexas e não se integram neste quadro, já que conservam níveis associados à construção de estruturas romanas (enchimento da sua vala de fundação), e as estruturas propriamente ditas e apresentam também os seus níveis de derrube/destruição e abandono.

5. Níveis relacionados com a construção do templo romano. Conservaram-se, sobretudo na fachada oeste (Q 9 e 9B, Q11 e 13), níveis associados a construções romanas republicanas que foram destruídas aquando da construção do templo. Junto da fachada sul também se detectaram níveis romanos e estruturas nas mesmas condições.

6. Níveis associados à utilização do templo. Trata-se essencialmente de um conjunto de estratos que se detectaram junto à fachada Norte do *podium* (Q 12, Q 14/17 O e Q 14/17 E).

7. Os estratos de derrube associados à destruição de estruturas romanas (níveis 1, 3, 4 e 5) estão bem documentados em 1997 (área do Jardim) no Q 3, em que definiu um nível do século II que terá destruído realidades anteriores do século I. Do mesmo modo, os níveis identificados, nesse mesmo ano no Q 2, apontam para a destruição de paredes romanas (habitação), mas desta vez os estratos que cobrem estas paredes formaram-se em época mais tardia. Está presente a *sigillata* clara D com formas datadas já do século V. A vala de fundação da parede encontrava-se conservada no Q 5 (nível 13), para onde esta estrutura se prolongava, o que possibilitou datá-la período republicano. Ainda neste Q 5, os níveis 5 e 6 devem corresponder à utilização desta parede, em pleno século I d.C. A mesma situação, presença de estratos de derrube associados a estruturas romanas, encontra-se no Q 7 (1997). Neste caso, o nível 4 documenta um derrube, do qual fazem parte inúmeros materiais de construção, com especial destaque para os fragmentos do estuque pintado de revestimento das paredes. Este estrato de destruição está datado do século II. De referir que a estrutura desta parede em nada se assemelha à identificada no Q 2 e 5. Trata-se, no primeiro caso, de uma parede da qual se pode observar um extremo, e que foi construída com blocos de calcário bem aparelhados. Quanto ao muro romano que se encontra nos Q 2 e 5, foi construído com blocos de pedra e argamassa.

Como se pode verificar, o carácter fragmentário das estruturas e níveis não permite, para as intervenções realizadas anteriormente a 1999, reconstituir o faseamento do urbanismo romano. Mesmo sendo possível esboçar uma tipologia dos aparelhos construtivos utilizados na construção das diferentes paredes, é difícil integrar estes dados com as cronologias propostas para a fundação destas construções, sua utilização e abandono.

4.4. Escavações de 1999 e 2000 na área dos antigos viveiros. Síntese dos resultados.

A intervenção arqueológica de 1999/2000 realizou-se na área dos antigos viveiros, designada por sector 1, sondagens A, B e C. Corresponde a uma área de 351 m². Cerca de dois terços da *sigillata* que constitui o objecto deste estudo provém desta área, o que corresponde a cerca de 80% da *terra sigillata* recuperada em Santarém. Efectivamente, na campanha de escavações que decorreu em 2000 ainda se removeram níveis arqueológicos romanos imperiais, de onde se recolheram fragmentos de *terra sigillata*. Os trabalhos de 1999-2000 foram dirigidos, no terreno, por Rui Roberto de Almeida.

A intervenção arqueológica foi motivada pela necessidade de documentar os vestígios de ocupações antigas na área que se previa viesse a ser ocupada por um Parque de Estacionamento, conforme o estabelecido no projecto de arranjo do Largo da Alcáçova.

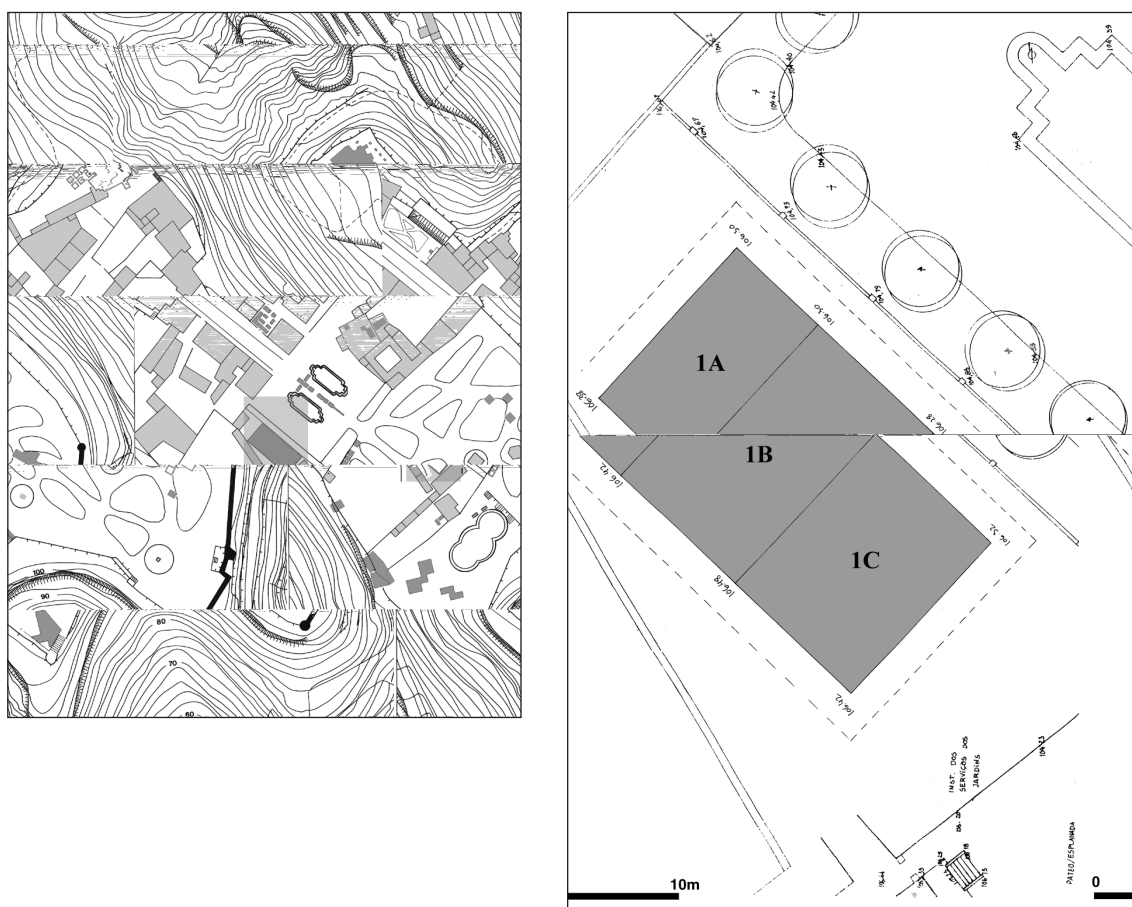


FIG. 36 – Sectores intervencionados em 1999-2000, na área dos Viveiros do Jardim.

Os diferentes sectores foram escavados separadamente, segundo o sistema *open area*, tendo por base o método preconizado por Barker-Harris.

Sendo impossível, e distante dos objectivos a que me proponho, apresentar a totalidade dos dados relativos à estratigrafia observada, destacam-se os níveis arqueológicos correspondentes à ocupação romana, tardo-republicana, imperial e tardo-romana, por serem os que permitem retirar alguns dados sobre os diferentes fabricos de *terra sigillata*. Infelizmente, e ao contrário do que foi possível realizar para as intervenções antigas, não se podem confrontar os dados da estratigrafia e da *sigillata* com o restante espólio exumado, pois o inventário geral encontra-se ainda incompleto.

Neste momento, a escavação dos níveis romanos foi concluída, tendo-se procedido em 2000 a acções que visavam a valorização das estruturas postas a descoberto. Está prevista ainda a continuação da intervenção, em profundidade, no sector C, com vista à escavação dos níveis da Idade do Ferro.

A análise da muito complexa estratigrafia do sector 1 A, B e C, permitiu estabelecer grandes fases de deposição de sedimentos relacionados com as estruturas detectadas. Trata-se de uma interpretação, necessariamente preliminar, efectuada com base, sobretudo, na sequência estratigráfica, complementada com a leitura dos materiais recolhidos no terreno. A cronologia absoluta que se propõe, no que diz respeito aos níveis romanos imperiais, tem por base a análise sumária dos materiais, para as grandes fases, tendo a classificação da *terra sigillata* permitido aferir uma cronologia mais fina. Não se referem detalhadamente, neste trabalho, os níveis correspondentes aos períodos moderno/contemporâneo ou islâmico/medieval, mas é forçoso apontá-los enquanto responsáveis pela destruição e intrusão/contaminação dos níveis antigos anteriores. Efectivamente, são abundantes as intrusões medievais, identificadas sob a forma de fossas/silos, que, pela elevada densidade, em muito contribuíram para o facto das realidades estratigráficas observadas serem horizontalmente descontínuas. A construção, em época indeterminada, possivelmente já no século XX, de um viveiro de plantas relacionado com as instalações da Autarquia no Jardim das Portas do Sol, também contribuíram, sobretudo no sectores B e C, para a destruição de importantes níveis arqueológicos romanos tardo-republicanos, imperiais e tardios. Indicam-se, de seguida, as principais características do faseamento para o período romano e apontam-se, a título de exemplo, algumas das UEs que o documentam.

A definição de 5 fases no período romano, efectuou-se tendo por base sobretudo os dados relativos à campanha de 1999/2000, mas centrada no sector 1 B e 1 C. A fase 1 corresponde a uma série de edificações que definem compartimentos de planta rectangular, datados do período tardo-republicano. No período compreendido entre o início do reinado de Augusto e os finais do século I, assiste-se a uma grande construção, à remodelação dos espaços previamente edificados, e à sua utilização. Este período corresponde à Fase 2. A fase 3 caracteriza-se por uma série de remodelações e novas construções, bem como os correspondentes estratos de utilização. É proposta uma cronologia de finais do século I / inícios do século II, a meados desta mesma centúria, ou, muito provavelmente, a um momento relativamente posterior. A fase 4 corresponde a um momento da segunda metade do século II até ao IV, em que se constroem novas paredes, de tijolo, se pavimentam determinadas áreas e se reparam outras, utilizando-se ainda algumas das estruturas anteriores. A Fase 5 está apenas representada no sector B, por uma parcela de um compartimento, podendo datar-se de finais do IV a finais do V.

Pode ensaiar-se uma análise mais detalhada da proposta de faseamento, referindo-se, a título de exemplo, algumas das Unidades Estratigráficas (UEs) escavadas.

A **Fase 1** corresponde à construção, utilização e abandono de um conjunto de estruturas de função ainda difícil de determinar. Definiram-se diversos compartimentos, com níveis associados à sua fundação e utilização/abandono que apontam para uma datação do período tardo-republicano. A título de exemplo, verifica-se que a UE [339] se encontra directamente associada à construção dos muros da Fase 1. Pertence ainda a esta fase, um conjunto de estratos que correspondem à ocupação/utilização das estruturas identificadas, por exemplo da UE [297] no interior do compartimento 1.

No sector 1 C esta fase corresponde, em parte, a uma área exterior, a que pertencem as UEs [331], [281] e [270], e aos compartimentos das áreas 7,8, 9 e 10.

A cronologia das UEs apontam para uma ocupação do período tardo-republicano, o que está testemunhado pela presença de materiais característicos deste período, em associações que tinham já sido documentadas anteriormente na Alcáçova.

A **Fase 2** corresponde a uma série de novas construções e a remodelações operadas nos edifícios anteriores. Algumas paredes deixam de estar em utilização, sendo outras alteadas e definindo-se mesmo novos compartimentos e espaços. O conjunto de níveis relacionados com a utilização destas estruturas permitiu datá-lo do período romano imperial. A UE [203], por exemplo, corresponde ao enchimento da vala de fundação de um muro no qual apenas se encontrou um fragmento de *sigillata* itálica e outro de *sigillata* clara D, certamente uma intrusão de uma das inúmeras fossas aí encontradas, que destruiu sectorialmente o próprio muro bem como a respectiva vala de fundação.

A utilização do compartimento 2 está documentada, por exemplo, pelas UEs [144]/[216]/[143] e [131]. Esta última, um piso, corresponde a um momento de utilização intermédio da referida fase, podendo apontar-se uma cronologia da primeira metade do século I, se se atender à presença exclusiva de *terra sigillata* com origem na península itálica e no Sul da Gália. As UEs [129] e [130] equivalem-se, cobrindo as UE anteriores os muros da Fase 2.

No sector 1 C, esta fase é documentada, entre outras, por uma camada de argilas [246] e outra de caliças com argilas [260], estratos que se podem datar do período compreendido entre o final do reinado de Augusto e o de Tibério.

Pertence à **Fase 3** um conjunto de construções e de camadas correspondentes ao final da ocupação alto imperial. Esta fase é caracterizada pelo re-arranjo de parte dos edifícios anteriores, pelo abandono de muitos dos compartimentos da Fase 2, verificando-se, sobretudo, uma nova organização do espaço habitacional, que passa pela construção de novos compartimentos. Embora de menor expressão que as da fase precedente, estas edificações marcam, no entanto, uma ruptura estrutural com as construções anteriores.

Algumas paredes desta fase foram seguramente destruídas pela construção, em época recente, de um viveiro/estufa para plantas, pertencente às instalações do Jardim. Exemplificando a sequência desta fase, encontram-se as UEs [122 e 132], estratos que cobrem parcialmente os muros da fase anterior do compartimento 2, encostando, por sua vez, aos muros reconstruídos e a outros edificados de raiz. Num momento posterior, a colmatar o final da utilização deste espaço, encontramos, entre outras, as UEs [119] e [125], verificando-se nesta última a presença de *sigillata* clara A. Dado a única forma identificada ser uma tigela Hayes 14/17, a cronologia destes níveis seria do período compreendido entre meados do século II a meados da centúria seguinte o que torna difícil a sua interpretação no quadro dos restantes dados observados. Deve mencionar-se como justificação possível para a intrusão destes materiais, que estes níveis se encontram cortados por treze fossas/silos medievais.

Associados às estruturas construídas, detectaram-se no sector 1 C, na área que se designa por 5, estratos de aterro ou nivelamento, como a UE [232], utilizados em simultâneo com a UE [229], que constitui um piso de argila. Ainda associado à utilização destas

estruturas, assiste-se a uma nova repavimentação com várias camadas. O estrato [154] corresponde a um piso de argamassa e a UE [160] é um pavimento de *opus signinum*. Este último incorpora inúmeros fragmentos de *sigillata* maioritariamente com origem no Sul da Gália, portanto com cronologia que se propõe, posterior a meados ou finais do século I. A UE [172] cobre os níveis anteriores e é constituída, no que diz respeito à *terra sigillata*, por um conjunto formado, igualmente, sobretudo por *sigillata* sudgálica. Deste modo, pode afirmar-se que a *sigillata* clara D que se regista na UE [157], e cobre parcialmente a [172] constitui certamente uma intrusão resultante da escavação de uma das inúmeras fossas que rompem este estrato.

A **Fase 4** engloba as paredes romanas tardias, construídas maioritariamente com tijolo, e os estratos relacionados com a sua ocupação/utilização. O estrato [159], um outro pavimento de *opus signinum*, está associado à parede de tijolo UE [152] e a um fragmento de fuste reaproveitado como parte integrante do que seria um muro paralelo a este. Aqui, apesar da *terra sigillata* sudgálica ser maioritária, julgo que a ocorrência de *sigillata* hispânica é já representativa desta cronologia mais tardia, de inícios/meados do século II. Os níveis associados à utilização/destruição destas estruturas correspondem, por exemplo à UE [151]. Sobre esta realidade, verificou-se a existência de outros depósitos de aterro/nivelamento posteriores, a colmatar os referidos derrubes. Entre estes, contam-se as UEs [83] e [140] cuja *sigillata* permite propor uma cronologia do século IV ou mesmo do século V dada a presença de um conjunto significativo de fragmentos de *sigillata* clara A, C e D. Os estratos que cobrem parcialmente as outras estruturas integrantes desta fase, e o seu abandono/destruição, documentando um momento relativamente posterior a este, consistem nas UEs [71], [87], [81] e [96].

A **fase 5** encontra-se apenas representada no sector B. Existem apenas vestígios de dois muros que pertenceriam a um compartimento. Um desses muros sobrepõe-se à parede de tijolo tardia UE [108], estando o outro construído sobre a UE [76], que constitui o solo de *habitat* deste espaço. Atestando este mesmo momento, encontra-se no sector 1C a UE [95], sobre as UEs [140] e [83]. Ambas apresentam uma proporção significativa de *sigillata* clara D com cronologia de meados do século IV ou do século V.